N.º 25 ★ 21-6-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

A CENA muda



CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES




AT. SEMOG
INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46·48 - SETE DE SETEMBRO 199·201

DAVID: A HISTÓRIA DE UM GALENSE

Por STEPHEN WATTS

Copyright do B. N. S. especial para *A CENA*

Londres — O bem inspirado prêmio que David Selznick instituiu o ano passado para os filmes europeus que mais tenham feito para promover a compreensão entre países, será entregue pela segunda vez no Festival de Filmes de Veneza, êste verão, e já os júris estão começando a examinar candidatos em cada um dos grupos de linguagem. Não é um prêmio que qualquer filme possa merecer, mas creio que assisti aqui, em Londres, a um capaz de conquistá-lo.

Trata-se de um modesto filme intitulado "David", com apenas uma hora de projeção, e feito especialmente para o Festival da Grã-Bretanha. O Comitê Galense achou uma boa idéia realizar um filme que mostrasse ao visitante alguma coisa de Gales. Esperava-se que o resultado fôsse uma narrativa ou um documentário rígido, mas não é uma coisa nem outra; é a história de um homem.

O argumento e a direção de "David" foram confiados a Paul Dickson, que fêz o ano passado para o Ministério das Pensões da Grã-Bretanha, um notável e comovente filme sôbre a rehabilitação de mutilados de guerra, intitulado "The Undefeated".

CARÁTER GALENSE

O galã, é lógico, é um galense, e no decurso de sua história á muito de informação e observação sôbre a vida de Gales nos últimos 50 anos, e muito do que é uma autêntica apresentação do caráter galense. "David" não é desempenhado por um ator profissional mas pelo bedel da escola de uma pequena cidade galense, D. R. Griffiths. O filme se prende à vida e à verdade tão estreitamente quanto possível. Foi realizado na cidade de Ammanford nos campos carboníferos ao sul de Gales, e quase todos os atores são pessoas do lugar. David é um belo tipo de homem com um rosto firmemente cinzelado por dura experiência, mas essencialmente afável e bom. Vêmo-lo desempenhando sua humilde tarefa — esfregando o chão do colégio — mas nada há de servil em sua atitude. Para os alunos êle é um pai e um amigo. E' a um dos meninos, num passeio na montanha por trás da cidade, que êle conta sua história.

E' uma história humana, mas se notam nela muitos traços que são característicos do lugar e do povo.

O filme não é impecável; tem seus momentos infelizes, com sentimentos vulgares excessivamente explorados, coisas que o tornam convencional. Um exemplo é a cena desnecessária do nascimento de uma criança, que mais parece cinematográfico do que real.

Mas a grande fôrça do filme está na sua simplicidade e verdade, convencendo o espectador de que o que êle assistiu é a vida na comunidade de Gales, e que êle viu, pelo menos de relance, o que se passa nos corações e nos espíritos de pessoas na vida real. Essa a razão por que o filme satisfaz perfeitamente seu objetivo. Onde fôr o filme exibido, os que o assistirem aprenderão, entenderão melhor do que dantes, e forçosamente simpatizarão com o povo de outra terra. Vemos, assim, como um filme sem pretensão pode contribuir para um grande fim.

à margem do espetáculo

No ôlho mecânico

FECHOU o cinema Alvorada, em Copacabana. O público fica assim privado de assistir, na zona sul, a alguns poucos espetáculos de primeira linha do cinema francês. Transformado em teatro, Procópio Ferreira abrirá a temporada.

★

SEM justificativa de espécie alguma, o circuito do Plaza passou a cobrar Cr$ 10,00 o ingresso para a exibição de "Sansão e Dalila", espetáculo colorido que nada apresenta além do comum. Alegam os exibidores que o aumento se justifica em virtude do horário ser mais extenso. Nesse caso, por que o "Art Palácio", que é um cinema de luxo, não fêz o mesmo quando da exibição de "Fabiola"? E por que outros cinemas não reduzem o preço quando as sessões não chegam a duas horas de projeção? Um absurdo, amigos. Tanto mais absurdo depois que se assiste ao filme.

★

E ninguém se anima a construir cinemas na Capital da República. Cresce a população e os cinemas existentes, caindo aos pedaços, não satisfazem as exigências do público, cada vez mais numeroso. Na Cinelândia, por exemplo, não existe um cinema sequer que se possa chamar de luxo, com exceção dos razoáveis "Palácio" e "Vitória", do circuito Ribeiro. O resto são casas velhas, aparentemente reformadas, sem os primários requisitos de confôrto para as platéias. Mas, segundo madame La Marquize, *tout va très bien*... para os donos do "trust".

★

UMA nova modalidade de anúncio impingida ao público: discos, nos intervalos das sessões. O cúmulo da exploração. O espectador, como sempre, continua pagando as verbas da propaganda alheia.

★

DIZEM que David O. Selznick não envia ao Brasil os seus famosos "Duelo ao Sol" e "O Retrato de Jennie", em virtude do preço muito reduzido dos ingressos nos cinemas brasileiros. Ao que parece, o milionário produtor cobra uma fortuna por seus filmes, que já renderam milhões, e nenhum distribuidor se aventura a trazê-los. Ingenuidade, certamente. Porque o certo é que até a Cr$ 1,00 por ingresso, a julgar pela escassez de casas em nosso território, qualquer filme dará lucro. Especialmente nos longos circuitos que circulam por esta capital de cinemas — sem cinemas.

★

AS poltronas dos cinemas chamados de luxo continuam rasgadas, sem que a direção tome a iniciativa de consertá-las. Em verdade, alguns maus-elementos, de gilete em punho, andam à sôlta, fazendo suas molecagens na penumbra. Contudo, agora que a polícia resolveu tomar medidas enérgicas nesse sentido, por que não são feitos êsses reparos indispensáveis ao confôrto do público?

★

ENTÃO não se justifica também aquêle letreiro inicial, uma xaropada sem fim, que fica diante dos olhos da platéia quase cinco minutos, como uma ameaça que é comprido, mas não é cumprida — com trocadilho e tudo.

★

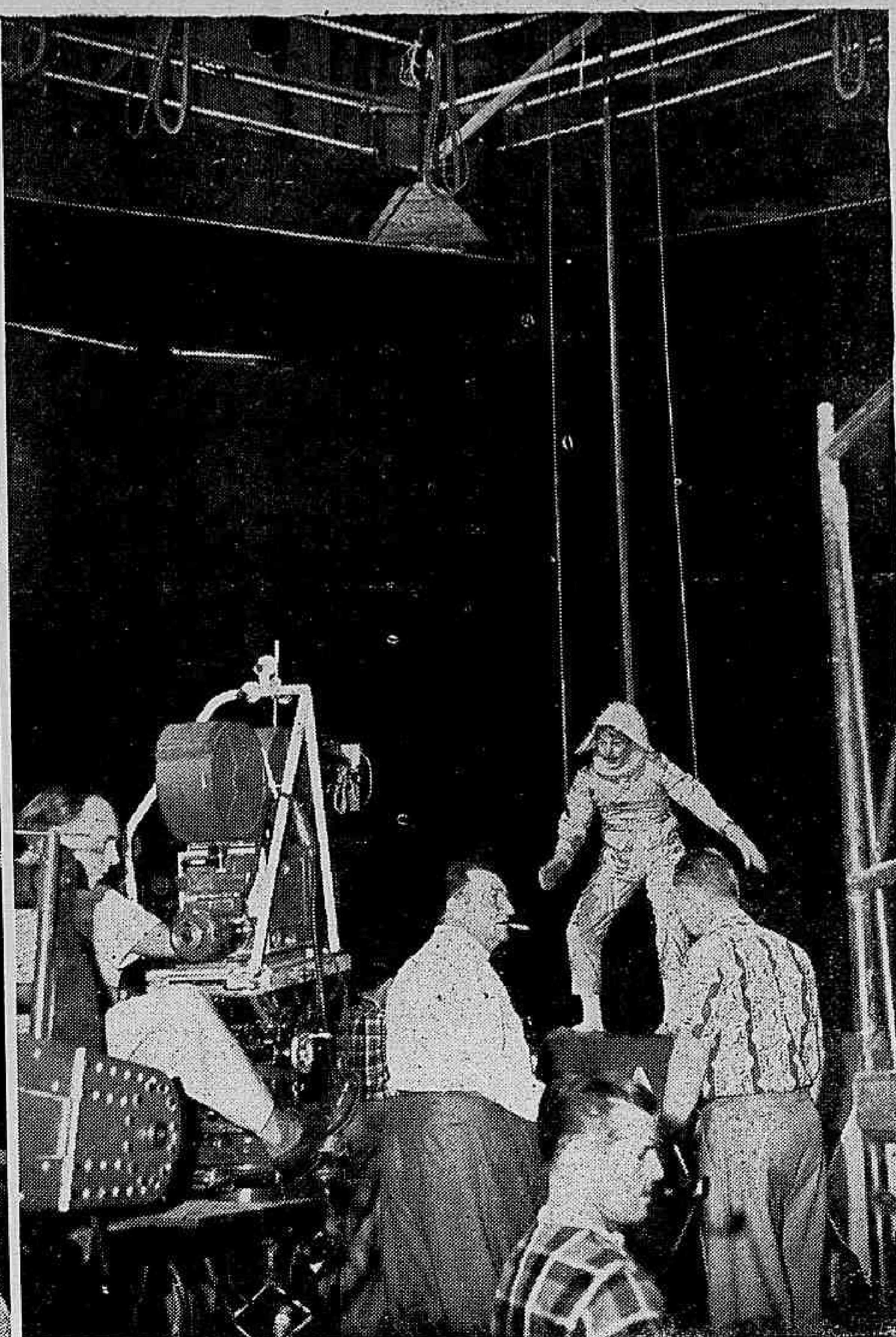
AS dependências sanitárias do cinema Roxy, em Copacabana, são lastimáveis. Portas sem trinco, lavatórios sujos, vasos condenáveis, exalando mau-cheiro para dentro do salão. Um absurdo em pleno coração da zona elegante da cidade. E assim, outros cinemas pecam pelo mesmo êrro. Que se mirem no exemplo dos três Cines-Metro, cujas dependências sanitárias são limpas a cada instante, mantendo uma higiene constante e irreprimível. Honra ao Metro, senhores.

★

OS complementos nacionais continuam sendo uma calamidade. E, o que é pior, uma calamidade obrigatória.

leon eliachar



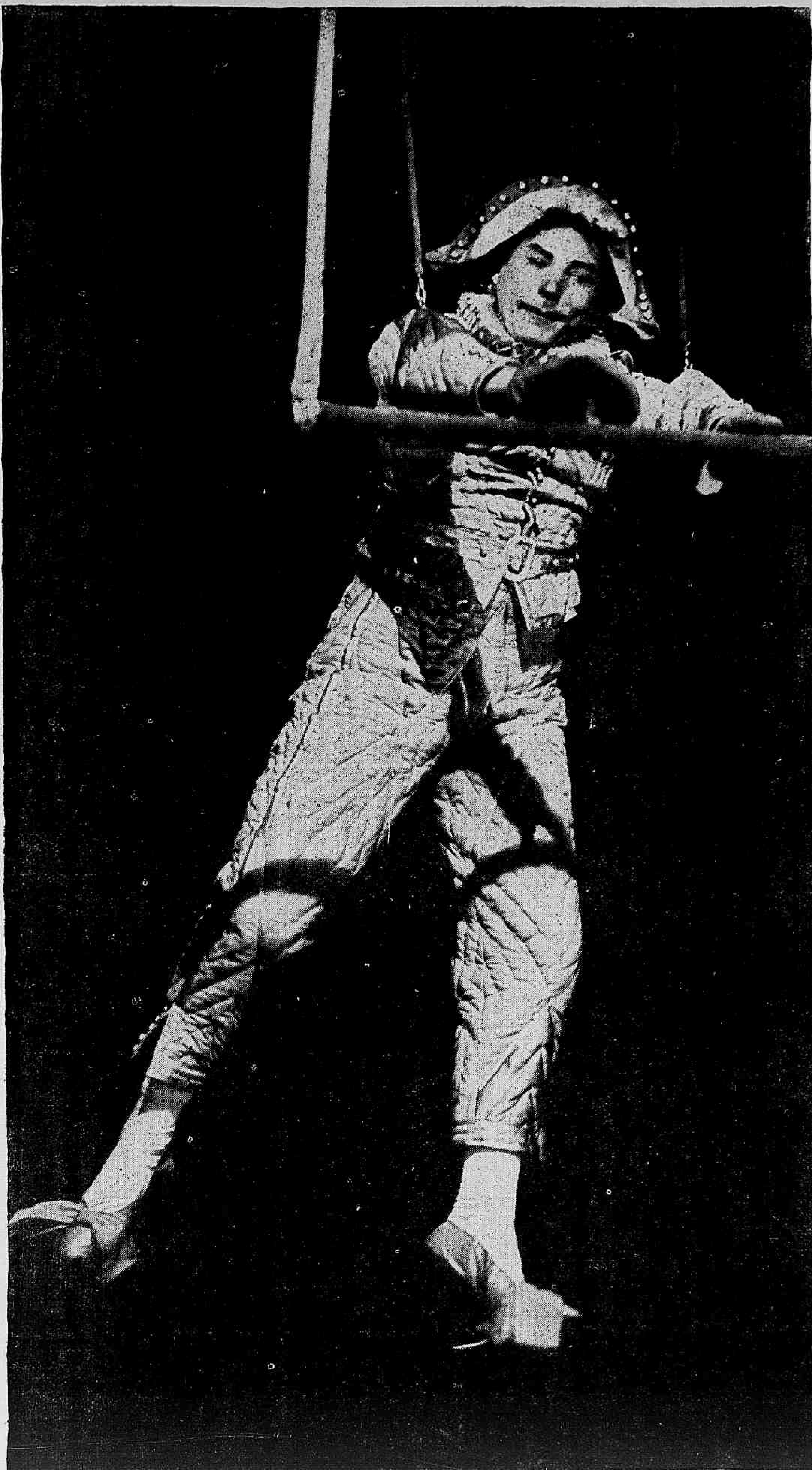


DANNY KAYE VIROU BONECO

DANNY KAYE, um dos melhores e mais versáteis cômicos do cinema contemporâneo, venceu ràpidamente em Hollywood e tornou-se popular e aplaudido desde o seu primeiro filme — «Sonhando de Olhos Abertos», para a R.K.O. Daí em diante, passou a fazer apenas um filme por ano naquela companhia. Expirando o contrato, passou-se para a Warner Bros., onde fêz, recentemente, o «Inspetor Geral». Tornou-se «free-lance» a fim de poder dividir o seu tempo entre o cinema, rádio e teatro, pois Danny acha indispensável que qualquer ator mantenha sempre um contacto direto com o público. Todavia, não resistiu à proposta que lhe fêz a 20th Century Fox para estrelar o filme de Walter Lang, «Escândalo na Riviera» (On The Riviera), um musicolor onde aparecem ainda Gene Tierney e Corine Calvet. Nessa película, onde existem inumeros bailados de grande efeito, destaca-se







especialmente a original coreografia de um dos números de Jack Popo — «The Puppet» — onde Danny Kaye e os demais bailarinos imitam marionettes, resultando num espetáculo sui-generis, como podemos verificar pelas fotos que apresentamos em primeira mão para os nossos leitores.

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 26 ★ 21-6-51

SUMÁRIO

David, o 3
No ôlho mecânico (Leon Eliachar) 3
Danny Kaye virou boneco 4
Tripoli (cine-romance) 6
Antônio Leite apaixonado (Milton Salles) 10
Candidate-se ao cinema brasileiro 11
Antes e Depois 14
Mulher cobiçada (resumo) ... 15
O rádio a serviço do intercâmbio luso-brasileiro (Mário Ives) 16
Voltam os filmes russos 17
Entre os idolos de ontem (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 18
Flashes mundiais 20
Don Juan de Serralonga (resumo) 22
Correio do fã 24
Coluna do fã 25
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 26
Telas da cidade 27
Rádio (Armando Migueis) ... 28
Discos (Frankie) 30
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha) .. 33
Pausa para meditação 34
Glossário (Hugo Schlesinger) 34

C A P A :

Victor Moore e Terry Moore
(R.K.O.)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

E X P E D I E N T E

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. **Uruguai**: Moratório & Cia., Constituinte, 1746, Montevidéu. **Sucursal na Argentina**: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. **Tôda** correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

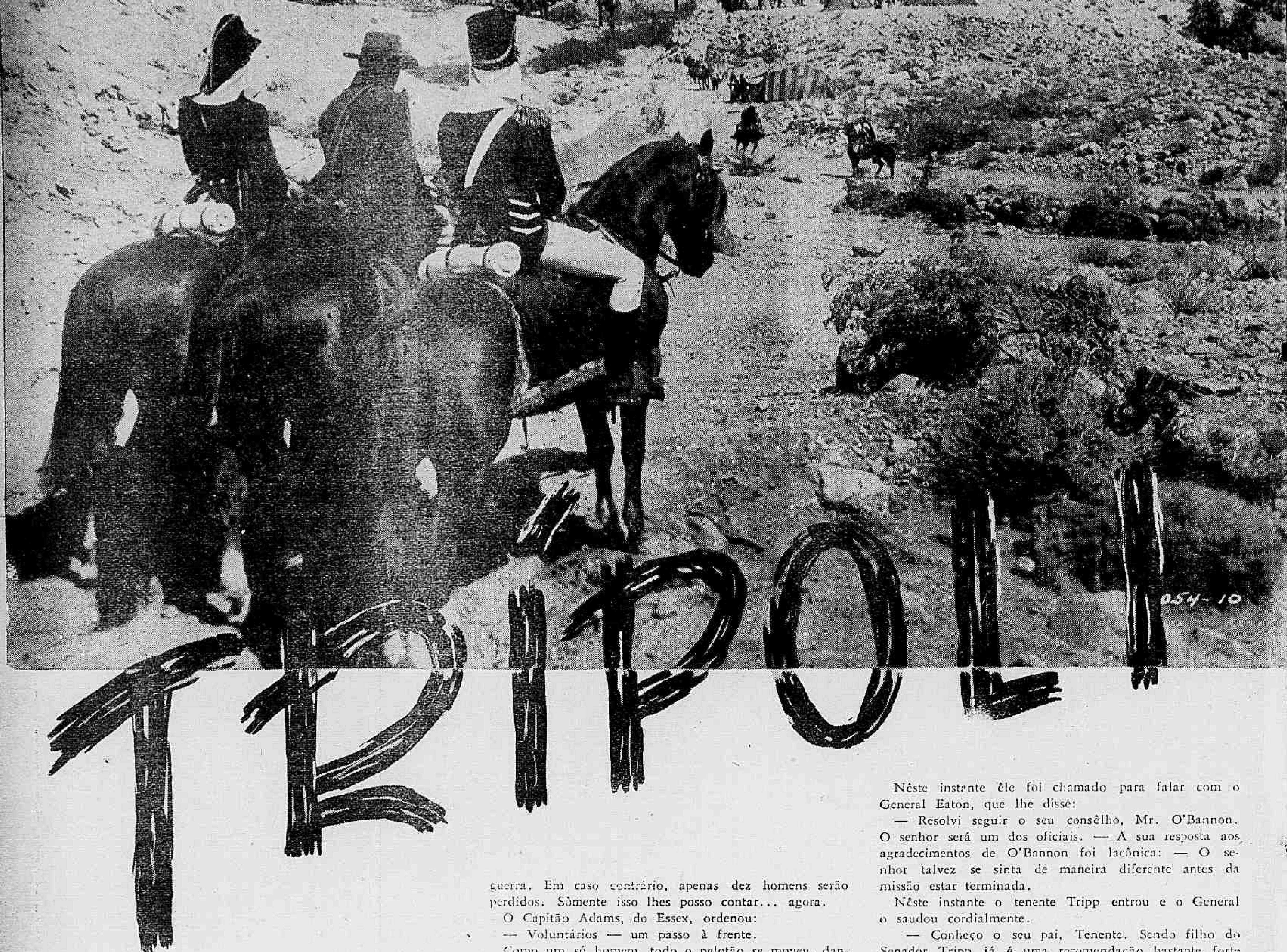
CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



O azul do Mediterrâneo se confundia com o anil do céu tropical, e — na distante linha da costa — a fabulosa cidade de Tripoli parece quase irreal em sua beleza exótica, vestida dos mantos de mistério oriental.

E esta era uma vista da qual os tripulantes do *U. S. S. Essex* — que a viam há seis meses — já se encontravam entediados.

Tècnicamente êles se encontravam em guerra. Os piratas de Tripoli que, através das gerações, haviam transformado as viagens marítimas em um convite ao perigo, haviam ousado desafiar o direito dos Estados Unidos pela liberdade do mar imenso, atacando os seus navios mercantes e demandando tributo pela livre locomoção nos mares.

A resposta do Presidente Jefferson fôra enviar navios de guerra para bloquear o pôrto da capital inimiga de Tripoli, engarrafando a frota pirata. Fôra esta uma ação eficiente. Mas a monotonia da situação já continuava por seis meses.

Por fim — hoje — chegou a promessa de alguma ação. O General Eaton veio a bordo trazendo ordens secretas do Presidente Jefferson.

Êle se dirigiu aos oficiais particularmente.

— O Presidente me enviou aqui a fim de recrutar voluntários para uma missão especial. Necessitarei de dois oficiais e oito soldados. Se esta missão fôr bem sucedida e chegar a um final feliz, poderá encurtar a guerra. Em caso contrário, apenas dez homens serão perdidos. Sòmente isso lhes posso contar... agora.

O Capitão Adams, do Essex, ordenou:

— Voluntários — um passo à frente.

Como um só homem, todo o pelotão se moveu, dando um passo à frente.

O oficial fuzileiro, Tenente Presley O'Bannon, soergueu a cabeça.

— Senhor, — êle indagou, — posso perguntar se a missão envolverá ação em terra?

— Sim, — respondeu afirmativamente o General Eaton. Quando O'Bannon impulsivamente observou que tal missão automaticamente pertencia à Marinha Naval, Eaton lhe respondeu severamente:

— Sou bastante familiar com todos os regulamentos, Tenente.

Se o jovem oficial fuzileiro se acanhara que a sua sêde por aventura o tivesse traído em falar impulsivamente, não deixava transparecer nas linhas de seu rosto queimado pelo sol. Voltando ao convés, perguntou a um aspirante:

— Onde se encontra o Sargento Derek?

— Na prisão, senhor. Por ordens do tenente Tripp.

O próprio tenente Tripp explicou, com sua voz precisa:

— Êle se meteu em uma briga hoje de manhã. — Também se recusou a atender ao pedido de Bannon, para que a falta não fôsse incluida no livro de alterações de Derek. — Já o escrevi no diário de bordo.

— Algum dia, — murmurou O'Bannon, — você vai sofrer de espasmo de escritor. — Havia qualquer coisa inexplicável entre o impulsivo e alegre O'Bannon e o grave e impassível Tripp, além de simples hostilidade ou que os levava à hostilidade.

Nêste instante êle foi chamado para falar com o General Eaton, que lhe disse:

— Resolvi seguir o seu conselho, Mr. O'Bannon. O senhor será um dos oficiais. — A sua resposta aos agradecimentos de O'Bannon foi lacônica: — O senhor talvez se sinta de maneira diferente antes da missão estar terminada.

Nêste instante o tenente Tripp entrou e o General o saudou cordialmente.

— Conheço o seu pai, Tenente. Sendo filho do Senador Tripp já é uma recomendação bastante forte para mim.

Brevemente os olhares de O'Bannon e Tripp se encontraram.

— Mr. Tripp escolherá um cirurgião para os acompanhar. Mr. O'Bannon escolherá sete fuzileiros.

Desta vez novamente os seus olhares se cruzaram. Os olhos de O'Bannon sorriram travessamente. Um daqueles sete homens seria Derek.

— Aqui está o que esperamos fazer. — O General Eaton consultou um mapa. — Aqui estamos, fora de Tripoli. Êles não podem sair, mas nós, tampouco, podemos entrar atrás dêles. — O seu lapis seguiu a costa em direção ao oeste. — E aqui está Derne. Sabemos que Tripoli é forte de mais para a atacarmos. Mas, em nossas mãos, *Derne* nos daria o domínio de tôda a costa. — Fêz um círculo em tôrno da cidade. — Nós pretendemos capturar Derne!

— Com dez homens? — Indagou O'Bannon.

— E o maior número possível de nativos que conseguirmos recrutar. Não podemos tomá-la exclusivamente por terra ou exclusivamente pelo mar... assim estamos tentando combinar um ataque por terra com outro que partirá do mar. Isto nunca foi feito antes, dêste modo os senhores estarão escrevendo o livro enquanto a ação estiver decorrendo.

— Onde encontraremos o exército nativo? — Tripp perguntou.

— Quando servi em Tripoli como enviado do Presidente, o Pasha era um homem chamado Hamet

Karamanly. Êle assumia uma atitude amigável com os Estados Unidos. Mas êle foi expulso por seu irmão Yussuf. Vamos tentar localizar Hamet e reunir um exército em tôrno dêle. — O lápis correu ràpidamente, traçando um círculo no sudoeste. — Segundo as últimas notícias que recebi, êle se encontrava exilado — acampado em um lugar a cem milhas do Nilo, junto ao oásis de Minyah, bem longe do exército de seu irmão.

★

Embora se encontrasse em exílio, morando em um acampamento no deserto longe das garras de seu despótico irmão, não faltava luxo nem companhia a Hamet Karamanly, o verdadeiro Pasha de Tripoli.

A sua espaçosa tenda era do melhor material, mobiliado com bom gôsto e elegância. Mas, ainda excedendo em bom gôsto era a mulher que se encontrava em sua frente, do outro lado do taboleiro de xadres, a condessa Sheila D'Arneau. Pela sua aparência, dêsde o alto de sua cabeça, vestida com uma basta cabeleira vermelha até os pés extravante e excentricamente calçados, não era necessário muito traquejo para compreender que ela pertencia a algum centro cosmopolita.

Enquanto Sheila estendia a mão para mover uma pedra, a mão do Pasha repentinamente cobriu a sua. Êle tinha uns prováveis trinta e cinco anos e já suavemente suave em virtude de auto-indulgência. Era de uma simpatia suave e de sua maneira emanavam os caprichos do oriental e a urbanidade do europeu. Também, não tinha os escrúpulos nem de uma nem de outra raça.

Sheila, audaciosamente retirando a sua mão de debaixo da do Pashá, acabou de mover a pedra, exclamando docemente.

— Cheque mate, Sua Alteza. Talvez — os seus olhos ousavam zombar dêle — se você mudasse o seu estilo de jôgo...

— Ou, — retorquiu êle — se você o fizesse.

— Por quê eu? Estou ganhando!

Subitamente jogando ao chão num gesto brusco as figuras do jôgo, êle se levantou.

— Vamos parar com êsse jôgo infantil! Venha cá! — Puxando-a para os seus braços êle a beijou demoradamente, mas os lábios de Sheila permaneceram frouxos e sem vida e acabaram por também matar o ardor dos lábios do Pasha. Em outras palavras, ela nem resistiu nem respondeu. Quando êle a soltou ela perguntou, insultando-o:

— Há alguma coisa mais, Sua Alteza?

— Sim. Eu gostaria de torcer aquêle seu bonito pescôço. Não sei por qual motivo venho suportando tanta insolência. Talvez seja a novidade de sua atitude que me vem intrigando.

— E' melhor que eu me retire, antes que você chegue à alguma conclusão. — Com a compostura digna de uma dama, ela começou a dirigir-se para a porta.

A sua voz amuada a acompanhou, como uma sentença.

— Se a sua intenção é proteger a reputação, isto, minha querida, devo admitir que é extremamente pueril. Ninguém acredita que a nossa relação esteja confinada simplesmente ao plano de amizade. Dêsde que seu pai morreu, e você se encontra aqui sòzinha, tôda a gente supõe...

— Tôda a gente, — êle concordou suavemente, — com execeção de nós!

Entrando em sua luxuosa tenda, um sorriso de zombaria havia descrito uma curva em seus lábios vermelhos. Mas Henriette, u'a moça mais velha que tinha como missão aconselhar-lhe, não perdeu a oportunidade para mais alguns ensinamentos da gramática do amor.

— Talvez fôsse mais sábio dar-lhe mais algum encorajamento. Apenas o bastante para o coibir de procurar alguém, além de você. — Sàbiamente relembrou a Sheila que êle ainda não havia mencionado casamento.

— Tenho o pressentimento, — Sheila disse pensativamente, — que o fará esta noite.

Henriette estampou na face um sentimento de zombaria.

— Quem é êle, afinal, para ser tão precavido? Um rei sem um reinado.

— Mas com uma fortuna em ouro e joias. Isto ainda é bem melhor do que um reinado. — Acrescentou Sheila. Nem, prosseguiu ela, pensava ela em continuar aqui depois que contraissem matrimônio. — Há bastante lugares onde viver em um confortável exílio. Talvez eu consiga convencê-lo em nos levar de volta para a França.

A idéia conseguiu alegrar Henriette.

— E... talvez você até se apaixone por êle.

Sheila a fitou através de olhos delicadamente irônicos.

— Cada coisa em seu devido tempo.

★

Hamet recebeu os homens formalmente, discutindo o plano em um jantar preparado especialmente para a ocasião.

Quando lhe foi exposto o plano, pelo próprio General Eaton, Hamet meneou com a cabeça afirmativamente, declarando ser um plano bastante eficaz, embora, infelizmente, lhe faltassem homens. Mesmo que os recrutassem entre as tribus do deserto, como o general sugerira, isto requeria uma jornada longa e perigosa, sem nenhuma garantia de sucesso. Além do mais o bloqueio americano seria igualmente eficaz — com mais algum tempo. Portanto, por que se meter em tantas complicações?

O General Eaton, então, resolveu usar o seu triunfo.

— O tempo se está esgotando. Existe um chamar crescente na América para por fim à guerra — *de u'a maneira ou de outra...* Não necessito lembrar a Sua Alteza das conseqüências se nós tivermos de negociar a paz com o usurpador.

Hamet não era estúpido. Tão suavemente como se o seu consentimento já estivesse assegurado dêsde o início, respondeu:

— Como eu já disse, é um plano excelente. Terei imenso prazer em nêle colaborar.

Tomando o tratado oficial que Eaton lhe estendeu para assinar, leu vagarosamente cada palavra e a considerando-a pensativamente.

O'Bannon, não podendo ouvir a discussão, tentava tirar as suas conclusões da face de Eaton. Mas, repentinamente, êle não estava mais pensando no tratado, pois uma mulher belíssima, vestida no melhor que a moda européia ditava, havia entrado na tenda. Ela fazia uma cortezia a Hamet, cuja atitude para com ela poderia ser considerada tudo menos formal.

Ela cumprimentou Eaton como se êle fôsse um velho amigo.

— Como é agradável encontrá-lo novamente!

Eaton apresentou os seus oficiais à Condessa D'Arneau. Tripp, demonstrando uma cortesia e amabilidade inesperadas, tocou as suas mãos com os lábios, em um beijo delicado. O'Bannon, pouco afeito ao costume de beija-mão, cumprimentou-a militarmente. E, aos seus olhos se encontrarem com os dela, houve o impacto de duas personalidades irmãs.

Hamet, soerguendo os olhos do tratado, franziu o sobrecenho.

— Aqui diz que os Estados Unidos deverão ter o comando da expedição.

— O comando militar, explicou astuciosa e inteligentemente Eaton. — Naturalmente Sua Alteza permanecerá inteiramente como autoridade política sôbre os súditos que os acompanhar.

— Acompanhar para aonde? — indagou Sheila.

— Para Derne, — disse-lhe Hamet. Parece que estou na iminência de me tornar um guerreiro.

— Quer dizer... — o tom angustiado de sua voz sòmente concernia ao súbito imprevisto que lhe viera interferir nos planos, — que nós teremos de permanecer aqui?

Foi Eaton quem respondeu:

— Tão cêdo quanto possível. Amanhã mesmo tomarei um navio para fazer os arranjos necessários com a marinha. O Tenente O'Bannon ficará com o comando. — Êle soergueu o seu cálice de vinho. — Para a vitória!

Todos os cálices foram levantados. O'Bannon, escondido da observação geral, tinha o seu copo virado para Sheila. E, era impossível dizer pela expressão enigmática dos olhos de Sheila a que ou quem ela deveria estar brindando.



O destino através de suas maquinações juntara o aventureiro oficial americano à linda condessa...



E com um sinal aos músicos ela começou a dançar, fazendo nascer desejos selvagens nos corações dos homens.

Título original:

TRIPOLI

ELENCO:

Cond. D'Arneau	MAUREEN O' HARA
Tte. O' Bannon.	JOHN PAYNE
Cap. Demetrios .	HOWARD DA SILVA
Hamet	Phillip Reed
Sto. Derek	Grant Withers
Tte. Tripp	Lowell Gilmore
Henriette	Gonnie Gilgtchrist
Khallil	Alan Napier
Gal. Eaton	Herbert Heyes
Il Taiib	Alberto Morin
Intérprete	Emil Hanna
Cmte. Barron ..	Gordon Rhodes
Cap. Adams ...	Frank Fenton

Um filme da Paramount Pictures — Produção de William H. Pine e William C. Thomas — Direção de Will Price — Cenário de Winston Miller — Baseado em uma história de Will Price e Winston Miller.



Finalmente O'Bannon conseguiu chegar ao tôpo da escada e entrando no gabinete do governador, iniciou um pequeno incêndio.



Era u'a armadilha e os habitantes de Deme receberam os homens de O' Bannon com tiros de fuzis.

Quando as festividades chegarem ao término, êle a seguiu até à porta e perguntou:

— Permite-me que a acompanhe aos seus aposentos?

Ela respondeu com uma inflexão de contentamento e mofa em sua voz.

— Quando eu tinha doze anos consegui escapar à guilhotina escondendo-me no porão de um navio de pesca. Seis meses atrás alguns guardas de Tripoli mataram o cavalo no qual eu cavalgava. Portanto, creio que posso chegar com saúde aos meus aposentos.

Êle sorriu.

— Contudo, eu acharia interessante que você tomasse cuidado comigo.

— Eu ficaria muito impressionada... tomando cuidado com o chefe das fôrças armadas. — Sob a superfície de seu olhar lisonjeiro, ela o estava medindo. — Perguntou, casualmente: — Não seria muito mais cômodo se Sua Alteza permanecesse aqui, conosco?

O'Bannon deu de ombros.

— Se nós vamos devolver-lhe o trono, não sei por que não nos deva acompanhar.

— Não é essa a questão. — Havia uma nota de desapontamento em sua voz. — Se alguma coisa sucedesse a Sua Alteza isto não transformaria a expedição em uma coisa quase sem significado.

Êle lhe perguntou duvidosamente:

— Está certa de que é a expedição que a preocupa?

★

A noite passada O'Bannon ouvira uma pobre narrativa do General Eaton sôbre a vida da condessa. O seu pai, o Conde D'Arneau, fôra o Ministro das Finanças de Hamet, depois que se viram forçado a abandonar a França pela revolução. Então, quando Hamet fôra destronado êles o tinham acompanhado. Depois da morte de seu pai, Sheila assumira o título de condessa.

— Agora, — Eaton concluira bruscamente, — podemos passar a tratar de problemas relativos à guerra? — Êle estendeu um mapa. — Aqui está o seu curso, traçado de maneira tal que lhe seja possível evitar as trilhas das caravanas regulares. São seiscentas milhas em terreno árduo e no meio de perigos que terão de ser percorridos a fim de chegar a Derne. Você deverá estar lá dentro de trinta dias.

Êle indicou uma pequena baía no Mediterrâneo.

— Estarei esperando aqui, um pouco abaixo de Derne, com o maior número de navios que a marinha puder ceder-me. Nós nos encontraremos ali e faremos os planos finais para o ataque a Derne.

Aquela manhã, desde o raiar do dia, O'Bannon, Tripp e Derek se haviam juntado para discutir os planos finais da perigosa expedição. O'Bannon estava relutantemente assinando alguns documentos dando permissão a algumas espôsas nativas para acompanharem os seus espôsos, quando u'a malta de cavaleiros de diversas nacionalidades apareceu galopando em direção ao acampamento.

O líder, Capitão Demetrios, um guerreiro profissional, pediu para ver quem estivesse em comando. Ao saber qual a divisa de O'Bannon, êle anunciou:

— Não posso receber ordens de um tenente. Eu o chamarei coronel.

— Obrigado pela promoção, — sorriu O'Bannon. — E êste é o tenente Tripp. Você pode chamá-lo almirante.

Demetrios resolveu tratar do assunto que o levara ali.

— Disseram-me que os senhores necessitam de guerreiros. Aqui estamos! Qual é o ordenado?

Os mercenários foram todos contratados imediatamente para tomar parte na luta que provàvelmente devolveria o trono a Hamet assim como também êle e todos os outros poderiam perder a vida nessa arriscada tentativa. Era um jôgo. E como a roleta, nunca se sabe quais serão os resultados do jôgo da vida.

★

Aquêle dia O'Bannon sofreu o impacto de um novo choque com Tripp. Desta vez Sheila foi a causadora. Parecia que o Destino, sempre tecendo intrigas nas vidas daqueles homens, tudo fazia para os afastarem quando, na verdade, êles deveriam manter-se unidos a fim de que melhor pudessem entender-se na batalha que muito em breve empreenderiam. Quando O'Bannon voltou aos aposentos dos oficiais encontrou Sheila, que fôra convidada para o chá. Quando o viu, a condessa se ergueu graciosamente.

— Tenho muita coisa que arrumar, — disse.

O'Bannon exclamou, de bom humor.

— A senhora não vai. Não é permitida a ida de mulheres livres. A senhora é livre, não é?

— Mas o regulamento não foi feito para ela, — interpôs Tripp.

— O regulamento foi feito para tôda a gente. — Declarou severamente O'Bannon. Olhando-a astutamente, continuou: De nada vale procurar Hamet. Acabo de entender-me com Sua Majestade.

O ódio torceu a sua boca vermelha.

— Você pensa em tudo, não pensa?

Êle sorriu.

— Pelo menos tento.

Quando ela se tinha retirado, furiosamente, Tripp disse àsperamente:

— Olhe aqui, O'Bannon, você não pode fazer isso com ela...

— Eu acabei de fazer, — sorriu O'Bannon.

Tripp cerrou os olhos.

— Você está cometendo um grande êrro.

O'Bannon sorriu.

— E' assim que os êrros devem ser — grandes.

★

Mas não havia tempo para pensar em êrros ao pensar nos mínimos detalhes da caravana. Hamet parecia extremamente filosófico acêrca da proibição de Sheila em o acompanhar. Mas, O'Bannon sòmente muito mais tarde compreenderia isso. Tendo conferido o número de dançarinas, não lhe ocorreu em o fazer novamente.

Depois daquele primeiro dia de jornada através do deserto, as tendas foram levantadas para a noite. O'Bannon escrevia o relatório dos acontecimentos do dia, quando Derek lhe veio comunicar que o Pashá exigia a sua presença ao jantar.

Sem suspeitas, aproximou-se da tenda, parando repentinamente ao ouvir a metálica risada de Sheila. Ela dizia:

— Valerá a pena ter suportado tôda a poeira e o calor apenas para gozar a expressão do americano ao me ver!

O'Bannon entrou na tenda e indagou àsperamente:

— Que está você fazendo aqui?

— Sou parte do séquito de Sua Majestade, — ela declarou docemente. — Você encontrará o meu nome na lista em D — para dançarinas.

O'Bannon sentou-se deliberadamente, então, ordenou:

— Vamos, dance... A não ser, é claro, que não possa.

Se a sua intenção foi humilhá-la, êle foi desapontado. Pois, com os seus olhos triunfantes fixados nêle, Sheila deu um sinal para os músicos. Ao som de uma música exótica ela começou a dançar, harmoniosa e sensualmente, inspirando desejos bárbaros naqueles homens.

Mas o seu triunfo teve uma curta vida. No dia seguinte, ao reiniciarem a jornada através do deserto, êle a mandou apear-se da bela égua que Hamet lhe designara.

— Volte para o grupo de dançarinas.

— Eu estava pensando até onde você poderia ser tão baixo, um homem capaz de causar náuseas.

— Agora, você sabe, — êle retrucou, indicando-lhe o caminho.

★

Mas Hamet não estava satisfeito com a expedição e com o risco que corria, tentando mais uma vez voltar. A água estava pouco a pouco se extinguindo, mas ninguém se preocupava, pois todos sabiam que havia um pôço a alguma distância. No entanto, ao o alcançarem, o encontraram destruido.

Demetrios exclamou revoltado.

— Eu lutaria de graça contra qualquer individuo capaz de destruir um poço!

Segundo o mapa, o próximo poço se encontrava a duzentas milhas de distância, e a pessoa que destruira aquêle poço levava, no mínimo, uns dois dias de viagem de vantagem. A única maneira de tomarem a sua frente e chegarem ao próximo poço antes dêste ser destruido seria tomar um perigoso atalho através do deserto, que lhes salvaria cinco dias de jornada. Mas não seria necessário voltar.

— Você poderá agir da melhor maneira que lhe convier, — Hamet, triunfante, exclamou, — mas eu e meus súditos voltaremos. Não existe nada no tratado que declare que temos de cometer suicidio. Se nos perdermos...

Como resposta, O'Bannon caminhou firmemente em direção ao lugar onde se encontrava a água em peles e atravessou metade delas com a lâmina de sua espada.

— Agora não temos bastante água para voltar, mas temos o bastante para atravessar o deserto e chegar no poço.

E é isso o que vamos fazer.

Admirando o seu gésto, impulsivamente, Demetrios exclamou:

— Por isso, eu o chamarei general !

— Por isso, seria melhor que encontrassemos água do outro lado, — retrucou O'Bannon.

Finalmente, cansados mas triunfantes, êles conseguiram alcançar o poço. Ali, enquanto descansavam, Tripp apareceu trazendo um grupo de árabes que diziam ter sido roubados por soldados tripolitanos. O'Bannon perguntou, desconfiadamente:

— Como vocês sabem que os soldados eram tripolitanos?

O chefe respondeu:

— Pelo uniforme. Se o senhor nos pudesse dar comida e abrigo...

O'Bannon ordenou:

— Diga a Derek que tome conta dêles. — Quando êles haviam saido, O'Bannon ordenou a Tripp que se dobrasse a guarda, mas foi desapontado ao saber que tal não seria possível, em virtude do pequeno número de homens.

Àquela noite Hamet recebeu uma proposta bastante animadora. Il Taiib, escoltado por Khalil, lhe trouxera um anel com uma mensagem de seu irmão, prometendo-lhe metade do reino, em troca de sua cooperação na luta contra os americanos. Contra a objeção de Hamet, que se os americanos vencessem êle seria o único rei, Il Taiib respondeu:

— Isto é um jôgo. Mas não essa oferta. Nós liquidaremos êste miserável bando, mas nossa tarefa seria mais simples se conhecessemos os seus planos.

Quando êle se tinha retirado, os olhos, de Hamet cintilavam.

— Há muita verdade no que êle diz.

— O seu irmão é digno de confiança para manter a sua palavra? — Khalil perguntou gravemente.

— Não. — Hamet deu de ombros. — Mas eu também não sou...

★

Depois de alguma espera e a insurreição dos nativos que julgavam os americanos uns mentirosos que os estavam enganando, os navios finalmente apareceram na linha do horizonte. A aparição dos navios fêz com que os nativos se acalmassem e Hamet, ainda considerado aliado, O'Bannon e Tripp foram a bordo, a fim de discutirem os planos finais do ataque.

O General Eaton os cumprimentou amigàvelmente:

— Estava começando a pensar que você se tinha perdido.

— Eu estava começando a sentir-me do mesmo modo.

Em seguida Eaton passou a explicar o plano do ataque.

— Os maiores canhões do forte de Derne são de nove libras, defendendo uma aproximação pelo mar e existem dois batalhões na cidade...

Era uma defesa que poderia ser considerada colossal, mas os canhões a bordo do "Hornet" eram de doze libras.

— Assim nós podemos atacá-los de uma distância onde estaremos infensos do fogo de seus canhões, que após de os termos destruidos, nos aproximaremos a fim de apoiar o ataque. Quando a cidade se tiver rendido a Mr. O'Bannon, nós desembarcaremos refôrços.

Após terminada a conferência, Hamet relatou os mínimos detalhes do ataque a Khalil, que anunçiou com satisfação:

— Enviarei um mensageiro a Derne com tôda a urgência. Os canhões nos parapeitos serão substituidos por outros falsos. Os canhões verdadeiros serão mudados para um novo local. — Depois dos navios terem sido postos a pique, as fôrças de terra estarão a nossa mercê. Será um ótimo espetáculo... se tudo correr bem.

À noite, enquanto se faziam os preparativos para o ataque. Sheila encontrou-se com O'Bannon, que a cumprimentou pelo o seu casamento com Hamet, que seria realizado em Derne, segundo chegara aos seus ouvidos.

— Estou contente que tudo tenha corrido como você queria... e lhe desejo felicidades.

Estranhamente, Sheila parecia se esforçar por agradecer. Então os dois permaneceram em silêncio, até que Derek chamou O'Bannon.

No dia seguinte, quando a tropa havia partido, deixando Hamet e as mulheres atrás, Sheila encontrou o Pasha experimentando as roupas da cerimônia, a fim de celebrar a devolução de metade de seu reino. Foi sòmente a vaidade que o fizera contar os detalhes do seu plano.

Não foi a condessa orgulhosa e ambiciosa que voltou à sua própria tenda. Persuadindo Henriette a distrair o guarda, montou o cavalo de Hamet que se encontrava a alguma distância e partiu em um frenético galope em direção a Derne.

Por duas vêzes, no pesadelo daquele galope, os guardas de Hamet tentaram matá-la, mas o cavalo do Pasha era mais veloz e conseguiu deixá-los atrás. Nas colinas que cercam Derne — de onde os homens de O'Bannon já haviam aberto o fogo — ela se lançou em seus braços.

— E' uma armadilha! Você não está atirando nos canhões verdadeiros. Êles os colocaram em um outro lugar! — Ela não sabia onde.

Ordenando a um soldado que a protegesse, O'Bannon fêz um sinal para os navios: *"Fiquem fora e cessem fogo. Dirigirei fogo no alvo correto de dentro da cidade"*.

Então pediu algumas indumentárias nativas. Imediatamente Demetrios, Tripp e Demetrios se apresentaram para o acompanhar, não importando qual fôsse o seu plano. O'Bannon fitou os olhos em Tripp, com uma amizade que acabava de nascer, filha do perigo e da aventura:

— Você será o primeiro oficial da marinha na história, a comandar uma carga de cavalaria!

Não havia tempo para dizer adeus a Sheila, mas os seus corações dispensavam palavras.

Aparentemente eram três nativos que seguiam atrás das fôrças de invasão. Ao se aproximarem das muralhas, Tripp recuou a sua coluna de ataque, atraindo o fogo sôbre si, enquanto O'Bannon, Derek e Demetrios não tiveram dificuldade em dominar os guardas do portão da cidade e escalaram a muralha. Então, Tripp pareceu recuar novamente os seus homens. Na realidade, êle reorganizava uma máquina de ataque.

Cobertos pela confusão reinante na cidade, O'Bannon e seus companheiros não tiveram dificuldade em chegar ao palácio do governador. No alto do edifício se encontravam os verdadeiros canhões.

Enquanto Demetrios e Derek tentavam atrair a atenção dos guardas na rua, O'Bannon correu para o alto do edifício. Conseguiu fechar a porta do local onde se encontravam os canhões no momento em que era alcançado pelos inimigos. Trabalhando frenèticamente, conseguiu aumentar o fogo da lareira, iniciando um pequeno incendio a fim de atrair a atenção dos canhões dos navios e lhes apontar o alvo. Êle mesmo conhecia o risco que corria em salvar a sua própria vida quando os navios abriram fogo.

A estrutura do edifício estremeceu ante o impacto dos canhões de doze libras do navio. O teto caia e o fogo começava a devorar o palácio do edifício. Em baixo, Tripp e seus homens invadiam a praça. Na praia, Eaton e os fuzileiros haviam desembarcado e marchavam triunfalmente em direção à cidade, como vencedores.

Sheila veio correndo em direção de O'Bannon e se lançou em seus braços:

— Os tenentes não ganham tanto quanto reis, — êle murmurou.

— Quem deseja ser rainha? — Retrucou ela, ofendida.

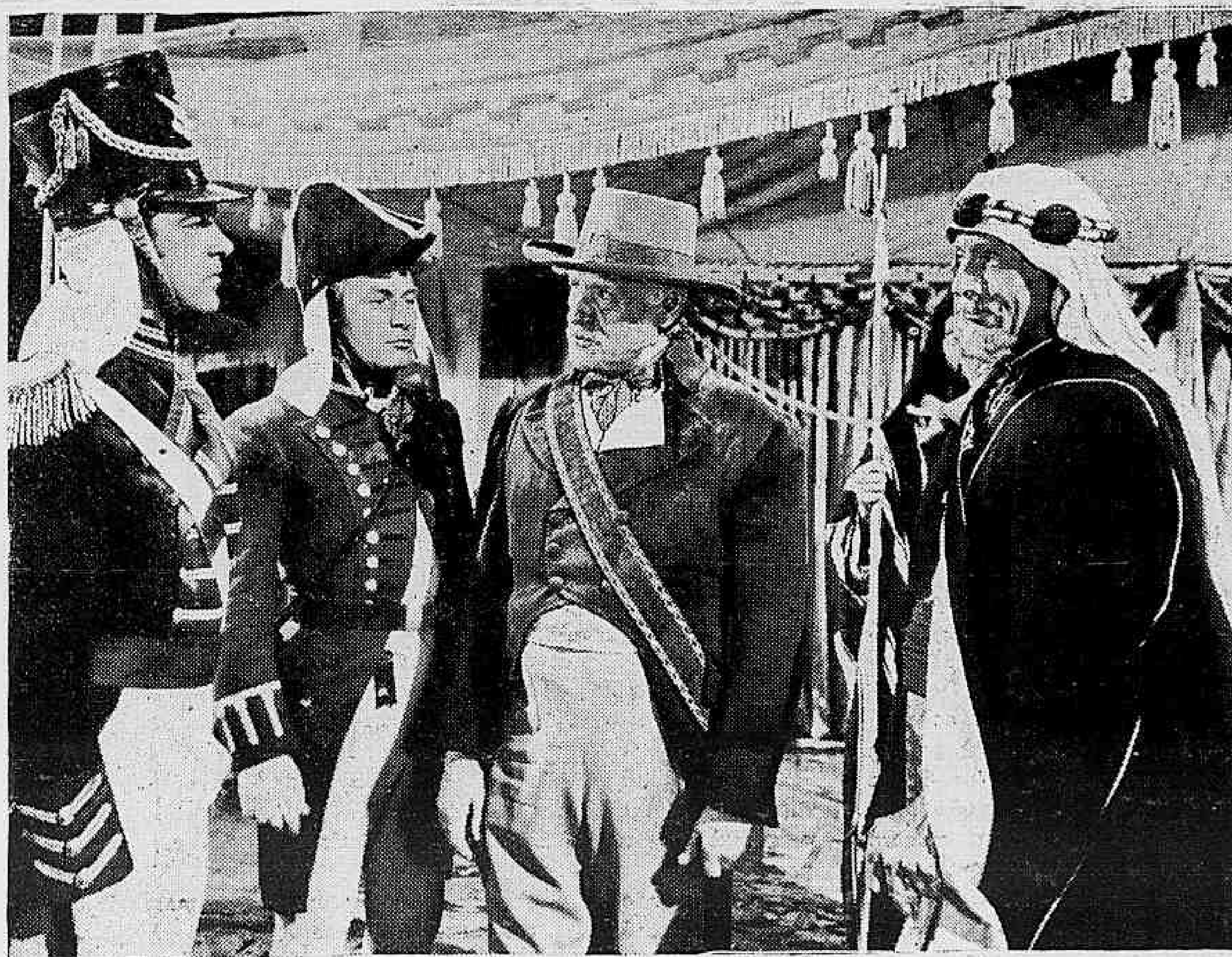
Tripp tossiu.

— Tenho a permissão do oficial em comando para declarar a cidade segura?

O'Bannon respondeu, com os olhos fitos em Sheila, com os braços em tôrno dela:

— Pode declarar *tudo* seguro!

(Tradução e adaptação de *Antônio Rocha*)



O general Eaton já os dava como perdidos, quando, por fim, êles chegaram, com o atrazo de doze dias...



Hamet relutou em assinar o tratado, no entanto, as circunstâncias o forçavam a agir assim...



O produtor, atacado do micróbio do amor, não pôde coordenar as idéias para produzir suas novelas. Seu pensamento está fixo nela...

O NOVELISTA ALDO MADUREIRA, ESPÔSO DA RÁDIO-ATRIZ, NÃO DESCONHECE O FATO — COMO SE CONTA A HISTÓRIA RADIOFÔNICA DO FESTEJADO PRODUTOR — A DOENÇA IMPEDIU-O DE VISITAR OS EE.UU. — OUTRAS NOTAS

Texto de
MILTON SALLES
Fotos de
OSMUNDO SALLES

ANTÔNIO LEITE
APAIXONADO POR HILDA BARROS

EMBORA muito jovem — êle tem apenas 27 anos de idade — Antônio Leite é um dos mais famosos produtores do rádio brasileiro. Nascido na Paulicéia, e após passar parte de sua infância em Minas Gerais, êle, num esfôrço sobre-humano, venceu a gagueira e conseguiu ser aprovado no teste a que foi submetido pelo saudoso Otávio Bábus Mendes. Assim, começou a fazer tudo na Rádio Record. Desde o mimeógrafo até o contra-regra.

— Eu ia mais longe — confessou o Leite. Ia até ao botequim da esquina comprar sanduíches, médias e etc...

O tempo foi passando. Êle trabalhava na rádio, estudava, mas vários meses e nenhum salário. Leite, porém, não queria deixar a B-9. Estava no seu elemento e os amigos diziam que êle devia continuar, pois tinha "bastante jeito para o negócio". Um dia, entretanto, o nosso focalizado achou que era demais. Embora fôsse grande admirador do inesquecível radialista bandeirante, arrumou suas coisas e largou o rádio. Foi viver de outra coisa.

Meses depois, a Rádio São Paulo instituiu um concurso para radiatores. O vencedor seria o galã de uma história seriada de Oduvaldo Viana. O nosso amigo Leite não titubeou. Inscreveu-se no certame e obteve o primeiro pôsto, sobrepujando uma porção de candidatos. Estávamos, então, em 1941. Alguns meses de vitórias, alegrias, esperanças. Até que chegou um dia inesquecível para o atual exclusivo da Rádio Tamoio. O caixa da PRA-5, o Aristides Cerqueira Leite, fazendo o pagamento da quinzena (cento e vinte e cinco cruzeiros), disse: — "Leite, tenho uma notícia para você. A partir do próximo dia 5 seus serviços estão dispensados".

O autor de "Vendaval" foi, então, para a Piratininga, hoje Pan-Americana, trabalhar com o Raimundo Lopes. Mas, parece que um urubu havia pousado na sorte do nosso amigo. A rádio abriu falência. Êle não teve dúvidas: foi para a Difusora, onde já estivera como locutor do programa "Atualidades", representando o Ciências e Letras, que patrocinava a audição. Logo depois a Tupi comprou a Difusora e ficou trabalhando nas duas estações. Era locutor de manhã, trabalhava como artista, como contra-regra durante o dia. Assim a vida radiofônica foi caminhando. Nessa época escreveu as primeiras coisas e continuou agradando.

No ano de 1948, Assis Chateaubriand ofereceu-lhe uma viagem aos Estados Unidos, para que êle fôsse estudar televisão. Leite, porém, adoeceu e não pôde realizar o seu velho sonho. Tempos depois, Paulo Grammont, que se encontrava no Rio dirigindo a Tamoio, em visita à "Cidade do Rádio", convidou-o a vir para a Cidade Maravilhosa para trabalhar na PRB-7. Leite, que se sentia fascinado pela metrópole, aceitou o convite sem mais delongas.

Na simpática emissora "associada", êle escreve programas — como "Salve o Baião", "Namorados Valery", "A sorte visita sua casa" e outros — produz novelas e interpreta diversos "broadcasts". Está ganhando relativamente bem e é uma das figuras mais populares do elenco da PRB-7. E', pois, uma das mais felizes aquisições do dinâmico Paulo Grammont.

Depois que Antônio Leite, pacientemente, contou-nos todos os detalhes da sua carreira radiofônica, fizemos-lhe, então, a pergunta que esclareceria o motivo que nos levou a fazer esta entrevista.

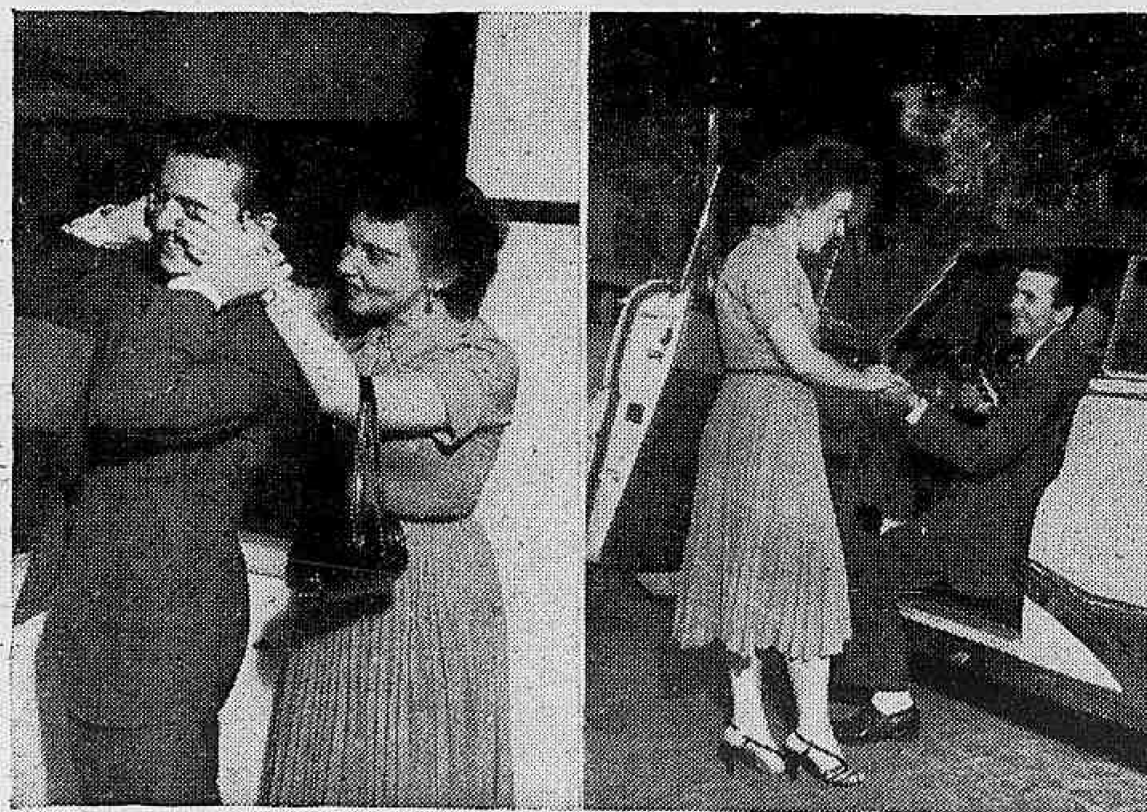
— Leite, é verdade que você está apaixonado pela Hilda Barros?

— Estou, sim. Apaixono-me pela Hilda todos os dias...

E, antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, êle acrescentou:

— Estas fotografias que você está vendo — e mos-

(*Cont. na pág.* 30)



À esquerda: — «Quem é?» — parece perguntar Hilda Barros. «Ora, você não sabe?» — responde irônica Hilda Barros... À direita: — Mesmo após ter sofrido tremendo desastre, Antônio Leite não desiste do volante. E a despeito de Aldo Madureira, não desiste de Hilda Barros...

CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

Esta vitoriosa seção entra agora num ritmo certo. Aumenta a cada dia o volume de cartas. A fim de não demorar muito em sua publicação, estamos ampliando o número de páginas e fotos, na medida do possível. Quem ainda não preencheu o "coupon" e que desejar figurar nesta galeria, pode fazê-lo a qualquer momento. Todavia, convém observar, em seu próprio benefício, êstes requisitos: a) as fotos devem ser, de preferência, tamanho 6x9; b) papel brilhante, que dá melhor reprodução; não sendo possível, podem mandar como desejarem. Estas cláusulas não são exigidas, senão uma advertência em benefício do próprio candidato. As cartas que não vierem acompanhadas dos "coupons" não serão tomadas em consideração.



FICHA 31 — CALMY G. ARAUJO, 21 anos, 1,69 de altura, cursou até ao primeiro ano ginasial, secretária no Consulado, pouca experiência artística, deseja ser artista de cinema. Reside em S. Paulo.



FICHA 32 — MOACIR MARTO, 19 anos, 1,75, 65 quilos, curso primário, motorista, deseja ser ator dramático. Diz que tem talento suficiente. Reside no Rio.



FICHA 33 — WALDOMIRO BARBOSA DA SILVA, 28 anos, 1,60, 53 quilos, cursos secundário e dact., aeroviário, experiência de teatro amador, deseja ser ator. Estuda arte & técnica cinematográfica. — Reside no Rio.



FICHA 34 — ANTÔNIO BEDIA MARTIS, 16 anos e meio, 1,68 de altura, 55 quilos, curso primário, comerciário, deseja ser ator de cinema, em filmes trágicos, embora não tenha experiência alguma. Reside em S. Paulo.



FICHA 35 — JEANNETE JACIRA FERRO, 13 anos, 1,41 de altura, 35 quilos de pêso, sem experiência artística, deseja trabalhar no cinema, sem especificar gênero. Reside em São Bernardo do Campo, São Paulo.



FICHA 36 — MASSATASHI SAKAMOTO, 16 anos, 1,64, 58 kls., cursou até ao 2º ginásio, comerciário, deseja ser ator, tendo experiência como rádio-técnico. Nota do candidato: o bigode foi brincadeira do fotógrafo. Reside no Paraná.



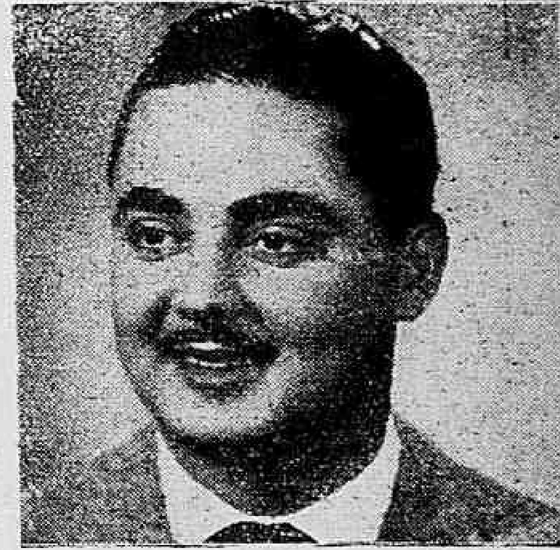
FICHA 37 — FLOREAL PEDROSA, 27 anos, 1,76 de altura, 76 quilos, curso ginasial, comerciário, experiência de teatro amador, faz solos de gaita, deseja ser ator dramático. Diz que é atleta de bom físico. Reside em São Paulo.



FICHA 38 — JÚLIO LYRA, 37 anos, 1,37, 80 quilos, curso primário, comerciário, deseja ser ator dramático. Não toca nenhum instrumento, mas alega que tem vocação. Apesar de ter praticado todos os esportes há alguns anos, ainda se sente em forma. Reside no Rio.



FICHA 39 — SEBASTIÃO VIANA DE LIMA, 20 anos, 1,78, 60 quilos, cusou até ao 3º ginásio, industriário e correspondente comercial, deseja ser ator dramático, «conforme o teste».



FICHA 3? — CAETANO LACAVA, 30 anos, 1,73, 73 quilos, curso superior, funcionário público, deseja ser ator de cinema, preferindo o gênero dramático. Reside em São Paulo.



FICHA 41 — NELSON MORAES DA SILVA CRUZ, 34 anos, 1,74, 57 quilos, curso secundário, propagandista, deseja ser vilão em filmes como «Scarface». Canta. Reside no Rio.



FICHA 42 — SADER CALIL, 17 anos, 1,70, 53 quilos, curso primário, funcionário de Banco, deseja ser ator de cinema. Reside em Inhauma, Goiás.



FICHA 43 — CARLOS E. DE TOLEDO, 20 anos, 1,78, 50 quilos, curso «colegial», profissão: comediante, toca violão e piano, deseja ser ator cômico e romântico. Reside em S.Paulo.

FICHÁRIO

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (a critério do candidato) ....

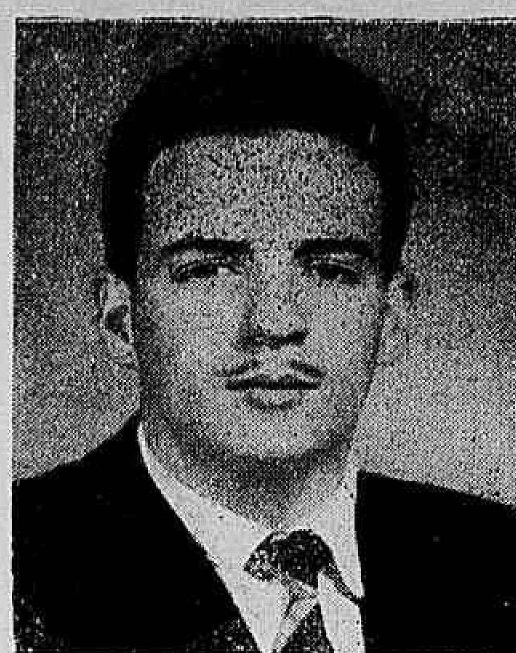
....



FICHA 44 — ENTHYMIO BATISTA, 17 anos, 1,70 de altura, 63 quilos, curso ginasial, contabilista, com pouca experiência artística, deseja ser galã de cinema. Reside em São Paulo.



FICHA 45 — ALDO FELICIO NALETO. 18 anos, 1,65 de altura, 59 quilos, curso cinematográfico, sem experiência, deseja ser produtor (?). Saberá o que isso significa? Reside em Nova Granada, E.S.P.



FICHA 46 — LEONARDO FERNANDES. 17 anos, 1,65 de altura, 70 quilos, curso primário, balconista, sem experiência artística, deseja ser ator de cinema, gênero «gangster». Reside em São Paulo.

COUPON

Assinatura ....

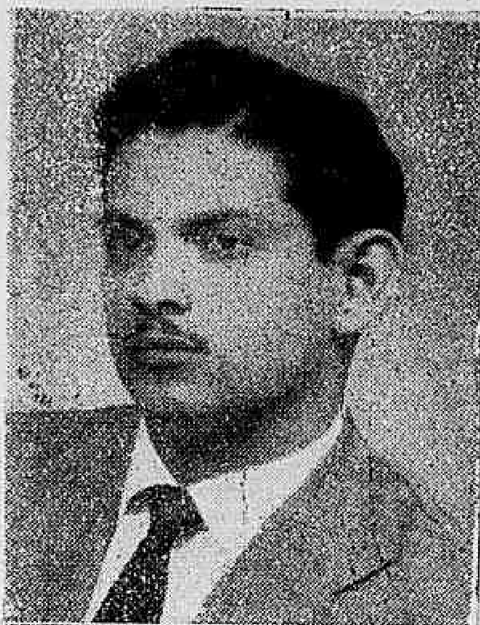
....

Endereço ....

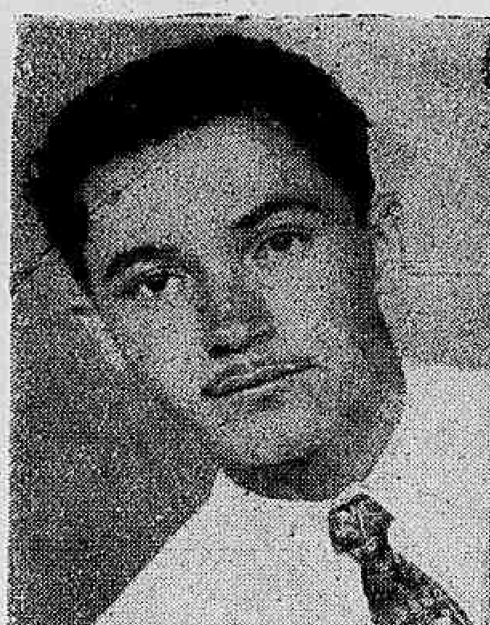
....

Telefone ....

Cidade ....



FICHA 50 — OSIRIS F. COSTA, 20 anos, 1,75 de altura, 70 quilos, curso primário, desenhista, com pouca experiência artística, deseja ser galã de cinema. Reside em São Paulo.



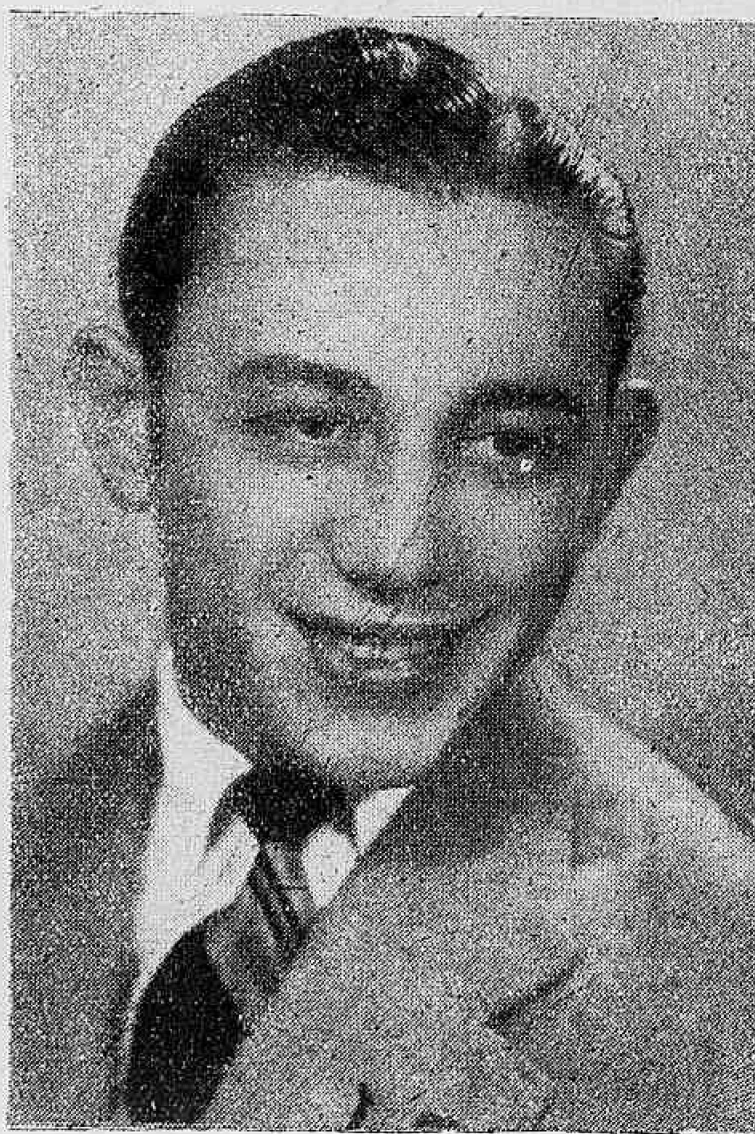
FICHA 51 — JOSÉ MOREIRA DOS SANTOS, 18 anos, 1,62 de altura, 62 quilos, curso primário, comerciário, deseja ser ator de cinema, gênero dramático. Reside em Vitória da Conquista, Bahia.



FICHA 52 — MILTON BARRIOS, 18 anos, 1,65, 65 quilos, curso ginasial, auxiliar de escritório, executa solos de gaita, tem grande entusiasmo pelo cinema, desejando ser ator. Reside em São Paulo.



FICHA 56 — IRACEMA LUI, 19 anos, 1,65 de altura, 53 quilos, cursou até o 1º ginásio, artista da Cenagráfica Soares (?), com experiência de teatro, aceita qualquer oportunidade como atriz. Reside em Sorocaba, São Paulo.



FICHA 57 — UBIRAJARA VIANA, 24 anos, 1, 72, 66 quilos, curso secundário, bancário. Instrumento: gaita. Deseja ser ator: principal. Observações: «mais ou menos» (?) Não tem experiência artística. Reside no Rio de Janeiro.



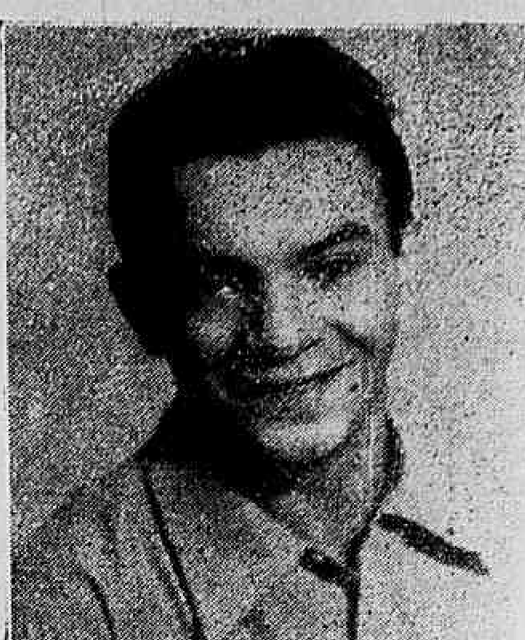
FICHA 58 — IRACEMA GUARANI, 23 anos, 1,67 de altura, 46 quilos, curso primário, bailarina, deseja ser atriz. Gênero: bailado e criada. Observações: Falta de trabalho cansaio (?). Reside no Rio de Janeiro.



FICHA 47 — ROSANA MARIA CARTOZZI, 23 anos, 1,50 de altura, 40 quilos, curso primário, costureira, sem experiência artística, deseja ser atriz de cinema. Reside em S. Paulo.



FICHA 48 — ANTONIO SANCHES, 20 anos, 1,82 de altura, 76 quilos, curso comercial, recepcionista, tendo sido extra de dois filmes nacionais, deseja ingressar no cinema. Reside em São Paulo.



FICHA 49 — WILSON ARAÚJO, 23 anos, 1,79 de altura, 77 quilos, curso ginasial, funcionário público, experiência teatral, deseja ser ator cinematográfico. Reside no Rio de Janeiro.



FICHA 53 — HERNANI GOMES DE ALMEIDA, 22 anos, 1,70, 56 quilos, curso secundário, estudante. Instrumento: gaita de bôca. Deseja ser ator, gênero dramático. Reside em Belo Horizonte.



FICHA 54 — AMILCAR AUGUSTO TEIXEIRA, 34 anos, 1,57, 72 quilos, curso primário, comerciário, deseja ingressar no cinema como artista, gênero de aventuras. Reside no Rio.



FICHA 55 — CARLOS BRITO, 20 anos, 1,64, 56 quilos, curso primário, comerciário, experiência de teatro, deseja ser ator dramático. Reside em Três Pontos, Estado de Minas Gerais.

CORRESPONDÊNCIA

Giuseppe Menghini (Paraná) — Sua foto publicada (ficha n. 5, em 24-5-51) foi um pouco prejudicada em virtude não só do papel como do próprio efeito de luz. Mas não é tão grave assim, creia. Lamentamos não poder publicá-la. novamente, devido ao espaço muito precioso da revista em face de tantos candidatos que aguardam a sua vez. Felicidades pela sua visita aos estúdios da Maristela e aguardamos sua presença na redação, quando vier ao Rio, como diz em sua carta.

Gastão Ricardo (Caxias do Sul) — Seria inútil publicar qualquer das três fotos remetidas, pois são tão microscópicas que não dariam clichê. Mande-nos outra melhor, em seu próprio benefício, e preencha um novo "coupon".

Custódio Rocha (São Paulo) — Mande-nos outra foto que dê melhor reprodução E não esqueça o "coupon".

Moacir Marto (Rio) — Queira enviar-nos a foto, que esqueceu, juntamente com novo "coupon". As perguntas são respondidas na seção "Correio do fã".

Jorge Gabriel da Rocha (?) — Mande-nos uma foto mais nitida; esta não dá bom clichê.

Carlos Hugo Rosa (Itajaí) — Idem,idem.

Mário Marciano (São Paulo) — Veja a resposta acima.

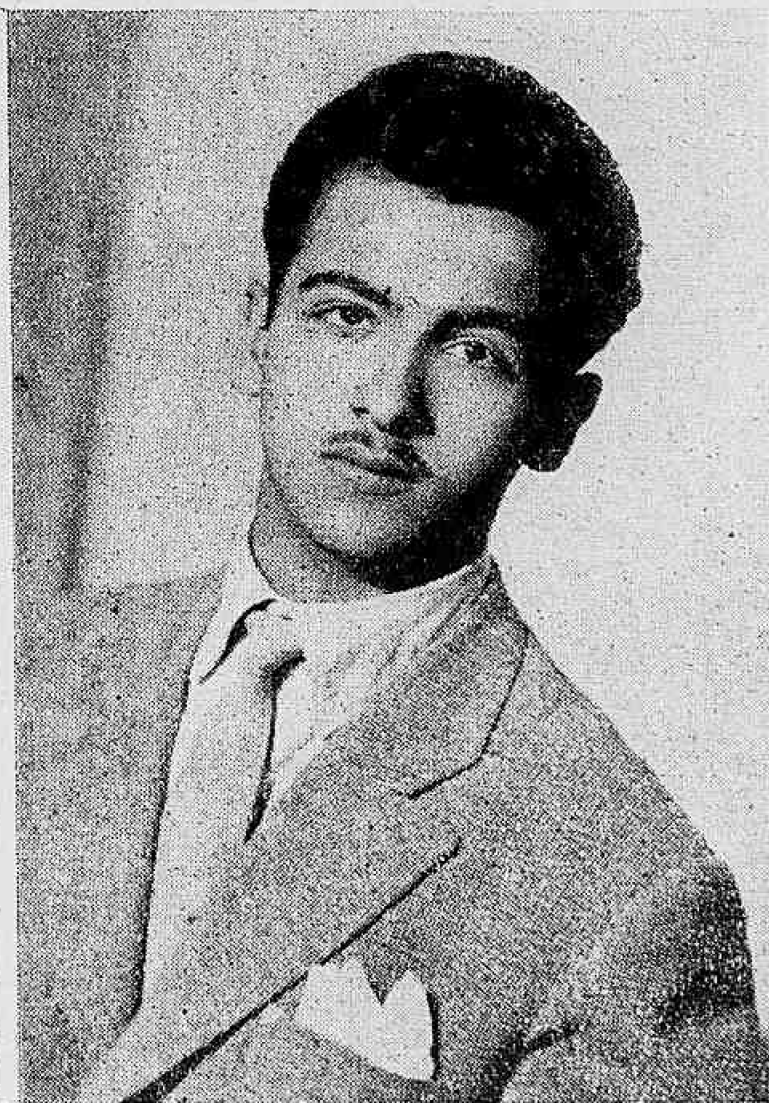
Leomil de Lopez (Passa Quatro, Sul de Minas) — Tire uma foto melhor e volte. Com estas você será prejudicado, não acha?

Agnaldo Del Rio (Rio) — Idem, idem.

Ivan Rodrigues e Anselmo Svaizer — De fato, as legendas de suas fotos foram trocadas. Mas anotamos o "equivoco" e tudo está corrigido, não se assustem. Na ocasião de uma provável procura, saberemos identificá-los. O que é impossivel, devido ao enorme número de cartas, e para não cansar o leitor com repetição, é que se reproduzam novamente as mesmas fotos. De acôrdo?



FICHA 59 — NEIDE TORELLI, 19 anos, 1,60 de altura, 59 quilos, curso ginasial e dactilógrafa, secretária particular, com pouca experiência artística, deseja ser atriz de cinema, gênero dramático. Reside em Santos, Estado de São Paulo.



FICHA 60 — RAIF DAIR, 18 anos, 1,67 de altura, 57 quilos, curso de admissão, comerciário, sem experiência artística, deseja ser um simples figurante, para iniciar. Reside em Poços de Caldas, Sul de Minas.



FICHA 61 — JULIE FRANK, 20 anos, 1,62, 52 quilos, curso primário e dactilógrafa, costureira, com pouca experiência artística como amadora, deseja ser atriz. Está fazendo o curso de cinema da «Academia de Artes». Reside em São Paulo.

Antes e Depois



PETER LAWFORD

PETER Lawford talvez seja o artista mais viajado de Hollywood. Nascido em Londres no dia 7 de setembro, filho do falecido General Sir Sidney e Lady Lawford, já viajou em volta do mundo duas vêzes. Iniciou sua carreira garôto, no filme da Metro-Goldwyn - Meyer «Lord Jeff».

Voltou à Inglaterra com os pais, onde os tutores se encarregaram de sua educação. Todavia, ao atingir os vinte anos começou a sentir a dureza da vida. Trabalhou como vigia de carros em estacionamento na Flórida, foi porteiro e desempenhou outras funções, até conseguir dinheiro suficiente para voltar a Hollywood e começar com todo o ardor a carreira que tanto o atraía — a representação.

Peter apareceu numa longa lista de importantes filmes, inclusive o último musical da Metro-Goldwyn-Mayer, «Núpcias Reais».





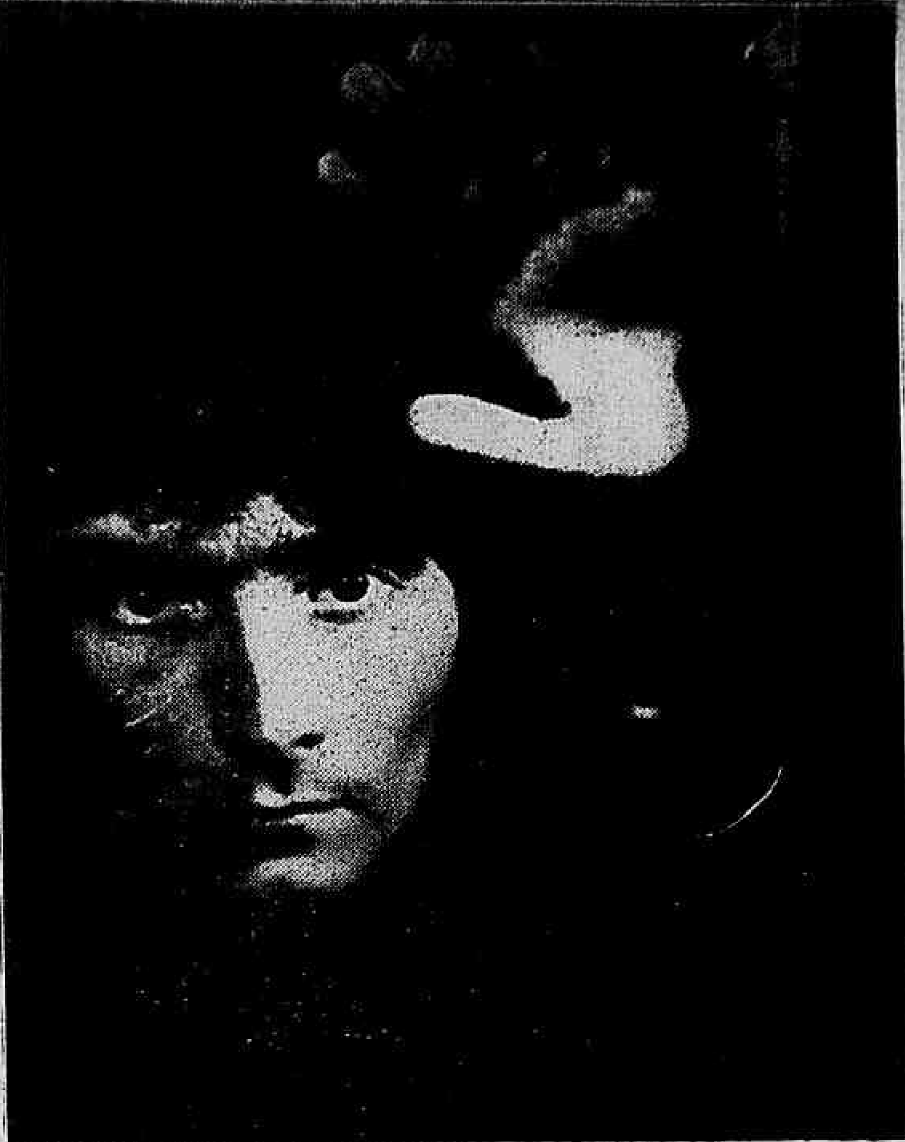
ARLENE DAHL

OS filmes coloridos parecem ter sido creados especialmente para esta deslumbrante garôta. De fato, os cabelos de fogo, os olhos azuis, a tez rosada de Miss Dahl constituem fatôres de sucesso em qualquer de seus desempenhos.

Nascida a 11 de agosto, em Minneapolis, sentiu-se fortemente inclinada à arte dramática e no colégio em que estudou aparecia freqüentemente nas peças do grêmio teatral. Aos 15 anos já representava semanalmente pelo rádio, através da cadeia de emissoras da National Broadcasting Company.

Durante seu primeiro ano na Universidade de Minnesota, conseguiu empregar-se como modêlo numa loja de Minneapolis. Em seguida viajou para Chicago, onde se exibia em desfiles de moda. Então, resolvendo tentar a sorte no teatro, viajou para Nova York, onde conseguiu o papel principal numa revista da Broadway. Logo depois Hollywood procurou-a. Sob longo contrato com a Metro Goldwyn Mayer, apareceu recentemente em «Três Palavrinhas» e «O Homem das Calamidades». Sua próxima película será «No Questions Asked».





MULHER COBIÇADA



EM um pequeno pôrto bretão, na baia de Saint-Brienc, Erquy, na costa norte da França, Jock Le Guen, velho marinheiro, é também o proprietário do maior albergue local. Lentamente se tornou êle o senhor do lugar: é ao preço que êle marca que os pescadores lhe vendem o peixe, e é ainda em seu albergue que êles gastam o dinheiro que dêle receberam. Assim, Jock é, na verdade, o sucessor dos senhores feudais, cujo último descendente legítimo, Julien de Keriadec, arruinado mas obstinado, vive sòzinho em seu castelo, sôbre as rochas. Os moleques da região caçoam de Keriadec chamando-o de Patas Brancas, por causa das polainas que êle nunca tira e que são, para êle, a última lembrança de sua antiga posição social.

Maurice, irmão bastardo de Keriadec, não é sensivel a êste ridiculo, mas às desvantagens sentimentais que atormentam o seu irmão que tem de vender os inestimáveis tesouros que ainda decoram o grande palacete, para ir vivendo, pois êle nada quer com o trabalho. Um ódio violento e o mais cruel desejo de vingança ocupam o cérebro de Maurice.

E se Mimi, a jovem camareira que serve no albergue de Jock Le Guen não tivesse por Keriadec o amor que tem e que em vão tenta dissimular seria na hostilidade mais completa que êste último rebento feudal teria que viver...

A chegada de Odette, uma pequena sensual, exibicionista e ruidosa, e que Jock encontra um dia em Saint-Brieuc e traz para casa, vai brutalmente cristalizar as possibilidades trágicas, exasperar as contradições que cada pessoa encontra nêle, com os quais êle vive e onde pensa acomodar-se, cóm o tempo.

Durante o dia inteiro Odette, malandrissima, nada faz, e o odor de peixe que jamais larga o marinheiro lhe parece assás cruel. Curiosidade, interêsse, e uma ponta de fastio feminil, todos êstes sentimentos de uma vez levam-lhe a meditar que deverá ser amante de Keriadec, com

(Cont. na pág. 26)

(Pattes Blanches)

E L E N C O :

Odette	**SUZY DELAIR**
Jock	**FERNAND DEDOUX**
De Keriadec	**PAUL BERNARD**
Mimi	**Arlette Thomas**
Maurice	**Michel Bouquet**
A mãe de Maurice	**Sylvie**
O juiz	**Debucourt**

Direção de JEAN CRÉMILLON — Distribuição da ART FILMS





A sra. Maria das Dores da Costa recebe o beijo de despedida dos netos, por ocasião do embarque. E por vontade própria, a vovózinha levaria consigo os filhos, a família inteira...

O RÁDIO A SERVIÇO DO INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

DEPOIS DE QUARENTA ANOS, A SRA. MARIA DAS DORES DA COSTA FOI REVER A PÁTRIA, POR INICIATIVA DE UM PROGRAMA RADIOFÔNICO ★ OUTROS LUSOS IRÃO MAIS TARDE

Texto de MÁRIO IVES



Um abraço e o «até à volta» da contemplada no programa «Revista de Portugal», de Celestino Silveira, que a recomendou em Lisboa ao representante do mesmo, o sr. Jorge Alves.

ÀS primeiras horas da tarde de sábado, 9 do corrente, o Aeroporto Santos Dumont, encheu-se de gente que foi ao «bota-fora» da primeira portuguêsa em viagem para a terra onde nasceu, por conta de um programa radiofônico brasileiro. Essa iniciativa deve-se ao programa «Revista de Portugal», que a Rádio Globo apresenta aos domingos, no horário das 19,05, e alcançou como se poderia esperar, um acontecimento sem precedentes nos anais do «broadcasting» do nosso país. A coisa é simples: Em vésperas de São João e do Natal, aquêle programa convida uma entidade portuguêsa instalada no Brasil para indicar um cidadão — homem ou senhora — português, de há muito residindo entre nós, sem nunca mais ter voltado à pátria por falta de recursos. Desta vez o convite foi feito ao Centro Transmontano, que depois de rigorosa sindicância, optou pela indicação da sra. Maria das Dores da Costa, com 65 anos de idade e há 40 anos vivendo aqui no Rio, para onde veio, em 1911, acompanhada do marido, já falecido, e de duas filhas. Nunca mais pôde voltar ao seu Tras-os-Montes querido, e ainda hoje, tantos anos passados, tem de trabalhar, costurando.

Estava, portanto, rigorosamente dentro das condições impostas pelo programa, razão por que lhe foi entregue uma passagem de avião, na B.O.A.C., de ida e volta a Lisboa, e a quantia de três mil cruzeiros para pequenas despesas. Vale assinalar que em Lisboa a contemplada tinha parentes à sua espera, o mesmo acontecendo na aldeia de Tras-os-Montes, onde agora se encontra.

O embarque deu-se em ambiente festivo, com a presença de muitos parentes, a diretoria do Centro Transmontano, populares curiosos em conhecer pessoalmente à felizarda senhora, gente de jornal e do rádio. Do Santos Dumont seguiu a sra. Maria das Dores para o Galeão, no ônibus

da emprêsa de aviação, e por volta das 14,45 horas, o possante «Argonaut» levantava vôo com destino a Lisboa, levando a bordo, sorridente e feliz, a primeira contemplada nesse serviço inédito ao qual se vem prestando a radiofonia brasileira. Minutos antes das últimas despedidas, procuramos ouví-la:

— Não vai receiosa de fazer uma viagem de quase vinte e quatro horas de avião?

A sra. Maria das Dores sorriu tranqüilamente:

— De maneira alguma. Receiosa por quê? Antes de embarcar fiz as minhas orações, estou sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima, cujo santuário visitarei dentro de poucos dias... Quanto à viagem aérea, é verdade que a faço pela primeira vez, mas não me assusta, pois tenho esperanças de que tudo correrá bem.

E depois de um abraço, com os olhos ligeiramente marejados de lágrimas, quando se abraçou as filhas e dos netinhos queridos, lá foi, serena, confiante, ocupar o seu lugar no avião.

Menos de vinte e quatro horas transcorridas, a Rádio Globo recebia de Lisboa um telegrama dizendo assim:

«Viagem ótima, cheguei bem — Maria das Dores».

Lá a esperavam o representante da «Revista de Portugal», sr. Jorge Alves; o presidente da Casa de Tras-os-Montes e Alto Douro, sr. João d'Almendra; o sr. Gastão de Bettencourt, chefe do serviço brasileiro do Secretariado de Informações, repórteres, radialistas e parentes amigos.

Pròximamente, em vésperas do Natal, o mesmo programa repitirá a façanha. Quem irá desta vez?

★

Como se vê, a Rádio Globo procura neste momento, por intermédio de um aparenretemente simples programa de rádio, trabalhar pelo verdadeiro intercâmbio luso-brasileiro.

Tendo no seu corpo de redatores o nosso confrade Celestino Silveira, que recentemente visitou Portugal, para fazer uma série de grandes reportagens publicadas pela «Revista da Semana», pôde assim dar expansão a essa idéia. O programa em aprêço, possue outras caracteristicas absolutamente inéditas: divulga reportagens gravadas semanalmente em terra portuguêsa, sôbre os acontecimentos de maior evidencia ali ocorridos; transmite mensagens de saudade gravadas no Rio e em Lisboa, nas quais a familia portuguêsa pode comunicar-se, sem qualquer remuneração; irradia as últimas novidades musicais e do «folclore» português, e vai promover a realização do 1º Congresso Luso-Brasileiro de Imprensa, iniciativa que já tem a aprovação de elementos portuguêses e da Associação Brasileira de Imprensa, que na pessoa de seu presidente, sr. Herbert Moses, se declarou solidário com a idéia e disposto a trabalhar por ela.

Trata-se, portanto, do primeiro grande empreendimento radiofônico pôsto em prática, no Brasil, pela aproximação sempre maior dos dois países tão unidos por laços fraternais. Não é apenas um programa para a colônia portuguêsa, porque interessa também, e muito de perto, aos brasileiros. Jornalistas, poetas, prosadores, homens de negócios, artistas dos dois países, tem-se aproveitado da «Revista de Portugal» para expandir seus pensamentos sôbre a maior comunhão entre Brasil e Portugal: Antônio d'Eça de Queiróz, Ferreira de Castro, Oliveira e Silva, e tantos outros, já o têm feito.

E neste momento, em Tras-osMontes, a sra. Maria das Dores da Costa está revendo a sua aldeia, aproveitando as inesperadas férias de uma primavera na terra em que nasceu, graças a êsse empreendimento de rádio no Brasil.



Esta foto foi batida no Aeroporto Santos Dumont, momentos antes da partida para o Galeão, de onde levantou vôo o avião transatlântico. Vêem-se parentes e amigos da veneranda senhora que depois de quarenta anos foi rever a terra em que nasceu, Tras-os-Montes, Portugal.

VOLTAM OS FILMES RUSSOS



Uma vez liberados no Brasil os filmes russos, a primeira produção que se apresenta é uma «reprise». A propósito, aqui está um artigo a respeito.

O filme russo «Flôr de pedra» (Stone Flower), produção de «Mesfilm Stúdios», distribuição da Artkino Pictures, de Nova Iorque, e «Swiss Filme do Brasil», é de quase tanta atualidade — sempre atual mesmo — como seria uma pelicula sôbre a guerra da Coréia, isto porque «Flôr de Pedra» é um conto de fadas e uma obra de inenarrável beleza plástica.

Nas primeiras cenas dêsse filme nota-se um certo preconceito de classe, — o que, em absluto, não lhe invalida o belíssimo conteúdo humano — pois tratam de um capataz cruel e de um nobre fátuo. Mas, daí por diante a filme toma um caminho mais objetivo, que é de um puro conto de fadas, simples e profundo como se pode desejar, narrado com suavidade e encanto.

O enrêdo de «Flôr de pedra» mostra-nos um jovem camponês, Danilo (Vladimir Druzhnikov), sob a tutela de um estatuário, esculpindo na pedra a forma de uma flôr. É uma bela obra de arte, e só êle sabe que essa mesma obra é suscetivel de poder tornar-se senhora de maior beleza. Aparece então uma rainha imaginária, das «Montanhas de Cobre» (Tamara Makarova), que promete-lhe revelar-lhe os segrêdos de uma florescência mágica que combina a eternidade da pedra com a nascente mortalidade de uma flôr. Na noite de seu casamento, Danilo abandona a noiva, Katia (Elena Derevschikova) pelas profundezas do reino das montanhas de Cobre, onde habita a Rainha. Ali, entre riquezas incalculáveis, Danilo encontra a flôr e aperfeiçoa a sua imitação florística. Mas fica cativo da Rainha. Entretanto, finalmente pelo amor, pela perseverança e pela natureza complexa da maligna Rainha, Danilo e sua noiva reunem-se novamente.

Essa obra, de tão alta fatura sinematográfica, foi dirigida por Alexandre Ptushko. Ela é ainda representada por uma belíssima ilustração musical, tão suave e apropriada que dispensa legendas e diálogos. O processo por que foi filmado, em côres irrecusàvelmente extraordinárias, sutís e no geral bem melhor que o «tecnicolor», adapta-se maravilhosamente ao assunto do filme. Existe nessa película uma reprodução esquisitamente grave do rito matrimonial dos camponeses russos. Tem ela também uma cena inspirada, admirável e sedutora como um sonho, na qual, desdobrando-se de pedra em pedra, a montanha de cobre abre o tunel que leva à riqueza escondida.

Pelo seu rito, pela sua presteza em apresentar sòmente — e com uma grandiosidade inigualável — um filme «conto de fadas», recomendamos «Flor de Pedra» para crianças no mais amplo lihite possível de idade, de quatro à duas vêzes quarenta.



CAROLE LANDIS   JACK HOLT   Ao alto: WALTER HUSTON   CAROL[...]

ENTRE OS ÍDOLOS DE ONT[...]

O negócio é o seguinte: eu poderia, para contar esta história, escolher a linguagem de Dante, uma vez que se trata de um conto verdadeiramente dautesco, e começar dizendo que:

"No meio do caminho desta vida,
errante me encontrei em selva escura.
na qual a via certa era perdida".

Mas assim eu pareceria retórico, prolixo, e se há uma coisa que eu detesto é o narrador confuso e maçante. Por isso, escolho o método de Damon Runyon que, afinal, é o meu próprio com ligeiras alterações. Uso-o com tôdas as gírias, com tôdas as impropriedades em minha simplicidade absoluta, goste quem gostar, porque é o melhor, o mais fácil e o mais claro para contar a estranha e, ao mesmo tempo, deliciosa aventura em que me envolvi num dêstes dias, e que diz respeito a cinema ou não viria publicada nesta revista.

Pois bem: estava eu, na noite de 23 de maio, na rua do Mistério, que é uma das tantas ruas da nossa Cinelandia, exatamente na esquina do Beco do Veneno onde existe um restaurante que se diz italiano e onde servem um cannelloni muito bom mas muito caro também, esperando um material que tinha combinado de ir ao cinema comigo (e era um *material* em nada desprezivel) quando, de repente, quem é que eu vejo chegar, alegre e feliz como um passarinho e todo vestido de azul marinho?!... Pois não era o velho conhecido Fulano, jornalista antigo e homem de cinema como eu? Naturalmente êle chegou só em espírito, dado que materialmente já se havia volatilizado há algum tempo. O velho Fulano foi me convidando a tomar um óleo no Tangará e como eu sei que Fulano considera indelicadeza séria a recusa a uma golada, mesmo se êle ou o convidado já estiverem altos, e como, além disso, a noite estava mais fria que o cadáver de Hitler, acompanhei-o na primeira bicada, na segunda, na terceira, e do décimo-sexto traçado em diante quem pagou foi o pato Donald... Como Virgilio fôra guia para Dante, o velho Fulano foi meu guia para o mundo da recordação... Sòmente que, nêste caso, embora encontrasse muitos pecados capitais, e muitas Francescas de Rimini, eu não caí como cai um corpo morto, não!... O pileque foi um bocado legal. Levou-nos Mr. Jones e o copincha num supersônico a jato e quando vi estávamos, eu e Fulano e mais Mr. Jones e o copincha num big anfiteatro parecido com o Hollywood Bowl repleto de meliantes com asas, todos fantasiados com roupagens das épocas mais dispares possíveis. Eu quis gritar para Fulano perguntando que diabo de negócio era aquêle de me carregar para o estúdio da Cinédia sem avisar, mas êle começou a se desculpar, a dizer uma coisa e outra e venha cá, porque mais isso e mais aquilo... Com pouco mais eu percebi a tapeação: eu fôra raptado para o Paraiso das Estrêlas. No duro! Ora, eu não me incomodaria com o fato: mas pelo menos deviam-me ter avisado para que eu me enfatiotasse. O caso é que eu me sentia deslocado entre tanta gente ilustre: muitos meus conhecidos, é verdade, mas conhecidos apenas de tela e de revistas ilustradas... Descobri que estava na Festa Anual da entrega de prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas do Outro Mundo. Apenas e apesar do título pomposo, a marmelada era uma farra fabulosa, com manjar de chocolate e crême de ameixa, e uma orquestra infernal animando o banzé, orquestra da qual faziam parte nada menos do que Nick La Rocca, Bix Beiderbecke, Jelly Roll Morton, o papai Jack Laine, Buddy Bolden, King Porter, Emmert Hardy, King Oliver, Mutt Carey, Benny Russell, Larry Shields, Leon Rappolo, Fats Waller, Bunk Johnson, Leadbelly, Sidney Catlett,



AL JOLSON

WALLACE BEERY

FRANK MORGAN

JOHN BARRYMORE

LOMBARD

EM

Conto cinematográfico de SALVYANO C. de PAIVA

Dave Tough, Bunny Berigan, Chick Webb, George Mitchell, Chu Berry, Tricky Sam Nanton, Bessie Smith e Charlie Christian. Sabe lá o que é isso?... Todos os grandes nomes da Era do Jazz. E num ataque furioso ao "Tiger Rag", enquanto Rappolo, o mais folgado, filosoficamente largava o instrumento pra dar mais umas fumaçadas de marijuana... Aí foi gosado: eu me lembrei de Robert Mitchum, coitado, aqui na terra, e dei de rir. Pra que! De camisa listrada, chapéu de aba larga e uma cartucheira espiga de milho verde guardada por dois 38 reluzentes, aproximou-se risonho Tom Mix e foi me indagando se eu estava me divertindo. Eu acenti. "Só que tem, prossegui, é que do canto onde estou não vejo a moçada direito, e eu acho que fazer uma viagem tão longa como a que fiz pra perder o "show", não está certo". Tom Mix concordou então em me levar ao trono da comissão julgadora do filme a rigor, isto é, os maiores pilantras do forrobodó. Imaginem quem presidía a comissão: o nosso tio David Wark Griffith, que quis logó saber como iam as coisas na Hollywood cá de baixo, e teve uma alegria e uma tristeza de pronto! Ficou satisfeito em saber que estão na moda os filmes racistas, novamente, e danou-se quando sôube que as suas teorias haviam sido abandonadas por alguns cretinos e ultrapassadas por uns cabras inteligentes da Europa e da América. Mas a raiva passou logo e tio Griffith me apresentou à turma da comissão dirigente, que reunia inventores, produtores antigos e cineastas célebres. Num canto, barbudos e enfraquezados, isto é, de frac... discutiam Louis Lumière, Thomas Alva Edison e Friese-Greene, enquanto muito circunspectos ouviam-nos os críticos Ricciotto Canudo, Louis Delluc, Jean-Georges Auriol e Bela Balazs. Sam Wood, um dos últimos diretores a chegar, junto com Enrico Guazzoni, explicava os novos processos técnicos introduzidos na filmagem sonora a Harry M. Warner, F. Murnau e Van Dyke II, auxiliado por Gregg Toland (que lá em cima ganha dinheiro com um curso de foco absoluto), enquanto Irving Thalberg, Carl Laemlle e William Fox faziam perguntas indiscretas sôbre receitas e despêsas das novas produções ao pobre Val Lewton. George Meliés e Ferdinand Zecca, pioneiros do espetáculo, disseram-me haver ouvido falar numa História do Cinema de um tal Sadoul, que reconstituiu a verdade sôbre êles, e no outro lado, sérios e atentos às explicações de montagem audo-visual do mestre russo Sergei Eisenstein (Ai-zens-táin) estavam o francês Jacques Feyder, o americano James Cruze, o alemão Robert Wiene, o americano Thomas Ince, o suéco Maurice Stiller e o francês Jean Vigo, ainda jovem e cheio de vida (como é que pode?...) Numa banheira, cheia de sabão, no meio da sala, com um charuto que parecia chaminé, sorrindo maliciosamente com um livro de nudismo que lia entusiasmado... Ernst Lubitsch estudava o argumento do seu novo filme, a ser distribuido pela Celeste Pictures Inc. Mas a animação da farra era mesmo entre astros e "estrêlas"... Warner Oland, travestido de Charlie Chan corria atrás de uns ladrões, ao mesmo tempo em que W. C. Fields, com o nariz vermelho e as bochechas rosadas dizia piadas. Warren William, também conhecido como Lobo Solitário, liderava um desfile romano cheio de cavadoras de ouro, enquanto Karl Dane e Louis Wolheiam tomavam parte no grande desfile pacifista fardados de pracinha americano da Primeira Grande Guerra, relembrando os velhos sucessos em "The Big Parade" e "Sem Novidade no Front". Mais adiante, frente a um tribunal clerical, uma mulher de cabelos tosados clamava inocência com expressões de primeiro plano. Tom Mix, que nessa altura me obrigara a montar no Silver do seu e meu amigo Buck Jones (atrapalhado na mesma ocasião em marretar uns caras num "saloon" do "far-west" celeste que pegava fogo) me explicou que a dama ilustre que bancava a Joana d'Arc se chamava Renée Falconetti e fôra aluna de um certo Carl Dreyer, ainda na terra, e há muito esperado nas alturas... Adiante topamos com um grupo de fulanas em gesticulações exageradissimas, aplaudidas por centenas de beócios de tôdas as classes sociais. Tratavam-se das "divas" de 1916-1920 Pina Menichelli, Lyda Borelli, Italia Almirante Manzini e os respectivos "divos", Mario Bonnard e Alberto Capozzi. Ali pertinho, no grupo visinho mesmo, "divas" e divos americanos davam a réplica aos italianos: Pearl White, agil como uma gata, fazia acrobacias estupendas, loura e bela; Charles Ray desentupia uma pia... digo, beijava apaixonadamente Barbara La Marn cuja tinta de maquilhagem escorria, azulada, dos olhos grandes e belos; William S. Hart laçava bandidos, dava tiros a três por dois, montava cavalos e derrubava vacas, berrando que era maior e mais isso, e mais aquilo, o que deixou sinceramente amolados Tom Mix e Buck Jones, "cow-boys" de justa fama. Mas antes que os três entrassem em disputa, chegou o pai de todos êles, o veterano G. M. Anderson, mais conhecido como Broncho Billy, na realidade o primeiro vaqueiro do cinema. Broncho Billy puxou da artilharia e sapecou dois pipôcos pra cima, deixando todo o mundo zonzo. E foi cuspindo pro lado e gritando pro homem do boteco pra baixar pinga pra todos no salão. Meu amigo Fulano, ao ouvir falarem em cana, pulou de alegria. Mais ambientado, eu continuei descobrindo gente de cinema antigo. Numa roda, a maior do recinto, encontrei dois velhos gerentes de cinema do Rio Grande do Sul que me pediram notícias do Pery Ribas. Cercado de viúvas, jovens e balzaquianas, Rodolfo Valentino, belo e carioso, dançava um tanto com uma pilantra do seu tempo, enquanto ao lado, ardoroso e ousado, John Gilbert beijava Renée Adorée. O russo Ivan Mosjoukine provocou sensação, entrando naquele momento fantasiado de Miguel Strogoff, correio do Tzar. Acompanhavam-no John Barrymore, altivo como sempre, fantasiado de Belo Brummell, Milton Sills como o Abutre do Mar e o alegre e ágil Douglas Fairbanks Senior na pele do inesquecível Don Q. A assistência ficou muito alegre com a presença de Douglas, sempre pulando pra-qui e pra-lí, mas dentro em pouco voltou a ficar em expectativa quando o porteiro anunciou a entrada triunfal do homem miraculoso, Lon Chaney Senior. O terrível Lon Chaney pregou susto em muita gente, aparecendo disfarçado de monstro: metade Fantasma da Ópera e metade Corcunda de Notre Dame.

Fiz uma pausa, tomei um gole do delicioso licor paradisíaco e quando fui ao jardim de inverno para respirar um pouco encontrei o brincalhão Wallace Beery levando uma surra da amada perene Marie Dressler, dois comediantes insubstituiveis. Voltei ao salão a tempo de ver o gigantesco Maciste derrubar dez sujeitos quovádícos com um só murro, e logo depois Fatty Arbuckle (Chico Boia) corria atrás de um brotinho celeste, enquanto os maledicentes murmuravam... Com roupas parecidas com as de Carlitos, Max Linder fazia cenas engraçadas; Theda Bara recitava a "Carmen" de Merimée, cheia de meneios sensuais, em um duelo danado com Geraldine Farrar, cada qual mais cada qual ! Maurice Costello e Wallace Reid, importantemente borocochôs disputavam papéis em fitas históricas. James Murray, mais modesto, preferia a comédia americana da época... Cinco atores contemporâneos do cinema falado jogavam uma partida de buraco numa mesa, recordando os velhos sucessos com um "Hurrah!" cada vez que alguem fazia ponto. Eram Warner Baxter, Jack Holt, Richard Dix, Walter Huston e Frank Morgan... "No Velho Arizona", "Dirigível", "Cimarron", "O homem que vendeu a alma" e "Mágico de Oz".

Solitário, dando uma última ordem e uma última gargalhada, encontrei aquêle que fôra o maior ator do mundo em sua época, Emil Jannings. Muito engraçado, como sempre, Will Rogers contava anedotas ao respeitável Disraeli, perdão, George Arliss... e, pelo jeito, estava logo na cara, a anedota era sôbre mulheres... Raimu, malicioso até do outro lado, passou

(*Continua na pág. 26*)



RODOLFO VALENTINO



JOHN GILBERT



POR OCASIÃO da visita feita a Hollywood por Giuseppe Amato e Leonide Moguy, produtor e diretor do «Domani é troppo tardi», quando do seu lançamento na capital do cinema, Mary Pickford a veterana atriz, ofereceu em sua luxuosa residência uma festa para comemorar o acontecimento, a qual compareceram numerosos personagens famosos de Hollywood. Na foto acima vemos: Constance Bennett, Guiseppe Amato, Alida Valli, uma atriz não identificada, Douglas Fairbanks Jr., a jornalista Wright, Mary Pickford de branco e finalmente Leonide Moguy, que abraça um amigo. — «Domani é troppo tardi» foi recebido com simpatia por parte do público americano.



Com o intento de moralizar a produção cinematográfica, o padre Keller, de Hollywood, vem de iniciar o «Christofer Movement». Êste movimento que tem por finalidade incentivar a produção e o lançamento de filmes de caráter educativo, foi recebido com a mais viva simpatia por todos quanto labutam no ambiente cinematográfico. O primeiro filme da série dos muitos que virão a ser produzidos, está já em andamento e será intitulado «Podemos modificar o mundo». No clichê vemos o iniciador da campanha rodeado de vários astros famósos, notando-se Ann Blyth, Loreta Young, Irene Dune, Jack Beny, William Holden e Eddie Anderson.

Flashes Mundiais



FRANÇOISE ROSAY
Está em Hollywood.

NUNCA É TARDE PARA SE FAZER O QUE SE QUER. Assim afirmou Françoise Rosay, esta notável artista francesa, de cinqüenta e nove anos. Françoise começou a sua carreira artística, no palco, como estrêla da Ópera de Paris, desistindo pouco depois do teatro para tornar-se Mme. Jacques Feyder. «Pensei nunca mais voltar a trabalhar depois da morte de meu marido», disse-nos ela. No momento, porém, está em Montreal, em cujos arredores vem sendo filmado «The 13th Letter», com Linda Darnell, Charles Boyer, e os atôres inglêses Michael Rennie e Constance Smith. Neste filme, Françoise Rosay, representa a mãe de um herói de guerra, canadense. O filme que deu fama a Françoise, foi «Carnival in Flanders», no qual ela como espôsa de um alto funcionário flamengo, põe fim às anarquias de um bando de agitadores espanhóis. Embora pretendesse retirar-se definitivamente do cinema, quando deixou a França, durante a segunda grande guerra, para uma viagem à Suiça e ao Norte da África, ao passar pela Inglaterra, aceitou a parte que lhe ofereceram em «Quarteto», pois segundo afirma, «A IDADE NÃO DEVE SER IMPECILHO PARA QUEM TEM UMA CARREIRA OU DESEJE INICIÁ-LA». Recebeu aplausos unânimes da crítica americana pelo seu trabalho em «Quarteto», pois embora pequeno, foi sincero e humano. Françoise estêve em Hollywood em 1929, quando teve ocasião de conhecer entre outros astros famoso, Mary Dressler, o ídolo da época, e de quem se tornou uma grande admiradora. O que mais deseja Françoise, é tomar parte em filmes cômicos e desempenhar papéis alegres, como o fazia a sua admirada Mary. Charles Boyer cuja amizade com Françoise Rosay data de longo tempo, da época em que ainda se encontravam na França, diz que sua volta ao cinema americano não pode ser considerada como uma «reentré», pois Françoise nunca «SAIU» do cinema, tendo apenas tomado umas «LONGAS FÉRIAS».

ESTADOS UNIDOS

★ OS PRODUTORES Jerry Wald e Norman Krasna acabam de anunciar que estão já prontos os escritos de 12 das sessenta películas que deverão produzir, de acôrdo com o seu contrato com a RKO Radio, durante os próximos 5 anos.

Os produtores também anunciam que já estão marcadas as datas de início da filmagem de duas dessas realizações — «Strike a Match» e «The Blue Veil». «Strike a Match» é uma história de amor que se passa em nossos dias. Êsse filme será dirigido por Mark Robson, tendo os cenários cinematográficos sido preparados por Robert Smith, autor da obra original em que o filme se baseia. «Blue Veil» é um drama de paixões, que tem a atriz Jane Wyman no papel principal. Jerry Wald foi o produtor de «Belinda», com que a artista ganhou o Oscar de 1948. «The Blue Veil», que se baseia numa história original de François Campeaux, será dirigida por Curtis Bernhardt. Essas duas películas serão iniciadas no próximo mês de março.

Os outros escritos já completos são os seguintes:

«Behave Yourself», história original de George Beck, que será o diretor do filme; «The Harder they Fall», adaptação da novela de Budd Schulberg, que trata da glória e da queda dos campeões de boxe; «Size 12», história da indústria dos vestidos nos Estados Unidos, obra de Jerome Weidman, produção de Harriet Parsons; «I Married a Woman», comédia do notável escritor de rádio Goodman Ace, autor do programa «the Big Show»; «Cowpoke», filme do Oeste, cuja história foi escrita por David Dortort e Claude Stanush, direção de Robert Parish; «Girls Wanted», história das mulheres de um salão de baile, adaptação de um enrêdo original de Marva e Lloyd Shearer, produção de Mark Daniels; «The U.S. O. Story», filme do gênero «stravaganza», em tecnicolor, com um elenco de estrêlas, escrito de Frederic Hazlitt Brennan, direção de Busby Berkeley; «Clash by Night», adaptação de Alfred Hayes da obra de Clifford Odets, de grande êxito na Broadway, que terá Joan Crawford como estrêla; «Exclusive Model», história de Ketti Frings, que faz também a adaptação cinematográfica da mesma.



JANE WYMAN
«The Blue Veil»

sôbre a vida de Paris; o «All The Beauttifuld girls», que tem como tema os problemas relacionados com a filmagem de um grande espetáculo musical, escrito original de Lewis Meltzer.

★ FOI INICIADA a filmagem de «Lying Leathernecks», com a qual o produtor Edmund Grainger leva adiante os seus planos de 1951. Segundo o seu contrato com Howard Hughes, Grainger realizará um total de nove filmes, num período de dois anos. «Flying Leathernecks», será dirigida por Nicholas Ray, com Robert Ryan, Don Taylor, Jay Flippen e William Harrigan nos papéis principais. O argumento é de James Edward Grant, baseado numa obra original de Kenneth Gamet.

Seguir-se-á «The Day They Gave Babies Away», de uma novela publicada pela revista Cosmopolitan, da autora Dale Eunson. Depois, «Buccaneer Empire», aventura romântica, em tecnicolor, de DeWallon Scott, a ser dirigida por Robert Stevenson, tendo nos papéis principais Robert Mitchum e Faith Domergue, Victor Mature e Jack Buetel. A quarta produção será um argumento original de William Haines, cujo título não foi ainda anunciado, e a quinta será «African Intrigue», que será produzida em tecnicolor e filmada na África.



FAITH DOMERGUE
«Buccaneer Empire»

★ JANIS CARTER foi contratada pela RKO, por largo tempo. Seu contrato começará a vigorar depois que ela terminar seu trabalho junto de John Wayne, Rober Ryan e Don Taylor, em «Flyng Leathehnecks», película de Edmund Granger. Miss Carter é natural de Cleveland e foi a New York para cantar na ópera. Teve um grande sucesso nos programas de rádio e no teatro, indo então para Hollywood.

INGLATERRA

JAMES Robertson Justice, o ator britânico que personifica um chefe de orquestra em «Prelúdio», produção de J. Arthur Rank, tem a esperança que pouco a pouco reviverá na tela tôdas as profissões que já exerceu na vida real. No transcurso de sua vida acidentada, Robertson já exerceu as funções de engenheiro civil, professor, pilôto de um veleiro, agente de seguros, horticultor, fotógrafo e agora, ator de cinema. Robertson já serviu também na marinha e no exército britânico, é um profundo conhecedor de tudo que diz respeito a pássaros e orquídeas selvagens. Seus papéis cinematográficos têm sido os mais diversos: — «Professor» em «VICE-VERSA», «saboteador», em «HERÓIS ANÔNIMOS», «explorador», em «SCOTT OF THE ARTIE», «dentista», em «STEP PRESS GIRL», «crítico literário», em «POET'S PUB», «médico» em «FEITA PARA TODOS», «tenista», em «QUARTETO» e agora finalmente, «diretor de orquestra», em «PRELÚDIO», como já dissemos acima. O interessante é que tôdas as suas caracterizações têm sido sempre as de homens barbados.



NADIA GREY
«A Aranha e a Mosca»

ESPANHA

ULTIMAM-SE em Madrid os preparativos para o término das filmagens de "La Leona de Castilla", cujo argumento foi extraido da obra de Villaespesa, e que está sendo dirigido por Juan de Orduña. No elenco de "La Leona de Castilla" figuram Amparo Rivelles, Virgilio Teixeira, Alfredo Mayo e outros. ★ "Uma Cubana en España", de Bayon Herrera, também está quase terminada, e tem nos papéis-titulos, Blanquita Amaro, Mario Cabré e Tito Luisardo. ★ Maria Félix, Rossano Brazzi e Vittorio Gassman são os personagens centrais de "A Coroa Negra", recém-terminada na Espanha. ★ Também Hugo Del Carril encontra-se em Madrid, filmando e dirigindo "El negro que tenia alma blanca", que conta também com os nomes de Maria Rosa Salgado e Antonio Casal, no elenco. ★ Foi estreado com grande sucesso em Madrid "O vento levou". ★ Roda-se em Barcelona, nos Estúdios "Trilla Emisora", os seguintes filmes espanhóis: "La fuente enterrada", "Final de una leyenda" e "Calina de Inglaterra".

★

ARGENTINA

★ ZULLY MORENO, a bela estrêla portenha de tantos filmes de sucesso, teve em «La Indeseable» um dos seus recentes trabalhos para os estúdios argentinos. «La Indeseable» tem um argumento original de José Ramon Luna, e foi dirigida pelo diretor e intérprete, Mário Soffici. Ao lado de Zully Moreno estão também Carlos Thompson, Guillermo Battaglia, Eduardo Cuitiño e muitos outros que formam o «cast» dêste drama que nos conta a história de uma mulher jovem e bonita, que, casando-se com um homem rico já de idade, é apontada como uma intruza e indesejável. Um homem jovem compõe com êles o outro lado do eterno triângulo passional. ★ «LICEO DE SEÑORITAS» é um alegre filme que nos traz Elina Colomer, na pele de uma professôra de um colégio de moças, que se vê envolta em mil e uma trapalhadas que atrapalham a vida do tímido professor Felipe Peña.



Êste que aqui vemos glamourosamente vestido a «la Miranda», é nada mais, nada menos, do que o impa-



gável cômico italiano Ricardo Billi, que assim aparece no divertido filme «Arrivano i nostri», no qual



Franca Marsi, uma formidável morena italiana é a estrêla do filme.

"DON JUAN

UMA velha questão iniciada na Idade Média entre o Arcebispado de Vich e a casa de Moncada, serviu de pretexto para a formação do Principado de Catalunha e de dois bandos rivais: Narros e Cadells. No ano de 1623, as lutas fratricidas degeneraram em ódio e tremendos crimes. O partido dos Narros se viu apoiado inesperadamente, por dois bandos de desordeiros que, refugiados nas cavernas, nas imediações dos Pirineus Catalanos, assolavam as aldeias vizinhas. O chefe de uma delas era o Fadri de Sau, outrora pacifico lavrador o qual teve injustamente vitimadas sua mãe e sua irmã pelos partidários de Cadells, homens sem escrúpulos. Êsse fato fêz com que Fadri se lançasse contra êles e ao banditismo com todo o ódio de seu coração.

No partido dos Narros existe também a nobreza. Um dos seus chefes é apaixonado partidário de Don Bernardo de Serrallonga, que arrastado pelo ódio acumulado por seus inimigos contra seu filho Don Juan de Serrallonga, refugiado na França por haver dado morte em duelo ao primo de Don Carlos de Torrellas, chefe do partido dos Cadells, decide unir-se aos Narros para poder vingar seu filho. Don Juan de Serrallonga durante o seu destêrro na França conhece uma bela jovem, por quem se enamora. Ainda que sabendo pesar sôbre a sua cabeça uma sentença de morte, Don Juan regressa à Espanha com o nome de Alonso de Chaves, Don Bernardo se assusta com a presença de seu filho no Principado e roga-lhe que fuja novamente, até que consiga o indulto. Don Juan se nega e suplica que seu pai lhe conte todos os pormenores do que aconteceu na sua ausência. A ruina moral e material de sua casa é evidente. Os Cadells lhes arrebataram todos os bens e prestígio. Não obstante, Don Bernardo recomenda ao filho a máxima cordura e lhe propõe a única forma de acabar com o ódio entre as familias e chefes de partido: O casamento de Don Juan com a filha de Don Carlos de Torrellas, cuja mão seu pai pediria. Serrallonga se nega ao propósito e conta ao pai os seus amôres com certa dama espanhola, em Paris, a mesma que verá na festa Veneziana, que se celebrará no dia seguinte na casa de Torrellas. Don Bernardo quer evitar que seu filho vá à festa, porém, Don Juan o tranquiliza, dizendo que irá disfarçado, não havendo nenhum perigo. Os namorados encontram-se na festa, porém, conseguida a entrevista no jardim, Serrallonga tem ciência que a jovem voltara à Espanha para conhecer o noivo, Don Luiz (sobrinho de Virrey), o qual o descobre na solidão do jardim e enfurecido se bate com Serrallonga; êste toma conhecimento pelas frases trocadas durante o duelo que Dona Juana de Torrellas e a dama que conheceu na França são a mesma pessoa. Serrallonga mata o rival e foge com Dona Juana com o propósito de chegar à França com seu pai Don Bernardo, para não serem de novo perseguidos . O pai se nega a ir com êles porque já se sente velho e não deve abandonar aquela casa cheia de recordações de seus antepassados.

Serralonga resolve não abandonar seu pai e se homizia nas galerias, para poder protegerlhe, em caso de necessidade. Na festa havia encontrado Fadri de Sau, que, com seus homens estavam emboscados dispostos a assaltar a casa e assassinar os seus convidados. Serralonga, que foi irmão de leite de Sau, demove-o de tais métodos de luta, isto porque, sabia que sua amada estava entre os convivas.

Fadri, que sempre teve verdadeira admiração por Serralonga — grande espadachim, homem valente e de pura nobreza catalã — lhe pede que aceite o comando dos seus homens para prosseguir a luta de outra maneira. Serrallonga, que naquela noite aceita o encargo,



DE SERRALONGA"



faz o Fadri desistir dos seus criminosos intentos. Assim conta êle ao seu pai, o qual desaprova suas idéias, porém, convencido da sua resolução não faz outra coisa senão aconselhar-lhe que não siga o procedimento daquele bando de foragidos: — só te peço que não te deixes levar pelo ódio, isso te faria cruel e te conduziria ao desespêho e eu te amaldiçoaria.

Serralonga à frente daqueles desalmados, tenta ensinar-lhes novos métodos da nobre luta. Cada dia porém, suas fileiras se tornam maiores e mais poderosas até que os Narros o nomeiam Capitão na luta contra os Cadells. Não obstante o ódio de Don Carlos de Torrellas, irmão de Dona Juana, decide, como atual Governador de Barcelona, oferecer uma festa para capturar Serrallonga, que por duas vêzes havia desonrado a sua casa. Entre traições e emboscadas nunca consegue o seu intent®, porém se conseguir que Serrallonga irrompa em seu Gabinete de Governador, disposto a bater-se, então firmará ordem de liberdade de Don Bernardo, detido por sua ordem. Serrallonga aparece. No fragor do duelo surgem os soldados que detêm Serralonga. A notícia causa surprêsa a tôda gente. O Fadri de Sau, ao ter conhecimento do fato tão grave, usa de um estratagema de suplantação da personalidade e com seu lugar-tenente visitam o Governador como enviados de Vich e lhe fazem a entrega das chaves da casa e da sepultura de Don Bernardo, morto de desgôsto por sua injustificada prisão. Consegue assim, uma fuga acidentada e perigosa com Serrallonga. Fadri lhe conta a fatal novidade sôbre o desaparecimento de seu pai.

O ódio e o desespêro nascem num impeto no coração de Serrallonga, que na sua sêde de vingança inicia uma série de atropelos, cometendo crimes hediondos. Seu nome começa a ser tristemente célebre até que os Narros o abandonam envergonhados. A causa está perdida. As fôrças são dizimadas sem piedade. No final desta longa carreira Serrallonga encontra-se só. O amor de Dona Juana não fôra suficiente para fazê-lo refletir na realidade e conveniência. Um arrependimento estranho lhe invade o coração. A voz de seu pai parece chamar-lhe. Abandona as suas montanhas com uma idéia fixa: pedir perdão a seu pai mesmo diante da sepultura, de onde pensa, Don Bernardo a está amaldiçoando. Chega esgotado, ajoelha-se e reza. Súbito as portas do túmulo abrem-se lentamente. Eram os soldados do govérador orientados por um traidor do partido, que em várias ocasiões tentou vender Serrallonga e conseguia agora os seus desejos, pelo que é recompensado por Don Carlos, com uma bôlsa de ouro.

Dona Juana e Fadri, sempre atentos aos delírios do Capitão, haviam seguido os seus passos, porém chegam tarde para salvá-lo, só conseguem dar morte ao traidor.

Serrallonga é prêso e julgado, enquanto os seus leais amigos à frente dos quais estão Dona Juana e Fadri, tentam libertá-lo, mas seus intentos são descobertos e a hora fatal chega para Serrallonga. Condenado a morte, Serrallonga não deseja salvar-se, quer expiar os seus crimes, declara ao confessor que o acompanha ao patibulo.

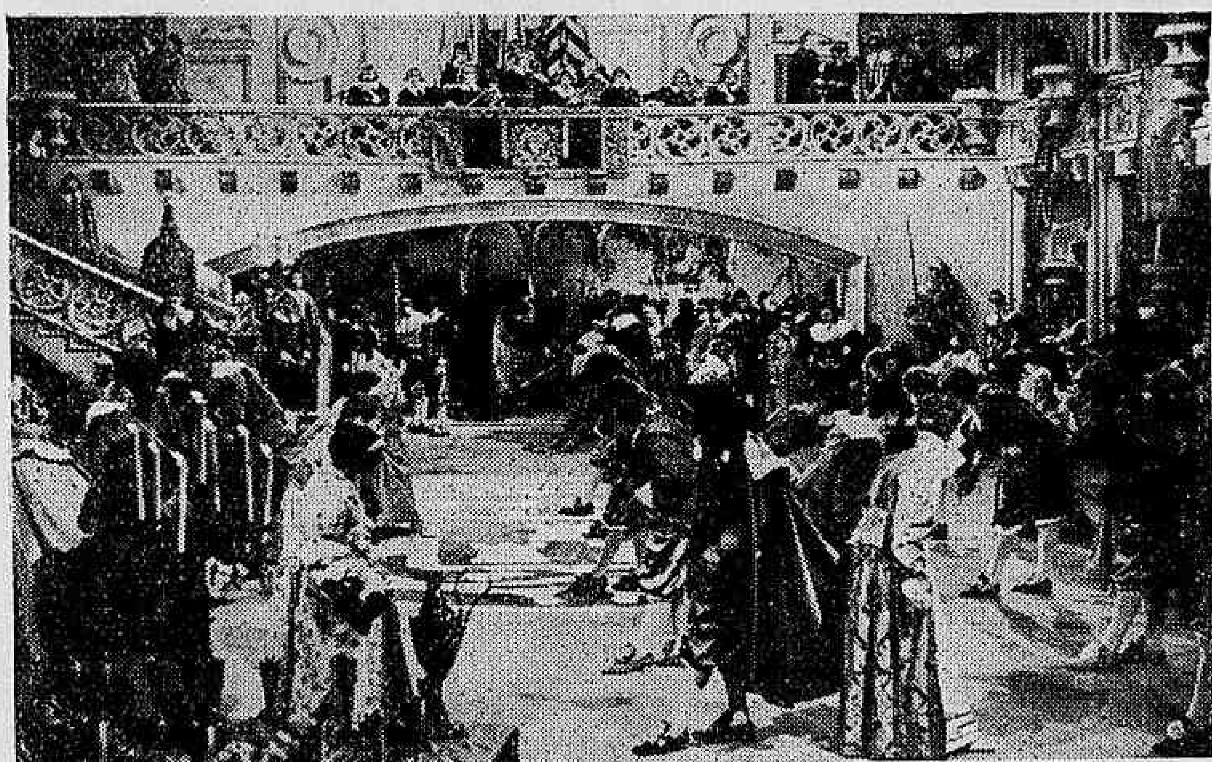
Essa morte não chega a fazer com que Dona Juana e Fadri compreendam a generosa expiação. Refugiam-se êles na montanha para continuar a luta.

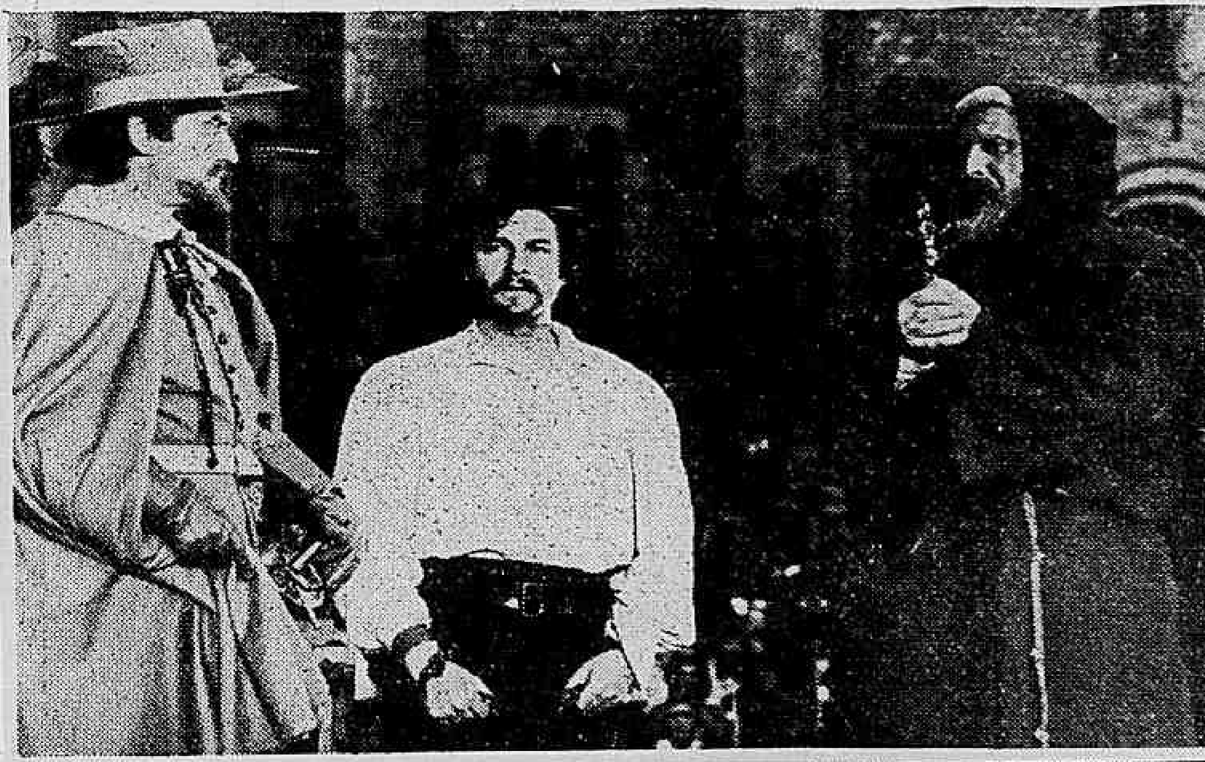
CINE ROMANCE

ELENCO:

Amadeu Nazzari	Don Juan de Serralonga
Maruja Asquerino	Doña Juana de Aorrella
José Nieto	Fadri de Sau
Felix Pomés ...	Don Carlos de Torrellas
Domingos Rivas	Don Sálvio Fontanellas
Tallaferro	Fernando Sancho
Arturo Câmara..	Don Juan de Colmenar
Roberto	Alfonso Estela

Roteiro cinematográfico baseado na imortal obra de Victor Balagner. Direção de Ricardo Gascon — Fotografia de Armando Seville — Produção de Pesca Filmes (Espanha) — Distribuição Gamma Filmes do Brasil.









COLUNA DO FÃ

PANORAMA DO CINEMA NACIONAL

Novo impulso foi dado ao cinema nacional, dissipou-se aquela dose de pessimismo que pairava sôbre os produtores nacionais, e êstes como qualquer outro ser humano que labuta na Sétima Arte no Brasil, passaram a ser encarados com mais otimismo.

Até o Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, está olhando com bons olhos para o nosso cinema, pois, já está em cogitação a fundação do Instituto Nacional de Cinema, e estamos certos de que essa instituição trará relevantes benefícios para o progresso da cinematografia brasileira. O fato principal do sucesso dessa instituição foi a acertada indicação do cineasta patrício Alberto Cavalcanti, para exercer a função de diretor.

Há dias, lendo o jornal a «Folha da Manhã», da paulicéia, deparei com um interessante artigo sôbre cinema, escrito por Carlos Ortiz, em que êste apresentava uma definição do filme nacional redigida pelo advogado Ortiz Monteiro.

«A presente lei define como filme nacional todo aquêle que produzido no Brasil, falado em língua portuguêsa, no qual estejam invertido 60% no mínimo de capital nacional, e com equipes artística e técnico compostos de dois têrços, pelo menos, de elementos nacionais, conforme determina a legislação atual».

1950, foi também o ano Santo para o nosso cinema, porque, nesse ano várias e poderosas produtoras se instalaram nesta terra dos palmeirais onde canta o sabiá. O principal incremento do cinema-indústria foi aqui em São Paulo onde surgiu quatro produtoras de filmes: a Cinematográfica Vera Cruz, a Maristela, a Oceania Filme e a Anderais Filme.

E nas coxilhas dos pampas, mesmo contra o sôpro impertinente do minuano, instalou-se a produtora Novos Horizontes, a primeira e grande companhia cinematográfica que se instala em terras sulinas.

A Cinematográfica Vera Cruz estreiou de modo auspicioso no fim do ano findo com o filme «Caiçara», dirigido por Adolfo Celi, filme bem recebido pela crtica brasileira. Ainda não faz um mês foi exibido em São Paulo, num circuito de 15 casas exibidoras, o segundo filme da Vera Cruz «Terra é sempre terra», baseado na peça «Paiol Velho» de Ablio P. de Almeida, sob a direção do inglês Tom Payne, filme interpretado pelo autor da peça em que foi baseado o filme, Abílio Pereira de Almeida, Marisa Prado, Mário Sérgio e ainda numa pequena ponta a atriz de «Caiçara», Eliane Lage.

A Maristela, a mais bem aparelhada companhia da paulicéia, fêz sua estréia no início de maio dêste ano com o filme «Presença de Anita» dirigido por Ruggero Jacobbi e interpretado por Orlando Vilar, Antonieta Morineau e Vera Nunes, filme recebido pelos críticos paulistas, com certas restrições, relacionadas ao argumento e à interpretação de Orlando Vilar, mas ressaltando o valor técnico da película, a direção de Ruggero Jacobbi e à interpretação de Antonieta Morineau.

Resta-nos agora aguardar as exibições das novas películas que estão sendo ùltimadas; tal como «Dentro da Vida» de Jonald (Estrêla da Manhã), com Beatriz Consuelo e Paulo Renato; «Tocaia» do já vitorioso Eurico Ramos com a sedutora Fada Santoro e Cyl Farney; «Alameda da Saudade, 113» de Carlos Ortiz e produzida por Ortiz Monteiro. O argumento do filme «Alameda da Saudade, 113» é de autoria do diretor do mesmo e baseado numa lenda que tornou-se popular em São Paulo.

«Vento Grande», primeira grande produção realizada em tecnicolor no Brasil, produzida por Ludovic Minchella com Hernine Sinclair no principal papel. Êste filme é uma produção da Novos Horizontes, de Pôrto Alegre.

A Cinematográfica Vera Cruz está terminando o seu terceiro filme, «Ângela» com Eliane Lage sob a direção do inglês Tom Payne e a mesma companhia já iniciou em seus estúdios em São Bernardo a filmagem de sua quarta produção: «Tico Tico no Fubá» com argumento baseado na vida do saudoso compositor Zequinha de Abreu, uma produção Fernando de Barros, direção de Adolfo Celi com os astros Anselmo Duarte e Tônia Carrero.

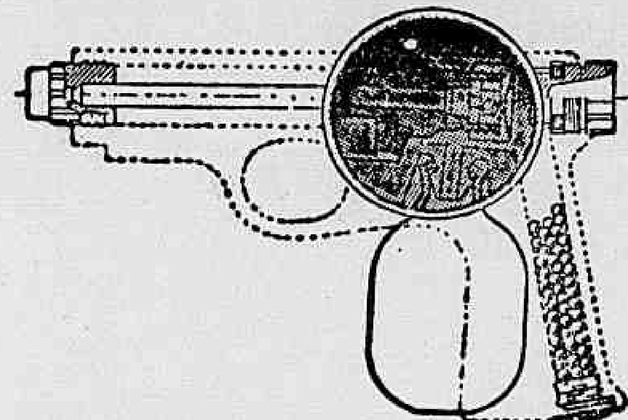
E agora eu pergunto. Por onde andará «O Lampeão»? Película há tempos iniciada pela Anderaos Filme da capital paulista, até agora não apresentada ao público brasileiro.

Como vêm, o panorama cinematográfico do Brasil é ótimo e assim firma-se em nossa terra, a famosa sétima-arte que até há pouco mais de um ano vinha caminhando a passos lentos.

ANÉSIO ANTÔNIO NARDOCCI — Monte Alto — E. de S. Paulo

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FÔRÇAS
Tônico poderoso

Pistola "PNEUMATIR"
PATENTEADA EM TODOS OS PAISES
A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres
FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO
Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes
Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL
Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes
Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:
Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....

SENSACIONAL!

EM 1950
SO' FUTEBOL

EM 1951
FUTEBOL
E TODOS ESPORTES
AMADORISTAS

★ ESTATÍSTICAS
★ FOTOS DOS CAMPEÕES
★ COMENTÁRIOS DE TÔDAS AS TEMPORADAS
★ HISTÓRICOS

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS

MÚSICA

(Cont. da pág. 33)

da «Boheme», no Teatro Ferrari, em Sapri. Adotou o nome artístico de Ângela Dalise e alcançou na ópera de Puccini êxito sensacional, que repercutiu na imprensa peninsular. «Il Giornale d'Italia», grande órgão de Roma, entre outros elogios, registra que «Ângela Dalise, o soprano ainda tão jovem, foi ótima no papel de Mimi. Com a sua voz quente, bem modulada, soube conquistar o público que a aplaudiu em cena aberta». «Il Matino d'Italia», que se publica em Nápoles, foi também pródigo em encômios à artista brasileira. Realça que ela «empregou todo o seu tesouro artístico na interpretação perfeita da personagem, sob calorosos aplausos da platéia».

★ NO ESTRANGEIRO — Apresentaram-se com sucesso em Haifa, o pianista Arthur Rubinstein, o soprano Lili Pons e o tenor Jean Peerce.

CURSO DE ARTE CINEMATOGRÁFICA

pelo técnico francês Tristan Richepin, membro da "Sociedade de Autores" de Paris. "Mise en Scène". Estudos de cenários, cursos práticos de interpretação, ensaios com câmera. A começar de 1.º de julho. Cartas para: T. Richepin, Rua Ronald de Carvalho 95. Apº 2, para remessa do regulamento.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

CORREIO DO FÃ

HENRIQUE MEYR — Santa Cruz do Sul, RGS. — Encaminhamos o seu pedido à administração para que você receba o exemplar n. 17 solicitado. Recebemos o seu «coupon», candidatando-se ao cinema brasileiro; aguarde a publicação. E quanto à sua sugestão, ainda que interessante, é impossível ser posto em prática, em virtude do espaço que viria a ocupar, em benefício de um número limitadíssimo de leitores para o gênero. De qualquer forma, ficamos-lhe gratos. Apareça sempre.

★

ARNALDO PINHEIRO — Rio — Sua carta foi encaminhada a administração. Aguarde.

★

CLOVIS ROCHA MOREIRA — Canguassú, RGS. — Sua carta está interessante e aborda, indiscutivelmente, um assunto momentoso. Faça o possível para transformá-la em artigo e volte.

★

NITA PINHO — Lourenço Marques — Esta é a segunda carta que a senhorita destina ao ator Paulo Maurício. A primeira, mandamo-la entregar por intermédio de um portador, o que se torna impossível fazer sistemàticamente. De agora em diante, queira escrever diretamente ao seu destinatário para a Rádio Globo. E disponha sempre de A CENA, quando quiser.

★

ISAAC PILTCHER — Pôrto Alegre, R.G.S. — Quanto à aquisição do livro citado, nada podemos fazer, por absoluta falta de tempo. A revista «Filme», segundo me parece, deixou de circular. Não sabemos se existem os dois primeiros números; contudo, você pode escrever diretamente para a redação da mesma, Rua Senador Dantas, 76 — sala 706. Com referência às suas restrições sôbre A CENA, que você considera «a melhor e mais sadia revista especializada sôbre cinema existente em nosso país», é questão de um ponto de vista, que muito respeitamos — como respeitamos também o ponto de vista da maioria, que exige maior número de cine-romances. Volte sempre.

★

ELIANA XAVIER — Poços de Caldas, MG. — Já publicamos uma reportagem completa sôbre o «Oscar» no número de 25-10-49. Contudo, como você talvez não tenha êsse exemplar, bem como muitos outros leitores, aqui vai a origem e uma lista completa dos astros vencedores:

A Academia de Ciências e Artes de Hollywood, foi fundada em 1927, com o intuito de premiar e estimular os melhores artistas, diretores, filmes, escritores, etc. dos filmes exibidos durante cada ano. O primeiro «Oscar» foi entregue em 1928 a Emil Jannings e a Janet Gaynor, respectivamente, pelos trabalhos de «The Way of All Flesh» e «Sétimo Véu». Logo a seguir, foram contemplados os seguintes artistas: 1929 — Warner Baxter, em «In Old Arizona» e Mary Pickford em «Coquette». 1930 — George Arliss, em «Disraeli» e Norma Shearer em «A divorciada». 1931 — Lionel Barrymore em «Uma Alma Livre» e Marie Dressler em «Lírio do Lodo». 1932 — Frederic March em «Dr. Jeckyl and Mr. Hyde» e Helen Hayes em «The Sin of Madelon Claudet». 1933 — Charles Laughton em «Private Life of Henry VIII» e Katherine Hepburn em «Morning Glory». 1934 — Clark Gable em «Aconteceu Naquela Noite» e Claudette Colbert no mesmo filme. 1935 — Victor Mc Laglen em «O Delator» e «Bette Davis em «Perigosa». 1936 — Paul Muni em «A Vida de Louis Pasteur» e Louise Rainer em «The Grat Zigfield». 1937 — Spencer Tracy em «Marujo Intrépido» e Louise Rainer em «A Terra dos Deuses». 1938 — Spencer Tracy em «Com os Braços Abertos» e Bette Davis em «Jezebell». 1939 — Robert Donat em «Adeus Mr. Chips» e Vivien Leigh em «... E o Vento Levou». 1940 — James Stewart em «Núpcias de Escândalo» e Ginger Rogers em «Kitty Foyle». 1941 — Gary Cooper em «Sargento York» e Joan Fontaine em «Suspeita». 1942 — James Cagney em «A Canção da Vitória» e Greer Garson em «Rosa de Esperança». 1943 — Paul Lukas em «Horas de Tormenta» e Jennifer Jones em «A Canção de Bernadette». 1944 — Bing Crosby em «O Bom Pastor» e Ingrid Bergman em «A Meia Luz». 1945 — Ray Milland em «Farrapo Humano» e Joan Crawford em «Alma em Suplício». 1946 — Frederic March em «Os Melhores Anos de Nossa Vida» e Olívia de Havilland em «Só Resta Uma Lágrima». 1947 — Ronald Colman em «Fatalidade» e Loretta Young em «Ambiciosa». — 1948 — Laurence Olivier em «Hamlet» e Jane Wyman em «Belinda». 1949 — Broderik Crawford em «A Grande Ilusão» e Olívia de Havilland em «Tarde Demais». 1950 — José Ferrer em «Cyrano de Bergerac» e Judy Hollyday em «Nascida Ontem». Para 1951, estamos aguardando que acabe o ano e a Academia se manifeste. Satisfeita?

★

NELSON SPINELLI, São Paulo — Não aceitamos críticas de filmes para a «coluna do fã», por motivos óbvios. Escreva um artigo e volte.

MULHER COBIÇADA

(Cont. da pág. 15)

vantagem. Nem bem pensou, fêz. E continua noiva prometida de Jock. Mas é Maurice quem com seu modo insinuante que inspira a Odette essa paixão violenta, sem nenhuma relação com aquilo que ela considera verdadeiro amor, que a leva a ser entre as mãos de Maurice o instrumento da vingança sôbre o irmão, Keriadec, a quem afinal êle vence pela primeira vez desde a infância.

Para conservar Odette, Keriadec vende os móveis, as lembranças, as riquezas acumuladas pela família, e no dia do casamento de Odette com Jock, sob os olhares sarcásticos de Maurice, que pensa tirar proveito da situação, pois rico como êle jamais existiu, proporá a ela fugirem juntos.

Porém, quando Maurice lhe revela a trama de uma comédia destinada a cobri-lo de ridículo e vergonha, uma violência contida, alimentada diàriamente, explode fortíssima!

Desembaraçado de Maurice, a quem abate de um só golpe, é à própria amante que êle possui e estrangula, enquanto continuam as danças nupciais, e mais isso e mais aquilo. Os Keriadec se rendem à Justiça. Para Julien é intolerável que Mimi, por sua vez, para evitar complicações, denuncie-se em seu lugar. Ou que o suicídio de Jock, do pobre Jock, do pobre e rico Jock, a quem todos julgarão culpado, por ciúme, permita à Justiça avaliar, com as mesuras que êle recusa, a responsabilidade dos seus atos.

Êle ficará livre e Mimi, fiel espectadora de um drama desnecessário estará a seu lado.

ENTRE OS ÍDOLOS DE ONTEM

(Cont. da pág. 19)

abraçando comovido e feliz às duas lourinhas peraltas do espetáculo, ambas novas, mas de épocas diferentes, uma com muita roupa, outra quase sem ela, Thelma Todd e Carole Landisl... Um inglês, Leslie Howard, sereno, trocava idéias sôbre a arte de representar com um francês, Harry Baur, e um alemão, Conrad Veidt. Grande grupo de coadjuvantes velhos e recentes comentava êxitos e fracassos no drama e na comédia: Lionel Atwill, Henry Armetta, George Barbier, Noah Beery Senior, Stanley Ridges, Nat Pandleton, Ernest Torrence, May Robson, Dame May Whitty, Dame May Oliver, Polly Moran e Walter Connolly. Como mestre de cerimônias, Robert Benchley atuava em seu elemento: irônico, bem humorado, espirituoso, ia anunciando o desfile de celebridades... De longe vi ainda Corinne Luchaire, Lupe Velez, James Warren Kerrigan... Tom Mix e meu amigo Fulano disseram-me então que tinham a maior surprêsa da festa reservada para mim. De fato, foi uma surprêsa e tanto! Jean

(Cont. na pág. 30)

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O QUE VAI PELA BROADWAY

Por JACKSON FLORES

NEW YORK — "The Great Caruso", que o Radio City Music Hall estreou, é um espetáculo de primeira ordem e um sucesso garantido de bileteria. Êsse biográfico musical em tecnicolor, produzido pela Metro-Goldwyn-Mayer, conta com a participação de Mario Lanza e Ann Blyth nos papéis principais. Apesar de baseado no livro da viúva do grande tenor italiano, a história recebeu diversas modificações a fim de se ajustar às conveniências de Hollywood.

Mario Lanza, que parece ser a nova mina de ouro da Metro, possui uma bela voz e qualidades para se firmar como sensação vocal, como prova o sucesso obtido com seu filme anterior "The Toast of New Orleans" e o êxito que "The Great Caruso" está alcançando.

Ann Blyth, das novatas de Hollywood uma das minhas preferidas, compõe com sobriedade e eficiência o papel de Dorothy Caruso e diversos luminares do elenco do Metropolitan Opera House, aparecem para abrilhantar a vida de Caruso no cinema.

★

A Paramount baseou-se num caso verídico extraído dos arquivos do Serviço Postal, para compor a história de "Appointment With Danger", que conta a perseguição de um inspetor postal à uma quadrilha que se especializa em violar correspondência contendo dinheiro. Para estrelar um filme dessa natureza, que o cinema Paramount lançou esta semana, o galã lògicamente só poderia ser Alan Ladd. Com o imperturbável Ladd está Phillys Calvert interpretando o papel de uma freira que, acidentalmente, vê o que não deve, o que a transforma em alvo predileto da quadrilha, tôda ela composta das faces mais expressivas que se pode encontrar em Hollywood. Para quem aprecia o gênero, o penteado impecável e o sorriso tranquilo de Alan Ladd, o filme é uma delícia.

No show do palco, Louis Jordan e sua orquestra lideram um convulsivo espetáculo de atos variados.

★

Joan Crawford volta à Broadway em "Goodbye My Fancy", que o cinema Holiday estreou esta semana. Desta vez, La Crawford consegue escapar das complicadas histórias de mulher emocionalmente desequilibrada e torturada que tem sido o tema dos seus últimos filmes, para viver o papel de uma congressista, nessa deliciosa comédia produzida pela Warner Brothers. Com Joan, estão Robert Young e Frank Lovejoy, êste último atualmente em grande demanda em Hollywood. "Goodbye My Fancy" é uma película cheia de bom-humor e com a grande virtude de nos trazer de volta a Joan Crawford, numa história que torna desnecessário o uso do lenço.

★

"Fabiola", a espetacular e arrojada produção de Jules Levy inteiramente filmada na Itália, estreou na tela do cinema Vitória. Com um elenco composto de artistas franceses e italianos liderados por Michelle Morgan, Henri Vidal, Michelle Simon e Gino Cervi, "Fabiola" é, principalmente, um espetáculo para encher os olhos com a suntuosidade dos seus cenários e a movimentação de milhares de extras nas cenas épicas. A versão original dessa película baseada no livro de Nicholas Cardinal Wiseman, tem a duração de 3 horas. Para a sua apresentação nos Estados Unidos, porém, o tempo de exibição foi reduzido a 90 minutos, com doublagem em inglês.

Os cortes introduzidos, aparentemente, redundaram em certa confusão e, apesar dos adaptadores terem usado aqui e ali o sistema de narração para dar sequência aos fatos contados, assim mesmo o público perde-se no emaranhado das intrigas e conflitos provocados por divergências políticas e religiosas durante o século IV.

De qualquer forma, "Fabiola" é um espetáculo grandioso e empolgante, constituindo-se em êxito de bilheteria, conforme prova essa primeira semana de exibição no cinema Vitória.

★

Mais um filme de guerra que Hollywood justifica como sendo um tributo aos soldados do 242 regimento, composto exclusivamente de voluntários americano-japonêses (Niseis) e que tiveram destacada atuação nas campanhas da Itália e França. "Go For Broke" chama-se êsse filme produzido pela Metro-Goldwyn-Mayer e que o cinema Capitol estreou esta semana. O título dessa película, que teve a direção de Robert Pirosh, é o brado de guerra do 242º e que poderia ser traduzido como: "E' Prá Cabeça".

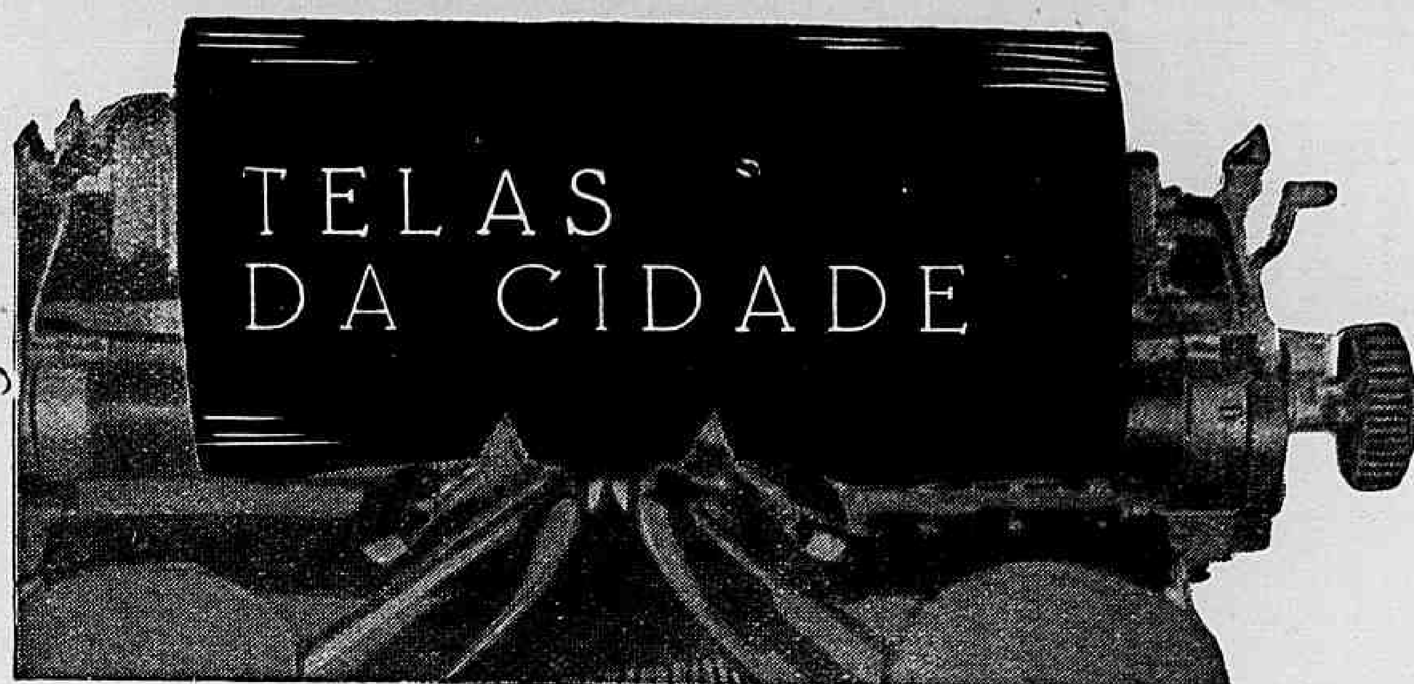
Van Johnson interpretando o papel de tenente Michael Grayson, comanda o elenco dêsse filme que conta com a participação de um grande número de veteranos dêsse regimento que, diga-se de passagem, comportam-se às mil maravilhas diante das câmaras. "Go For Broke" tem muita ação e atos de bravura, podendo constar da lista dos bons filmes sôbre a segunda guerra mundial.

★

"Tucson Stage", lançado no Palace, é uma produção da Monogram, com Rod Cameron e Wayne Morris nos papéis principais. Filme de tiroteio em cinecolor desmaiado, com uma história transparente, sem índios, sem estouro da boiada e sem uma luta decente. Uma decepção total mesmo para os mais fanáticos do gênero.

★

Com a chegada do verão, New York transforma-se em sucursal dos lugares mais quentes que se possa conhecer e, consequentemente, há uma redução bastante sensível na frequência dos cinemas e, em geral, de qualquer espetáculo em recinto fechado. Dessa maneira, os filmes com possibilidades de grandes bilheterias são reservados para outras estações do ano, usando-se as produções de menor expressão e reprises durante a temporada de verão. O Loew's State já deu início à política acima mencionada, reprisando "Romeo and Juliet", da Metro-Goldwyn-Mayer, com a aposentada Norma Shearer e os falecidos Leslie Howard e John Barrymore.



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

O DIREITO DE MATAR

(*Justice est Faite — França Filmes*)

A ciência evolui, indiscutívelmente. Tornam-se cada vez mais raros os erros, porque o homem, ainda que longe dela, aproxima-se da perfeição. Isso não impede, no entanto, que existam falhas, que se continuem cometendo erros. Um médico pode falhar em seu diagnóstico e levar um paciente à morte — sem que se lhe atribua qualquer parcela de culpa, porque a sua intenção era a de salvar o doente, curá-lo. Um cirurgião, da mesma forma, pode deixar escapar a vida de um doente na mesa de operações, embora cresçam os recursos médicos para preservá-lo a vida. Da mesma forma, o Direito Criminal aperfeiçôa-se, em busca da verdade. Antigamente, ao se cometer um crime, o criminoso era considerado, automáticamente culpado. Não se tomavam em consideração os seus antecedentes, seus traços hereditários, sua forma de conduta, os motivos que o induziram ao crime. "Ôlho por ôlho, dente por dente", era a lei que se aplicava em Roma. Os tempos passaram e as leis foram crescendo, para salvaguardar o homem em face da sociedade e a sociedade em relação ao homem. A ciência criminalista tem uma finalidade prática. Não se limita a classificar os crimes e punir os criminosos. Estuda-se, hoje, a origem do crime, sua causa geradora, oriunda de fatores físico-psíquicos dos delinqüentes. Atualmente, funcionam em favor do estudo criminal várias outras ciências, como a antropologia, a endocrinologia e a psico-análise. A antropologia criminal, criada por Lombroso, classifica em 4 tipos diferentes os criminosos: o criminoso *nato, louco, de ocasião, passional*. Enrico Ferri, mais tarde, completa êsse quadro, acrescentando o criminoso *habitual*. Embora não seja adotada ao pé da letra, é inegável que essa nova ciência abriu novos rumos para o aperfeiçoamento da criminologia, porque, hoje, não se procura apenas condenar o criminoso, senão estudar os motivos que o levaram verdadeiramente ao crime. Sim, porque qualquer de nós pode tornar-se, um dia, um criminoso.

Para o julgamento de um criminoso (homícidio ou tentativa de homicídio) criou-se o sistema de Tribunal do Júri, que data da Reforma da jurisprudência inglêsa. Um grupo de sete homens, escolhidos entre cidadãos do povo de notória idoneidade, convocados em nome da lei, para julgar, sob juramento, sob a presidência de um juiz, as cáusas do crime. São apresentadas as provas. A acusação condena e a defeza pede absolvição. Os jurados ouvem, atenciosamente, os debates para apresentarem o veredicto, que condenará ou absolverá o acusado com isenção de ânimo.

"O Direito de Matar" apresenta o caso de Elsa Ludenstein, criminosa homicida. Trata-se de um caso de Eutanásia. Em tese, discute-se o problema, até hoje não aclarado pelas leis. Em alguns países, torna-se permitida a morte por piedade, embora condenada pelas religiões. "Só a Deus cabe tirar a vida de alguém", diz a Igreja. A maioria dos médicos se opõem também à prática da eutanásia, em virtude de certos erros de diagnósticos e prognóstico pois nem sempre muitas doenças tidas como incuráveis são isentas de cura. Mas aos próprios jurados, cabe julgar o destino da ré. Apesar dos debates e de algumas provas em contrário, que apontam a criminosa como assassina, descobrindo-se, à última hora, que ela tinha outro amante, com quem pretendia viver, após liquidar o homem com quem vivia, e de quem herdaria fabulosa fortuna, é evidenciado que Elsa cometeu crime por piedade. No entanto, um grande ponto de interrogação se forma na mente perturbada dos jurados. E o filme vem focalizar, justamente, a situação dos jurados em face de suas próprias consciências. Se a ré tinha ou não direito de tirar a vida a um enfêrmo desenganado, que lhe pedira, êle próprio, para matá-lo, que direito teriam os jurados de condenar esta mulher? Seria mesmo culpada? Quem sabe, poderia ser inocente? Cada jurado compara a vida da ré ao seu próprio drama. Faz um paralelo com a sua própria vida. Esquecem-se, assim, as provas testemunhais e os debates da acusação e da defesa. Os conflitos emocionais, que dominam as vidas de cada jurado, levarão a sentença. E Elsa Ludenstein é condenada a cinco anos de prisão.

Não é esta a primeira vez que o cinema expõe o caso dos jurados em face do veredicto. Já em "Duas Almas Dois Destinos", tal problema foi abordado, embora com muito menos felicidade. Em "No Caminho da Vida", com Fredric March, ficou também exposto, como muita eloqüência, o caso da eutanásia. E, finalmente, em "O Justiceiro", foi abordado o tema de um êrro judiciário. Mas o "Direito de Matar" consegue, com muita habilidade, encerrar os três casos num só filme. O problema aqui não é bem a Eutanásia nem tampouco o êrro judiciário, porque a fita deixa certa neblina no esclarecimento ao público. O problema focalizado é justamente o júri, até que ponto se deixam os jurados influenciar pelos seus conflitos emocionais. Elsa Ludenstein foi condenada, com 4 votos contra 3. À última hora, por um acontecimento de caráter particular na vida de um dos jurados, êste confessa que se tivesse recebido a notícia antes, teria dado o seu voto favorável, e Elsa seria absolvida. Talvez ela fôsse culpada mesmo, mas seria absolvida. E talvez fôsse inocente — mas foi condenada. Não importa que ela tivesse ou não culpa — porque a justiça foi feita. Mas até a que ponto vai a verdade dos fatos, a justeza das provas, e a completa serenidade e isenção de ânimo dos jurados? Ninguém o sabe. E o "Direito de Matar" resulta num filme eloqüente, habilidoso, e perfeito em seus objetivos. André Cayatte imprime-lhe um ritmo seguro, uma continuidade perfeita, uma imparcialidade subjetiva. Há muitos diálogos, mas todos bem feitos por Charles Spaak. Belíssima fotografia. Unidade de conjunto. Ótimas interpretações de Claude Nollier, Michel Auclaire, Jean Debucourt, Valentine Tissier, Jacques Castelot, Noel Roquevert, Raumond Bussiéres e Antoine Balpetré. Pela audácia do tema, embora sem tomar partido "Justice est Faite" foi muito bem premiado no Festival de Veneza de 1950. Embora muito bem cenarizado e dirigido, onde não só as imagens e os diálogos se fundem harmoniosamente, oferecendo um espetáculo limpo e honesto, como realização cinematográfica para fins de diversão, deixa muito a desejar e não agradará ao grande público. Mas como tese, com profundo sentido social, é uma realização bem feita e que merece todos os aplausos das pessoas adultas e de bom senso. E é uma forma de cinema que precisa e deve ser mais explorada pelos cineastas de todo o mundo. — *L. E.*

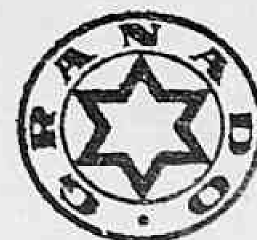
Cotação artística: 5 ★ Cotação comercial: 2 1/2



POLVILHO ANTISSÉPTICO



acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

QUEDA DE "FREQUÊNCIA"...

NÓS, em Gagliano Neto, enxergamos o sujeito indicado para as provas de fogo do "broadcasting" nacional. Sua passagem por um prefixo deixa marcas indeléveis, tamanho seu arrôjo em atacar os problemas que, para muitos, se mostram insolúveis. Por isso, não estranhamos sua atitude ao trocar a Tupi pela Continental, emissora sem público e em situação precaríssima. Êle, na certa, a colocaria, como colocou, em seu devido lugar.

Nosso prognóstico deu certo. Gagliano, em curto espaço de tempo, arranjou ouvintes para a PRD-8. Formou completa equipe, logo segura das suas responsabilidades para com êsses ouvintes. Arrumou a situação financeira da emissora.

Mas, faltava um detalhe qualquer para que a Continental aumentasse o número de seus sintonizadores: um bom locutor-esportivo, pelo qual os aficionados do balípodo devotassem aprêço. Gagliano foi buscá-lo nas hostes mayrinquianas, ao contratar Oduvaldo Cozzi. Essa conquista, aliás, repercutiu de maneira espetacular nos meios radiofônicos da cidade, tal a projeção do contratado. Com isso, a PRD-8 arrancou de sua co-irmã PRA-9, uma vantajosa parcela de sintonizadores.

Vencida a primeira etapa, o antigo locutor da "Copa do Mundo" cuidou de sair para outra. Voltou-se para o setor comercial à procura de alguém capaz de ampliar as finanças da estação. Ainda, aqui, foi buscá-lo na Mayrink Veiga, ao convidar o sr. Edmar Machado para êsse pôsto-chave. Escolha feliz, levando-se em consideração a operosidade do parente do sr. Antenor que, por absurdo que pareça, estava relegado a plano secundário com o estabelecer da nova ordem na PRA-9.

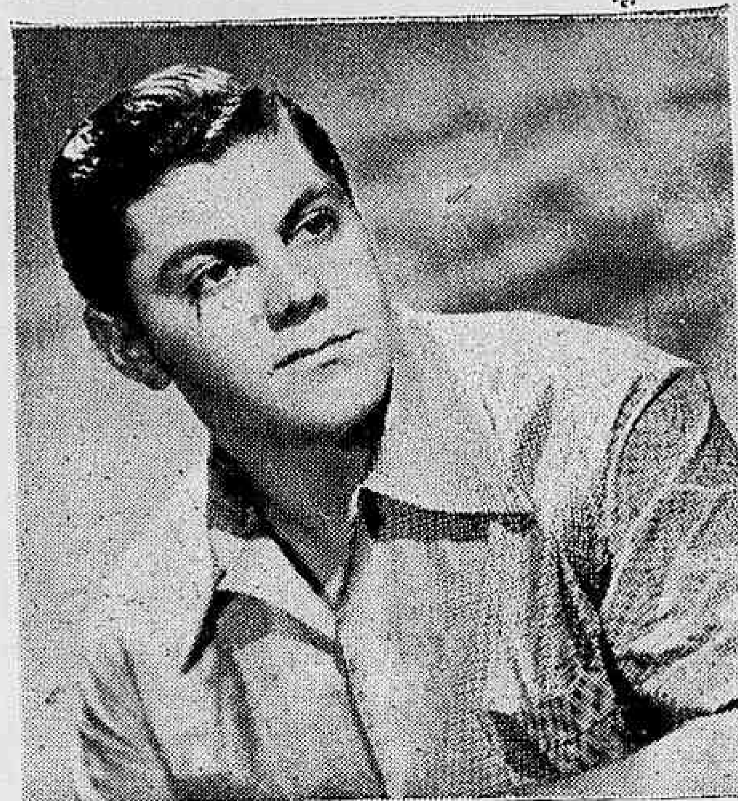
Edmar Machado possui um passado dos mais brilhantes. A êle deve-se, indiscutìvelmente, tudo quanto de aproveitável a Mayrink realizou, sabido que sem a sua autorização nenhuma iniciativa ganharia corpo. Diante da incompreensível posição a que o relegaram, Gagliano Neto não hesitou em confiar-lhe a direção comercial da Emissora Continental, certo de que Edmar Machado, como Oduvaldo Cozzi nos esportes, dará maior impulso às finanças da vitoriosa PRD-8.

Nesse caminhar, a PRA-9, apesar da sua potência e dos seus 50 quilowatts, verá diminuir a "frequência"... de ouvintes.

CINCO NOTAS DE RÁDIO

Dois pernambucanos e uma uruguaia, interessados em difundir a música regional brasileira, organizaram um trio, a que deram o nome de Marajó. A seguir, meteram-se a pisar terras, excursionando por dezesseis Estados. Por fim, pararam em São Paulo, onde o D.E.I.P. cismou com o título de Marajó. Ante a barragem dêsse departamento, os rapazes e a moça arranjaram novo nome, passando a Trio Marabá, ora atuando ao microfone da Rádio Cultura. Seus componentes: Pancho, Panchito e Carmen Duran. ★ Paulo Fortes, essa voz bonita que o Brasil admira, desligou-se da Mayrink Veiga. E' mais um elemento valioso que saiu à procura de outro prefixo. Não lhe surgiram impecilios para o encontro, uma vez que a Roquete Pinto tratou de atraí-lo para sua linha de programas de classe. Os sintonizadores da PRD-5 estão, portanto, de parabéns. Paulo Fortes representa uma grande aquisição. ★ Maria da Graça estêve no Rio. Veio gravar uma porção de melodias bonitas para a Continental. Aproveitou a oportunidade para matar saudades, visitando velhos amigos. Anunciou-lhes, ainda, o contrato assinado com a Tupi TV, de São Paulo. A estas horas, porém, a querida estrêla do "broadcasting" português já se encontra na terra da garoa, interpretando o que de novo existe em seu repertório. ★ José de Arimatéia, apesar do seu nome bíblico, vive ligado às coisas profanas. Tanto assim que, no penúltimo dia do mês de Maria, o jovem locutor da PRE-8 esbarrou com um "valiente". Desaforos, ameaças e, por fim, socos e pontapés. No entre-ato, porém, "dona justa" levou José de Arimatéia ao distrito mais próximo, a fim de explicar o "por quê" da luta... ★ Paulo Maurício voltou ao cinema, apesar do fracasso de "Vendaval Maravilhoso". O galã da Tupi, em sua nova aventura cinematográfica, tem como "partenaire" a jovem Jane Calmon. O título do filme: "Pecadora Imaculada". Desejamos que, desta vez, Paulo Maurício seja melhor sucedido, a fim de compensar o desastre anterior.

CONFISSÃO



NÉVIO MACEDO
fiz-me locutor...

Névio Macedo faz parte dos novos valores de nosso "broadcasting". Debutando ao microfone da PRE-3, não tardou em ser cobiçado por outras estações. Gagliano Neto, por sinal, ao transferir-se para a Continental, tratou de conquistar-lhe o concurso Hoje, nosso focalizado está à testa de alguns programas da Jornal do Brasil. E', ainda, figura de nosso comércio, desempenhando altas funções numa das firmas cariocas. A propósito de seus pendores para falar ao microfone, Névio Macedo confessa:

— E' conhecida a assertiva: "os poetas nascem poetas, e os oradores se fazem". Isso, talvez, tenha me animado a aceitar as incumbências de falar em nome dos meus colegas e de ser o "leitor em voz alta", desde os bancos escolares, ao Curso Superior, quando então, já era locutor. (Aliás, comecei cedo de mais. Agora, sou contra a precocidade! Só nos prejudica e causa-nos dificuldades).

Mas, o fato é que, ao serem iniciados os preparativos para a inauguração da Rádio Globo, procurei Gagliano Neto, e graças a uma apresentação de Ely Caldeira, dias após o teste, já pertencia à PRE-3.

Decidir-me, entre a Advocacia, o Jornalismo e o microfone, era necessário. Frequentei, ainda três anos o "Clássico" e ao mesmo tempo falava ao microfone.

Afinal, por diversas razões, fiquei só no Rádio. E como outros colegas, tentei afastar-me, ao ouvir pela primeira vez, minha voz.

Mas, então, já não era mais possível.

Tenho lutado um pouco, no Rádio. Nêle, venho vivendo muito bem, felizmente, há cinco anos, aproximadamente. No Rádio há de tudo. Mas, gente de Rádio é gente boa. Os maus momentos fenecem ante as horas de satisfação geral e pessoal. O Rádio é combatido por alguns, mas aplaudido pela maioria. E' das mais novas atividades e das mais úteis. Trabalhando no Rádio, sentimo-nos útil a uma causa coletiva. O Rádio gera sérias preocupações, mas nos faz feliz, com a felicidade dos ouvintes e de todos. E' por isso que estou no Rádio, onde venho desempenhando diversas atividades, e principalmente a de Locutor.

DE QUINTA A QUARTA FEIRA NAS EMISSORAS

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
NOVELAS	POESIA DO AMOR PERDIDO Rádio Globo	Têrças, quintas e sábados, às 10,00
	ESTRADA SÔBRE O ABISMO Rádio Tupi	Segundas, quartas e sextas, às 20,15
	O DESTINO DE MARIA CÉLIA Rádio Tamoio	Todos os dias, a partir das 18,15
	OS SONHOS NÃO MORREM Rádio Mayrink Veiga	Têrças, quintas e sábados, às 12,30
PROGRAMAS FEMININOS:	CONSULTÓRIO SENTIMENTAL Rádio Nacional	Todos os sábados, a partir das 13,30
	ADOLESCÊNCIA Rádio Tupi	Tôdas as segundas-feiras, às 17,00
	CLUBE DAS DONAS DE CASA Rádio Tamoio	Diàriamente, no horário das 17,40
	CARY AS SUOS ORDENS Emissora Continental	Todos os dias, no horário das 15,00
	MENINA, MOÇA E MULHER Rádio Tupi	As segundas-feiras, início às 21,35



MARIA DA GRAÇA
a tevê chamou-a



TRIO MARABÁ
por imposição do DEIP.

FORA DAS ONDAS...

A PROPÓSITO DA HORA DO BRASIL — Ali por volta de 1945, quando os defensores do regime andavam à cata de assunto para criticar o sr. Getúlio Vargas, não faltou quem combatesse a "Hora do Brasil". Porém, houve, por sua vez, quem defendesse o atual ocupante do Palácio do Catete. Aguinaldo Amado, hoje exercendo funções do D.F.S.P., foi um dêles. Eis como o então redator radiofônico de "A Manhã" explica o nascimento da "Hora do Brasil":

— Em 1932, em pleno govêrno provisório, instituido no Brasil com a vitória da Revolução, ocupava a pasta da Viação o sr. José Américo de Almeida. A 1º de março daquele ano (1932), era dado à publicidade o decreto que tomou o número 21.111, que aprovava o regulamento para a exploração dos serviços de rádiocomunicações, estando nêle incluidos os serviços de radiotelefonia e radiodifusão. O autor dêsse decreto e do mencionado regulamento, outro não é senão o senhor José Américo de Almeida que, na qualidade de ministro da Viação, tomou a iniciativa de resolver a questão do funcionamento das emissoras brasileiras.

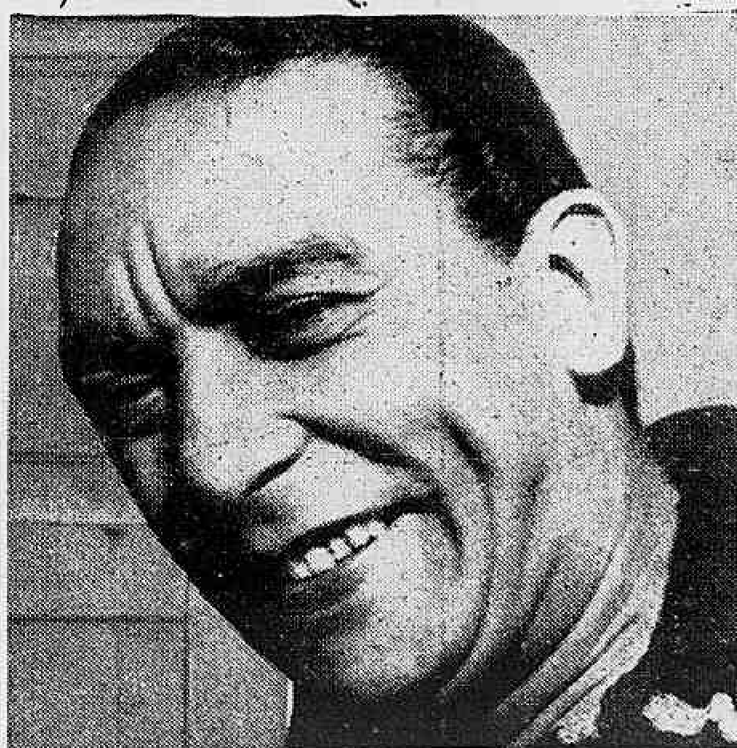
Em virtude do que ficou estatuido no decreto 21.111, de 1º de março, os proprietários de estações de rádio assinaram um contrato bilateral com o govêrno, documento juridico como outro qualquer, pelo qual ambas as partes trocavam mútuos compromissos.

E' aí que surge o que hoje se chama "Hora do Brasil".

★

BIOGRAFIA SINTÉTICA — Ciro Monteiro, apreciado intérprete de nossas melodias populares, nasceu a 28 de maio de 1913, nesta mui leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aos vinte anos de idade, aquiescendo a gentil convite que lhe fôra feito, ingressou na Rádio Mayrink Veiga. Sua atuação nesse prefixo valeu-lhe bons contratos para outras emissoras, figurando, entre outras, Nacional, Cruzeiro do Sul e Rádio Clube do Brasil. Também no "broadcasting" paulista seu concurso se fêz sentir, através das estações: Bandeirantes, Cultura e Rádio São Paulo. Hoje, Ciro integra o cast da PRA-9, participando dos programas de estúdio.

A bagagem musical do vitorioso artista inclui números de indiscutivel êxito popular, sendo de assinalar, entre muitos, os seguintes: "Se acaso você chegasse", "Beijo na Bôca", "A mulher que eu gosto", "Beija-me", "Falsa baiana", "Boogie-woogie na Favela" e "Seu Oscar". Êste último samba, por sinal, venceu um dos muitos concursos levados a efeito no Rio.



CIRO MONTEIRO
carioca da gema

Ciro Monteiro admira a mulher edcada, meiga e inteligente. Quanto aos assuntos culinários, sua preferência recai numa feijoada completa, numa boa peixada e, às vêzes, num supimpa cozido.

★

CINCO ANOS SÃO PASSADOS — Em novembro de 1946, estando à frente da redação comercial da PRE-8, Alziro Zarur organizou um interessante boletim informativo sôbre as atividades artisticas da Rádio Nacional. Nessa mesma ocasião, Gilberto Martins escrevia programas, para a estação dos 980 quilociclos. "Rapsódia de Risos", era um dêles.

A propósito dêsse "broadcast", assim se manifestava Zarur no citado boletim:

O autor de "Rapsódia de Risos" é um dos mais completos "broadcasters" do rádio brasileiro — Gilberto Martins. Foi êle o adaptador daquela célebre novela de Leandro Blanco — "Em Busca da Felicidade", que ficou no cartaz quase três anos, com um êxito sem precedentes. Tendo sido "speaker" e compositor, havendo ainda brindado o seu público seleto com "broadcasts" dos mais variados gêneros, Gilberto Martins inclui-se, com inteira justiça, na primeira linha dos "producers" da PRE-8.

Prova definitiva do talento criador dêsse admirável "radio-man" é "Rapsódia de Risos", com a participação do elenco radioteatral e do "cast" musical da PRE-8.

DISCOS

COTAÇÕES DE 1 A 5

FRANKIE



DIANA LYNN

A bela e jovem atriz cinematográfica Dianna Lynn tem uma grande habilidade como atriz dramática, habilidade esta que só pode ser rivalizada pela geniosidade que ela demonstra ao piano. Nascida em Los Angeles em 1926, uma criança prodigio dando recitais em vários clubes e organizações cívicas. Aos 6 anos e aos 11 era membro da Orquestra Sinfônica Juvenil de Los Angeles. Foi sua arte no piano que primeiramente chamou a atenção dos dirigentes dos Estúdios Paramount, que a colocaram no elenco de filmes, onde sua ascensão ao estrelato foi meteórica. Seu sucesso no filme "Our Heart wewe young and gay" obrigou a Companhia a filmar uma sequência denominada "Our hearts were growing up". Outras peliculas de sucesso incluem "The Major and the Minor", "The Miracle of Morgan's Creek". Como artista convidada de inúmeros shows radiofônicos ela tem recebido o aplauso do público e da critica por sua soberba técnica pianistica e inspirada execução musical. As seleções de seu Album, escolhidas pela própria Dianna Lynn como suas favoritas no seu vasto repertório, comportam uma larga escala de sua viva personalidade. Inclusas nestas seleções está o "Concêrto T heme", escrito por Victor Young especialmente para Dianna Lynn e apresentado na pelicula "And The Angels Sing"...

A Capitol considera Miss Lynn uma brilhante artista e sente-se privilegiada em apresentá-la como uma excitante audição de divertimento para cada discoteca.

JERRY GRAY

Night and Day (Fox) — Cotação: 4
What is this Thing Called Love? (Fox) — Cotação: 5
In The Mood (Fox) — Cotação: 4
A String of Pearls (Fox) — Cotação: 3.

Jerry Gray, propositadamente, aparece agora com uma orquestra no estilo que deu fama a Glenn Miller, onde predomina, na linha melódica, o conjunto de saxes. O ouvinte desprevenido pode confundir perfeitamente as duas orquestras. "Night and Day" e "What is This Thing Called Love", duas páginas imortais de Cole Porter, são duas amostras excelentes do sucesso que Gray alcançará. O que evidencia, ao mesmo tempo, o prestigio que o estilo de Miller ainda goza em todo o mundo.

No outro disco, Jerry Gray apresenta, ainda em sêlo Odeon, duas páginas antigas. Em "In The Mood", por exemplo, êle não quis dar uma nova entonação e um novo colorido à página que marcou um dos primeiros sucessos de Miller, conservando a mesma orquestração e o mesmo ritmo. Consegue, assim, uma imitação quase perfeita do disco de Miller — o que é dificil, convenhamos. Conjunto sólido, seguro, com ótimos solistas, Jerry Gray já tem formado o seu público. Sem dúvida alguma.

"STAR DUST"

Artie Shaw e orquestra — Cotação: 5
Frankie Carle e ritmo — Cotação: 3
Tommy Dorsey e Pied Pipers — Cotação: 4
Severino Araújo e orquestra (samba) — Cotação: 4
Jimmy Dorsey e orquestra — Cotação: 3½
Billy Buterfield e orquestra — Cotação: 4
Glenn Miller e orquestra — Cotação: 3½.

NOVIDADES

Waldir Azevedo (solista de cavaquinho) conseguiu uma posição destacada no seu gênero. Seus discos esgotam-se com a maior facilidade possivel, desde que gravou "Delicado". Suas últimas gravações são "Pisa Mansinho" e "Pedacinho do Céu", para a Continental. ★ Ivon Curi gravou "Obrigado" tendo na outra face "Pinho Sofredor", toada. ★ Jorge Veiga gravou um baião: "Primeira Umbigada". ★ "Terminemos" e "Talvez" são as duas últimas novidades de Lúcio Alves postas na cêra, com sêlo da Continental. ★ Um sucesso absoluto de Carmélia Alves: "Adeus, Adeus Morena"; na outra face "Baião em Paris". ★ Sucessos de Carlo Buti: "Serenata Sincera"/"Pot-Pourri Napoletano", "Avanti Indré"/"Nina Che Voi Dormite", "Lasciame Sognar"/"Storia Di Un Povero Cuor". ★ Dois fados de Alberto Ribeiro num só disco: "Camponesa" e "Senhora do Monte". ★ Outra gravação do já consagrado "My Foolish Heart"; desta vez com Paul Urbach (solista-piano) e Ritmo. ★ Ruy Rey continua em forma: "Rico Mambo" e "Mercê". ★ Guarachas: "Bim Bam Bum" e "Oye Negra", com Noro Morales e sua orquestra, sêlo Decca. ★ Sy Oliver, agora com orquestra própria, pôs na cêra "O Swing do Realejo". ★ Novo sucesso de Les Paul: "What Is This Thing Called Love", da Capitol. ★ Carlos Molina e orquestra: "Noturnal" e "Palabras de Mujer".

ANTÔNIO LEITE

(Cont. da pág. 10)

trou os flagrantes que ilustram estas linhas — não são falsas. Elas foram tiradas durante alguns dos nossos colóquios amorosos...

Perguntamos, a seguir, se o novelista Aldo Madureira, espôso de Hilda Barros, atualmente em Belo Horizonte dirigindo as Rádios Guarani e Mineira, sabia da história.

Sorrindo como sempre, o festejado intérprete de "As Mil e Uma Noites" respondeu:

— Êle sabe de tudo e concorda com tudo...

— Podemos dizer isto aos leitores de A CENA MUDA?

— Pois não. Mas não esqueça de dizer que só me apaixono pela minha colega Hilda Barros, todos os dias, durante quinze minutos, no programa "Namorados Valery", que é levado ao éter pela Tamoio. Nada mais do que isso...

Isto, em última análise, quer dizer que o popular Antônio Leite ainda não encontrou a mulher dos seus sonhos. Candidatem-se, pois, admiradoras do exclusivo da PRB-7!

ENTRE OS ÍDOLOS...

(*Continuação da pág.* 26)

Harlow apareceu tôda perequeté, de maillot muito branco de cetim lastex, e me deu um beijo na testa... Carole Lombard, de covinhas nas faces, aquêles olhos de esmeralda polirreflexivos e um decote muito camarada, me abraçou e eu senti um frio na espinha quando ela me pediu para que a acompanhasse à próxima viagem aérea: ia vender bonus de guerra por tôda a região celeste... Dei uma desculpa e escapuli; e mesmo vendo que, por insistência dos presentes, Al Jolson ia cantar "Back in your own backyard" e provavelmente dar um daqueles shows intermináveis e gostosos, resolvi voltar à esquina e pegar o brôto para ir ao cinema. A esta hora o brôto já devia estar cheia... de raiva!

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS




ARK HOJE
COMPL. NACIONAIS • IMPROP. 10 ANOS
ART-PALACIO
RIVOLI TEL. 42-9525
PRESIDENTE FONE 42-7128
PARATODOS FONE 29-5191
COLISEU FONE 29-8755
A PARTIR DE 5ª FEIRA
ESPERANTO

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Masas de Música de São Paulo.

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

A CARROÇA QUEBROU NA ESTRADA
(Baião)

De Haroldo Lobo e Milton de Oliveira. — Gravado por Linda Batista

A carroça quebrou na estrada
Mas a turma é animada
Vai mesmo a pé
Ninguem quer perder
A festa na fazenda do compadre Barnabé
Tem comida a noite inteira
Tem fogueira
E arrasta-pé.

Ai lá na roça
Tem festança a noite inteira
O baile começa hoje
Só acaba na segunda-feira.

★

G A U C H A D A
(Rancheira)

De César Siqueira e Evenor Pontes. — Gravado pelos 4 Ases e 1 Coringa

Ai que saudade
Da minha gente
Lá do meu Rio Grande do Sul
Lá donde os campos
São bem diferentes
E até mesmo o céu
E' muito mais azul
Ai que saudade
Que eu tenho agora
De tudo aquilo que lá deixei
Da casa branca
Dos velhos rodeios
E da Gauchinha
A quem tanto amei.

Ai, ai, ai, ai,
Ai, que dor no coração
Ai, que saudade
Do cavalo baio,
Da minha bombacha
E do meu chimarrão.

★

MÚSICA AMERICANA

WHY FIGHT THE FEELING

Letra e música de Franr Loesser. — Do filme da Paramount "Nasci para Bailar"

You, with your atitude superior
Me, withe my very cool exterior
Never before has a moonlight scene been drearier
Go, forgive me if I unmask
Put my arms around you and ask:
Why fight the feeling, the feeling, the fabulous feeling?
Why fight the feeling?
W'ere face to face with romance.
Why miss the magic, the magic the moment of magic?
Why miss the magic?
Relax and zive it a chance.

We're right on the very brink
Of kiss number one
There's no tune to stop and think
Ito too late to run, the begurne has begun.
Go, why fight the feeling, the feeling, that started [us reeling?
Why fight the feeling that says: "Tomght is the [night",
Why fight the feeling when i'ts oh, so right, right?

★

MÚSICA MEXICANA

ME ACUERDO DE TI

Blus. de Gonzalo Curiel. — Gravação de Adelina Garcia

I

Si tengo tristeza, me acuerdo de ti;
Si tengo alegría, me acuerdo de ti;
Si miro otros ojos, si beso otras bocas;
Si aspiro un perfume, me acuerdo de tí.

II

Te llevo muy dentro, muy dentro de mí,
Te llevo en el alma, muy dentro de mí.
De noche y de dia, como melodia,
Te levo en el alma, me acuerdo de tí...

III

Nunca pensé que me formaras esta obsesión,
Nunca pensé que me robaras el corazón,
Por eso, mi vida, me aceurdo de tí.
De cerca, de lejos, me acuerdo de tí.
De noche y de dia, como melodia,
Te llevo en el alma, me acuerdo de ti...

★

MÚSICA ARGENTINA

A M A R R A S
(Tango)

De Carlos Marchisio e Carmelo Santiago

Vago como sombra atormentada
bajo el gris de la Recova...
me contemplo... y no soy nada!
Soy como mi lancha carbonera
que ha quedado recalada...
Vive atada a la ribera!
Yo tambien atado a mi pasado
soy un barco que está anclado...
y siente en mi carne sus amarras,
como garfios... como garras...
Lloro aqueles dias que jámas he de voler...
Sueno aquellos besos que jamás he de tener...
Soy como mi lancha carbonera
que ha quedado en la ribera...
no parte más!

I (*bis*)
Pero vivo atado a mi pasado
tu recuerdo me encadena...
soy un barco que está anclado!
Se que únicamente com la muerte
cesarán mis amarguras
cambiará mi mala suerte.
Vago con la atróz melancolia
de una noche gris y fria...
y siento en mi carne sus amarras
como garfios... como garras.
Nada me consuela en esta cruel desolación...
Solo voy marchando con mi pobre corazón...
Soy como mi lancha carbonera
que ha quedado en la ribera...
no parte más!

II
Aquellos besos que perdi
al presentir que no me amaba...
fueron tormenta de dolor
— llena de horror!
hoy no soy nada...
Yo sólo se que pené,
que caí y que rodé,
al abismo del fracasso...
Yo sólo sé que tu adiós
es la burla del dolor,
me acompana paso a paso!
Ahora que sé que no vendrás,
vago sin fin por la Recova...
busco valor... para partir...
para alejarme...
y así olvidando mi obsesión
lejos de ti... poder morir!

O CARTAZ DO MOMENTO



DALVA DE OLIVEIRA

PALHAÇO

Samba-canção de Oswaldo Martins, Nelson e Washington. — Gravação de Dalva de Oliveira

Sei
Que é doloroso um palhaço
Se
Afastar do palco por alguém
Volta!
Que a platéia te reclama
Sei que choras
Palhaço!
Pela mulher que não te ama.

Enxugues as faces
E me dê um abraço
Não te esqueças que és um palhaço
Faça a platéia gargalhar
Um palhaço não deve
Chorar!...

A PEDIDOS

COMPLEXO

Samba de Wilson Baptista e Magno de Oliveira. — Grav. de Elizete Cardoso

Eu não tinha recalques
eu não tinha complexos
minha vida era bela e calma
até que você entrou pela porta
do meu coração
e hoje não sou
dona de minh'alma.

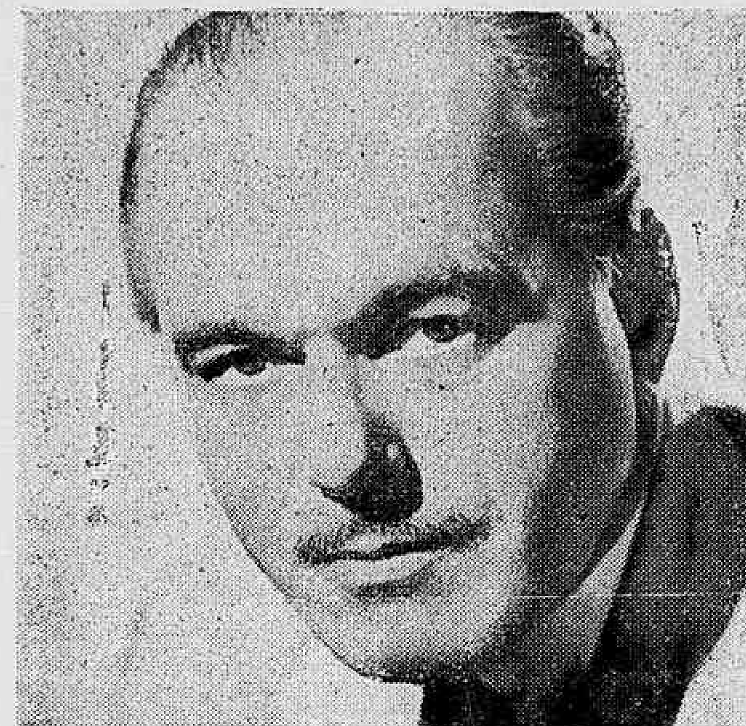
Meu conflito é querer
quem não quer
minha amizade
daí veio meu complexo
de inferioridade
há tantos pesadelos em meus [sonhos
não há remédio pra curar uma [ilusão
choro e me sinto tão inferior
Freud está com a razão.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

VERA ELLEN

VERA-ELLEN é uma delícia para os olhos, para o espírito, para os sentidos... Vera-Ellen é a paz, o amor, e mais isso, e mais aquilo. Vera-Ellen é a poesia... Vera-Ellen é a dansa, também, que ela começou na tela dansando nos coloridos da Goldwyn «Um rapaz do outro mundo», «Um tigre domesticado, etc. etc. Fêz depois uma «Mascarada Tropical» na Fox e voltou-se para a Metro, onde lhe ofereceram melhores vantagens... Entrementes, aproveitou uma vaguinha e apareceu com os Marx em «Loucos de Amor»... O Leão da chacrinha colocou-a em «Três Palavrinhas» e em «Um dia em Nova-York», o melhor musical norte-americano dos últimos e talvez dos próximos cinco anos. Vera-Ellen é uma doçura completa: no canto, no falar, no andar, no gesticular, no abanar-se, no respirar. Vera-Ellen está agora fazendo um filme ao lado de Red Skelton, mas antes já terminou duas ou três outras comédias musicadas, provàvelmente repletas de bailados inteligentes e agradáveis como aquêle sôbre a Décima Avenida (música de Dave Rose, I guess...) que ela executou com Kelly em «Minha vida é uma canção». Vera, Verinha, Verusca, vem logo, **sugar**, vem logo, **honey**, vem logo, **gorgeous**, ameixa em calda, jasmim...





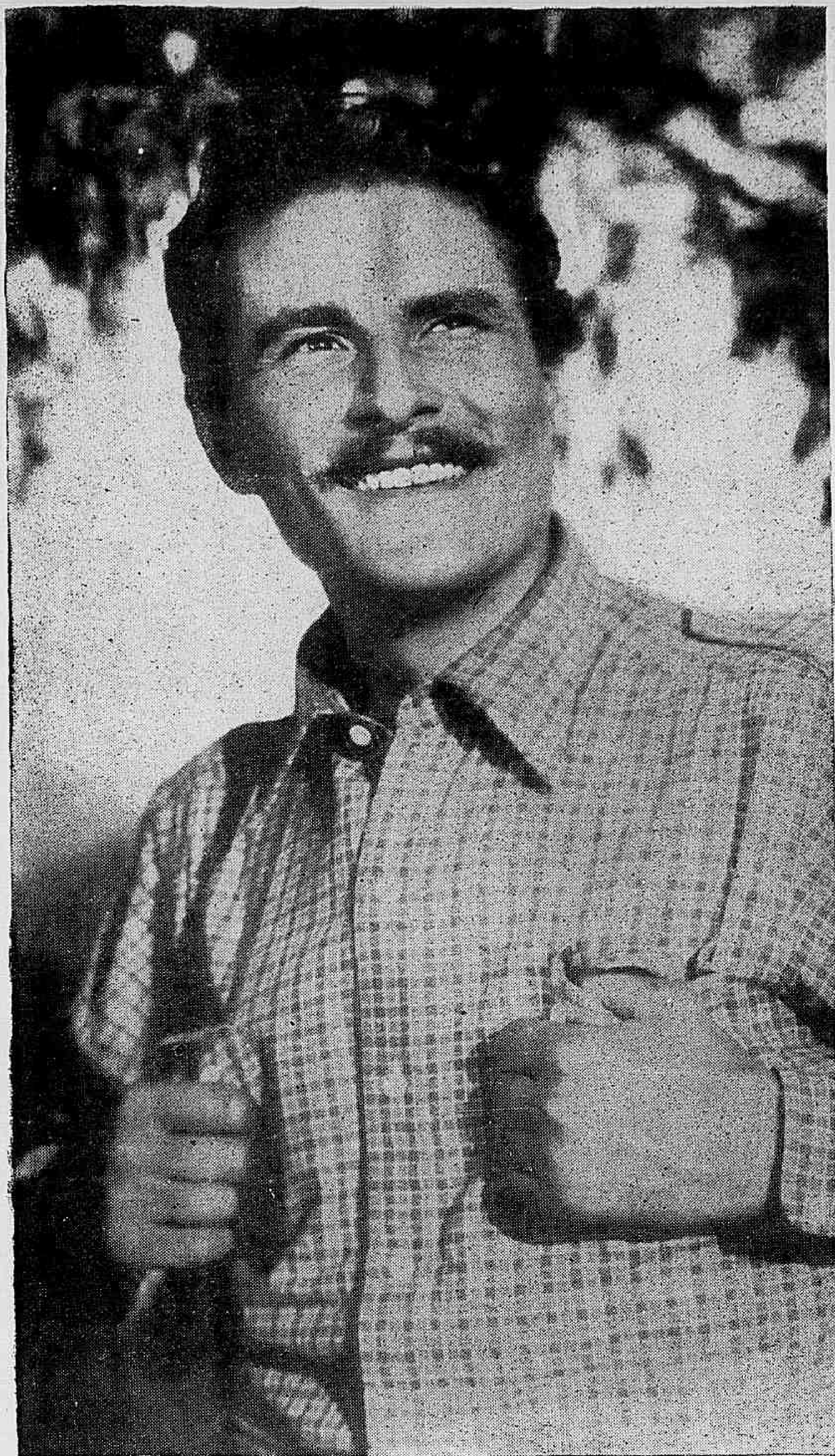
PHILIP OBER

PHILIP OBER é um ator coadjuvante americano de pinta muito boa. Êle faz parte, com a sobriedade necessária, que lhe vai, e a outros artistas conscientes, tão bem, da legião dos condenados eternos e papéis de vilão ou de bonzinho na sombra... Lembram-se dêle em «Cada vida seu destino», aquêle drama de Claudette Colbert na RKO Radio? Pois Philip Ober pertence ao cast da produtora de Howard Hughes e certamente tem aparecido em muitas outras películas, e em outras virá, na certa. E' um tipo de meia-idade, como podem ver pela fotografia, elegante, discreto, mas marcante fisionômicamente, e com algumas amostras bem boas de talento. Amostras que, particularmente no seu caso, como de outros «supporting-players», afinal de contas são bem superiores às de certos atores e atrizinhas de última categoria metidas a estrêlas e astros, sem a mínima pinta de vergonha... Philip Ober é, sem sombra de dúvida, um dos bons vilões de Hollywood, né Phil?



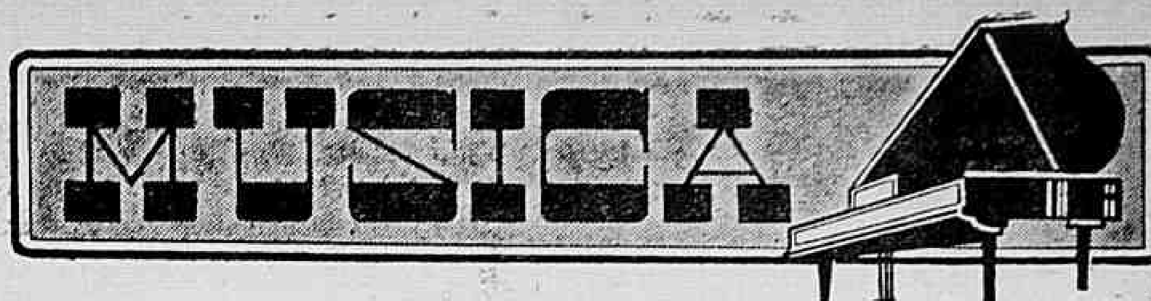
GINA LOLLOBRIGIDA

O primeiro filme de Gina Lollobrigida exibido no Rio foi aquêle engraçadíssimo «Folias na Opera», da Art-Films. Lollobrigida, viu-se logo, era um brôto considerável. Muito bonita e muito talentosa, Gininha não perdeu tempo, nos estúdios, e logo fazendo carreira, para gáudio nosso. Assim, nesta temporada vai aparecer-nos em «Filhas do Desejo» (Vita da Cani), uma história de troupes ambulantes italianas, com muita música alegre e garôtas bem despidas (ela, inclusive). Depois em «Corações sem fronteira», um drama muito sério, dirigido por Luigi Zampa, e também, do mesmo diretor, em «Campane a Martello». Gina Lollobrigida vai pegar cartaz, se vai. E ela bem que o merece. Menina encantadora, interessantíssima, notável. Aliás, italiana da gema. Da «raça» de Carla Del Poggio, Silvana Mangano... Tem que ser ótima! Tá?



AMEDEO NAZZARI

AMEDEO (e não Amadeo, como muita gente pensa) nasceu em Cagliari a 10 de dezembro de 1907. Antes de entrar para o cinema cursou o liceu clássico e atuou no teatro. Suas atividades cinematográficas se reportam ao ano de 1935. Fêz os seguintes filmes: «Ginevra degli Almieri», «Cavalleria», «La fossa degli angeli», «I Fratelli Castiglioni», «Luciano Serra pilota», «Montevergine», «Ausência injustificada», «Centomila Dollari», «Desembarca um marinheiro», «Oltre l'amore», «Quem é bom já nasce feito», «Caravaggio, o pintor maldito»», «I mariti», «Farsa Trágica», «A pequena Scampolo», «Quando a mulher é valente», «Fedora», «Bengasi», «La bella adormentata», «Dias Felizes», «La donna della montagna», «Harlem», «Um dia na vida», «O divórcio vem depois», «O Bandido», «Má é a carne», «Fatalità», «O Lobo da Montanha», «Il Brigante Musolino», alguns dêles inéditos, de próximo lançamento.



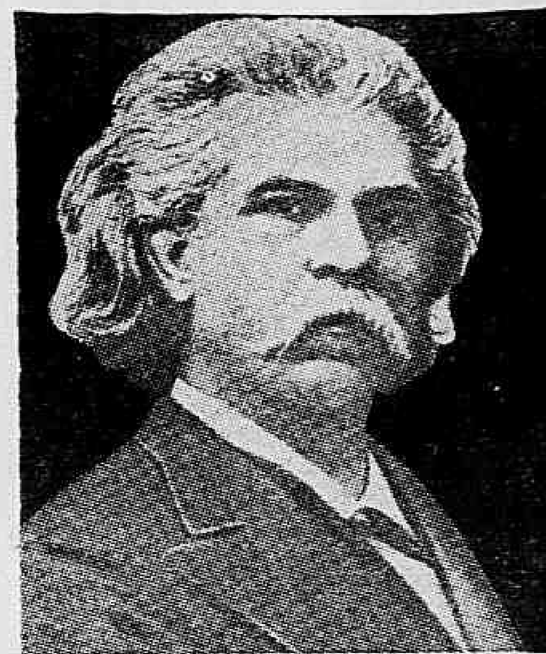
OSWALDO DA CUNHA

O. S. B. ROSENTHAL E KEMPF

EM mais um sarau, o de nº 267, organizado para o cumprimento do seu programa de 51, a Cultura Artística apresentou a Orquestra Sinfônica Brasileira, o maestro Manuel Rosenthal e o pianista Wilhelm Kempf. O programa constituido todo êle de obras de Beethoven e embora fôssem elas bastante conhecidas do público não deixou porém de atrair ao nosso Municipal numerosos apreciadores. O grande atrativo da noite, foi sem dúvida a presença de Wilhelm Kempf, como solista. Foram apresentadas — a "3ª Leonora"; o "Concêrto nº 3", para piano e orquestra; e a "6ª Sinfonia" (a Pastoral). Conduzindo vigorosamente a orquestra, Manuel Rosenthal conseguiu dela uma atuação assaz viva e brilhante, ainda mais que os números executados constituem peças do antigo repertório da O.S.B., que já os tem apresentado em vêzes anteriores, sob a batuta de diferentes regentes. Quanto a Wilhelm Kempf, sem dúvida a atração máxima da noite conduziu-se com as mesmas caracteristicas já nossas conhecidas, dando às suas execuções uma interpretação marcadamente pessoal, atacando com inegável brilhantismo o teclado, sem contudo deixar de tirar dêle a doçura necessária quando acha conveniente.

NOTICIÁRIO

IIª SEMANA DE CARLOS GOMES, EM CAMPINAS — A Comissão de «IIª Semana de Carlos Gomes», que se efetuará em Campinas, de 8 a 15 de julho próximo, desejando imprimir cunho nitidamente nacional ao culto à memória do autor de «O Guaraní», acaba de se dirigir aos Secretários de Educação de todos os Estados do país, pedindo-lhes que cooperem no referido objetivo. Dessa forma, foi sugerido aos citados titulares, que promovam o «Dia de Carlos Gomes», anualmente, a 11 de julho, data que lembra o nascimento do grande gênio musical. Nessa ocasião, todos os estabelecimentos de ensino do país seriam obrigados a render homenagens ao grande musicista brasileiro e a «Hora do Brasil» encarregar-se-ia de elaborar programas escolhidos para serem transmitidos em cadeia pelas emissôras nacionais. Focalizou ainda a Comissão a conveniência de ser o Ministério de Educação autorizado a gravar, dentro de 3 anos, por iniciativa própria, ou mediante entendimentos com emprêsas particulares, tôdas as óperas de Carlos Gomes. As festividades poderão constar de pequenos programas artísticos nas escolas, bem como de preleções sôbre a vida e a obra do imortal artista brasileiro. Foi suferido, mais, nomeie o govêrno uma comissão de técnicos que se encarregará de reunir, por cópia, tôda a produção esparsa de Carlos Gomes, que se encontra em poder de particulares, no Museu de Petrópolis e no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas a fim de posteriormente ser divulgada para maior conhecimento dos brasileiros. Na Câmara Federal, o deputado eleito por Campinas, Prof. Nelson Amegna apresentou o projeto de lei que institui o «Dia de Carlos Gomes» e que autoriza também o govêrno a gravar tôdas as óperas do insigne artista. Ao justificar o encaminhamento daquele trabalho, sugerido pela Comissão da IIª Semana de Carlos Gomes e atendendo a uma sugestão do sr. Francisco Pereira da Silva, residente em Curitiba, afirma o referido parlamentar: «Filho de Campinas, Carlos Gomes foi na verdade uma glória brasileira. Sua vida e sua obra estão entrelaçadas às tradições e emoções dos paulistas, dos fluminenses ribeirinhos do Paquequer e do Paraíba, dos cariocas brindados na Alvorada de «Lo Schiavo», com a tradução musical da sua encantadora paisagem Guanabarina, com os parenses que o acolheram no fim da vida, com os bahianos que lhe ofereceram as mais festivas homenagens e lhe deram os mais autorizados biógrafos. A sua vida foi um anseio de bem servir o Brasil. E, melhor que ninguém, êle contou ao mundo, na linguagem universal das suas óperas, as belezas da nossa terra, o lirismo da nossa gente, a bravura do nosso homem, os dramas da nossa história e o fascínio das nossas lendas. Cabe-lhe um lugar no altar da Pátria, onde a admiração que a sua obra eternamente despertará nas novas gerações se transubstanciará em fervorosa admiração ao próprio Brasil».



CARLOS GOMES cuja segunda semana será comemorada entre 8 e 15 de julho próximo.

★ ESTRÊIA NA ITÁLIA UMA JOVEM CANTORA BRASILEIRA — Ângela Pistilillni artista brasileira, muito moça, que acaba de estreiar na cena lírica italiana, começa agora sua carreira triunfal na grande pátria da música. Sua primeira interpretação foi a

(Cont. na pág. 25)

Pausa para meditação



MARIZA LOPES RIBEIRO (Foto NODGI)

GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

HUGO SCHLESINGER

(Continuação do núm. anterior)

Tôdas as sugestões, correções como também indicações para completamento e aperfeiçoamento dêste glossário, favor enviar para «INTERPUBLIC» — Caixa Postal 5926 — S. Paulo. O autor agradece a todos que se mostrarem interessados na elaboração de um dicionário da linguagem cinematográfica pela gentil e desinteressada colaboração.

«DECOUPAGE» — Roteiro detalhado, contendo uma descrição completa de cada cena e de cada plano.

DECUPAR — Decupar um filme consiste em traduzir o cenário, em linguagem cinematográfica, por intermédio de planos, ângulos e movimentos.

DECORADOR — Encarregado de providenciar e armar as decorações ou cenários, para filmagem de interiores, em estúdios.

D.E.F.A. — Deutsche Film Aktiengesellschaft — Sociedade Cinematográfica Alemã — existente atualmente na zona russa.

DESENLACE — Desfêcho, final ou solução dada ao problema cinematográfico.

DIAFRAGMA — Chapa perfurada em alguns instrumentos óticos para regular a passagem da luz, eliminando raios laterais.

DIAPOSITIVO — Fotografia positiva em vidro, destinada a ser projetada ou vista por transparência.

DIFRAÇÃO — Encurvamento dos raios luminosos.

DIRETOR — «Responsável e mestre do filme» — definição de Jean Cocteau. Autor da obra cinematográfica, responsável por tôda a equipe, pelo êxito ou fracasso do filme.

DISTANCIA — Espaço que separa dois objetos: afastamento entre dois pontos; intervalo.

DISTANCIA FOCAL — Distância entre o centro ótico de um espelho ou de uma lente e um ponto no qual os ráios convergem.

DISTANCIA HIPERFOGAL — Distância entre objetiva e limite anterior da zona de nitidez, com a objetiva focalizada para o infinito.

DOBRAGEM — Post-sincronização, que substitui o diálogo pela sua tradução aproximada.

DUFAYCOLOR — Processo para fotografia em côres.

ECLIPSE — Figura do estilo cinematog.: Superversão de imagens que seriam, lògicamente, úteis, mas que cinematogràficamente, são dispensáveis. Esta figura traz a rapidez e a inesperada aproximação de imagens, provocando reações mais fortes no espectador.

EMULSÃO — Camada sensível, aplicada em chapas, filmes e papéis.

ENSAIO — Teste, verificação, prova, exame.

EQUIPAMENTO CINEMATOGRAFICO — Conjunto de aparelhos necessários para os trabalhos técnicos de filmagem.

ESPECTRO ELIÓGRAFO — Câmara (instrumento) destinado a fotografar o sol em luz monocrômica.

EXPOSIÇÃO — Abertura útil da objetiva.

(Cont. no próximo número)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

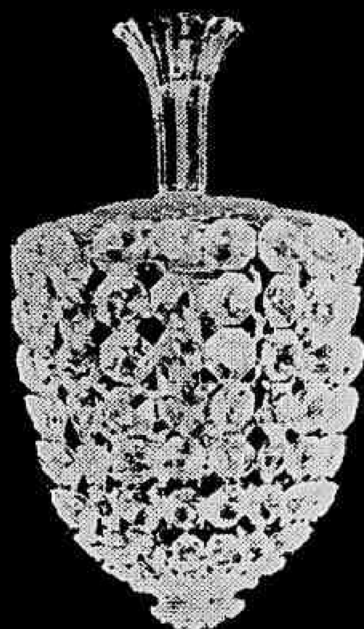
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

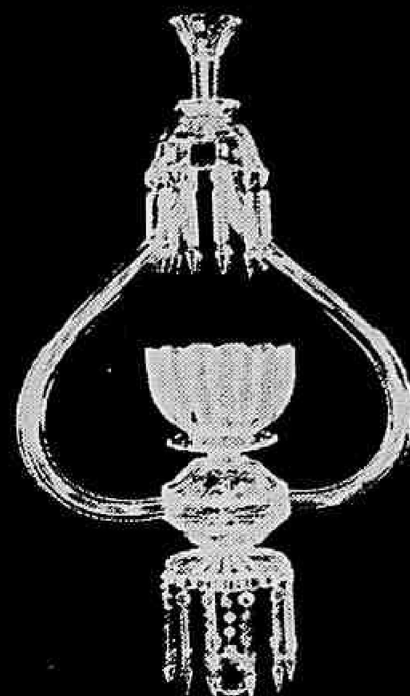
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

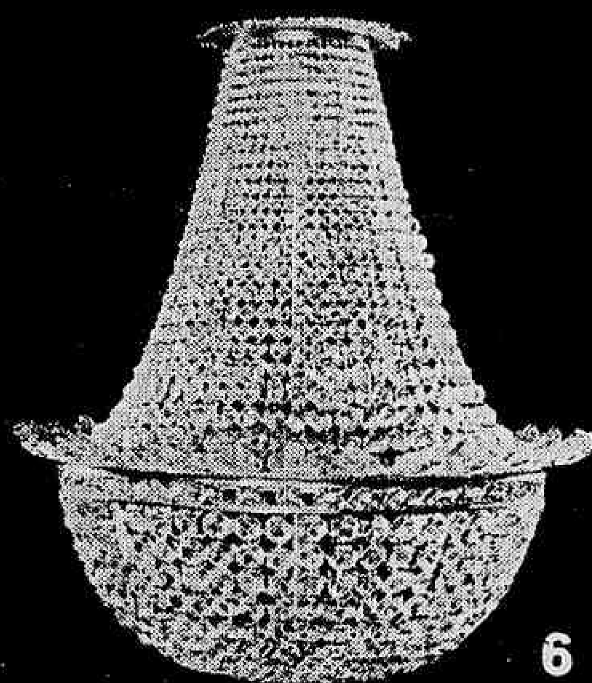


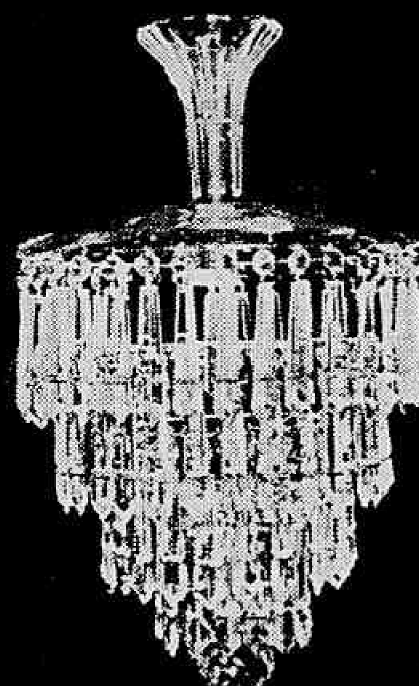


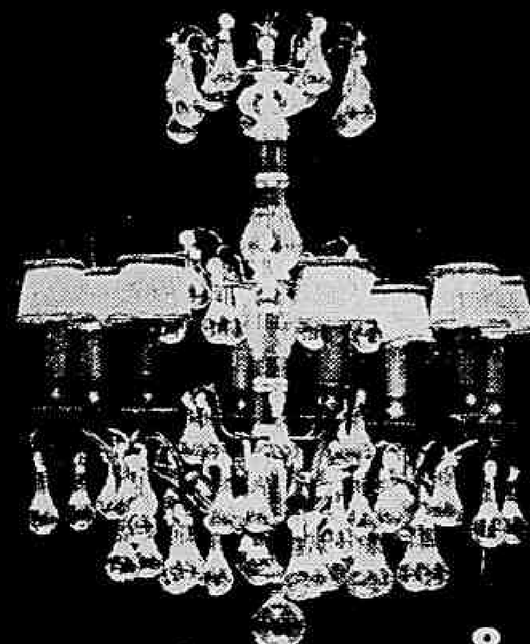




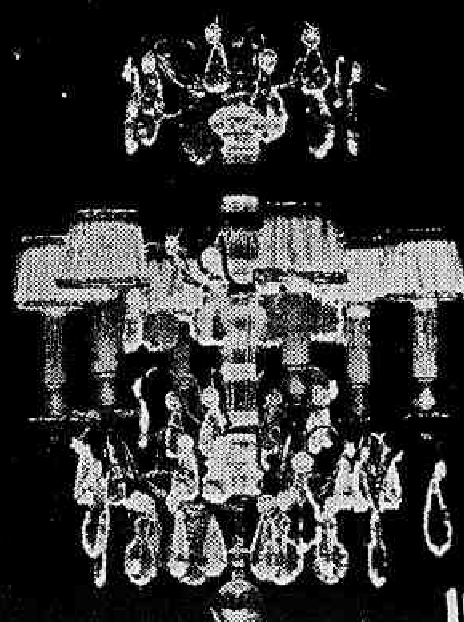


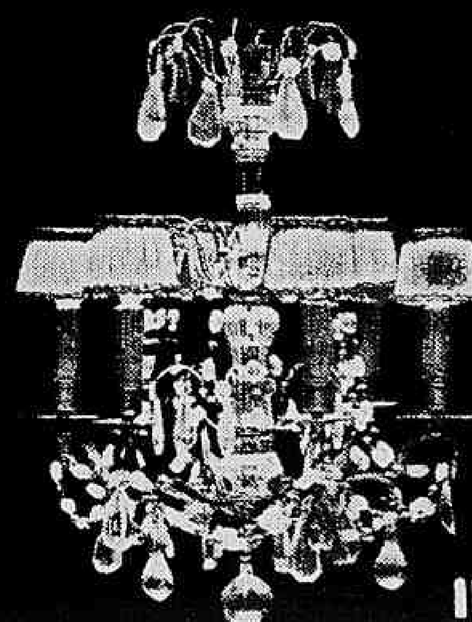


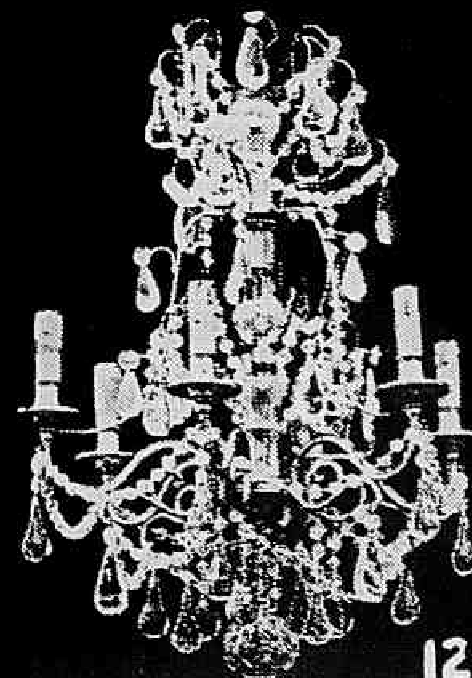












ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

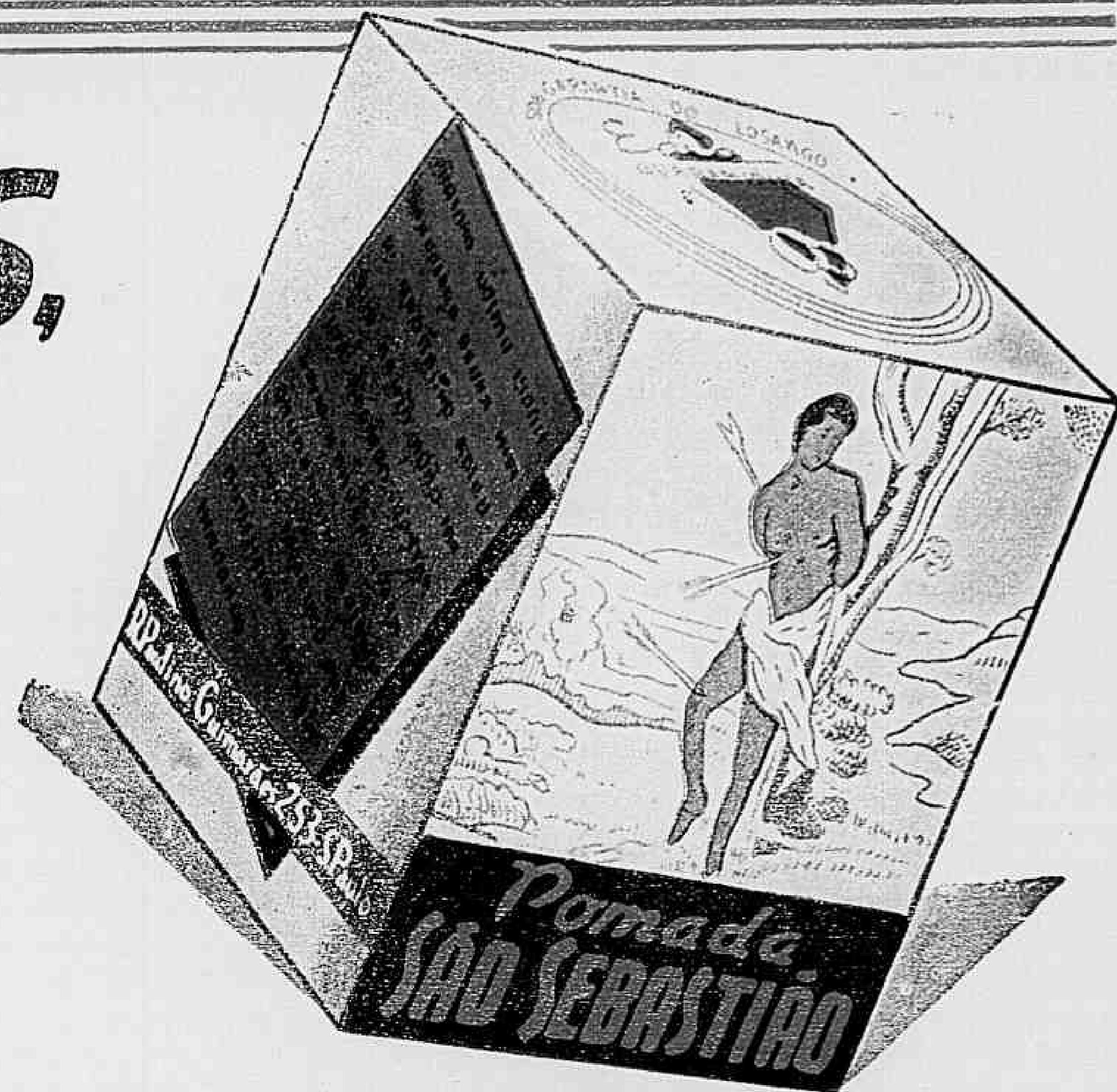
Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada
SÃO SEBASTIÃO